



Hamilton Magalhães

Suzana Magalhães

# SALTANDO PARA O PERIGO

uma vida em  
tropas operacionais

 peripécia



Hamilton Magalhães

Suzana Magalhães

# SALTANDO PARA O PERIGO

uma vida em  
tropas operacionais

| SÃO PAULO | 2026 |  peripécia

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

Mi88

Magalhães, Hamilton -  
Saltando para o perigo: uma vida em tropas  
operacionais / Hamilton Magalhães, Suzana  
Magalhães. – São Paulo: Peripécia, 2026.

Livro em PDF

ISBN 978-65-88192-47-4

1. Forças Especiais. 2. Cultura militar.  
3. Operações militares. 4. Valores militares.  
5. Educação militar. I. Magalhães, Hamilton.  
II. Magalhães, Suzana. III. Título.

CDD 355.007

Índice para catálogo sistemático:

I. Educação militar

Simone Sales - Bibliotecária - CRB ES-000814/0

Copyright © Pimenta Cultural, alguns direitos reservados.

Copyright do texto © 2026 o autor e a autora.

Copyright da edição © 2026 Pimenta Cultural.

Esta obra é licenciada por uma Licença Creative Commons:

*Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional - (CC BY-NC-ND 4.0).*

Os termos desta licença estão disponíveis em:

[<https://creativecommons.org/licenses/>](https://creativecommons.org/licenses/).

Direitos para esta edição cedidos à Pimenta Cultural.

O conteúdo publicado não representa a posição oficial da Pimenta Cultural.

---

Direção editorial	Patricia Bieging Raul Inácio Busarello
Editora executiva	Patricia Bieging
Coordenadora editorial	Landressa Rita Schiefelbein
Assistente editorial	Ana Flávia Pivisan Kobata Júlia Marra Torres
Diretor de criação	Raul Inácio Busarello
Assistente de arte	Naiara Von Groll
Edição eletrônica	Stela Tiemi Hashimoto Kanada
Imagens da capa	Hamilton José de Souza Magalhães Filho
Tipografias	Acumin, Abril, Impact, Rockwell Nova
Revisão	Suzana Marly da Costa Magalhães
Autores	Hamilton Magalhães Suzana Magalhães

---

**PIMENTA CULTURAL**

São Paulo • SP

+55 (11) 96766 2200

[livro@pimentacultural.com](mailto:livro@pimentacultural.com)

[www.pimentacultural.com](http://www.pimentacultural.com)



**peripécia**

2 0 2 6

# SUMÁRIO

Apresentação ..... 6

**DIANTE DA MORTE . . . . . 10**

Insônia..... 12

Asfixia ..... 18

No vazio ..... 26

A morte do soldado..... 35

Um piquenique no inferno .....40

**EM FACE DO ESTRANHO . . . . . 48**

O charco .....50

E aí, Laurentino? ..... 56

O Curupira ..... 59

**SALVANDO VIDAS . . . . . 66**

Jihad..... 68

Sobre o autor e a autora..... 154



*Aos nossos pais, Hamilton e Marly,  
que gostariam muito desse livro.*



# APRESENTAÇÃO

Esse livro foi escrito por dois irmãos. Militares de uma família na qual, há um século, há oficiais do Exército. Ele é de Infantaria, como o pai. Ela é do Quadro Complementar, da especialidade de Pedagogia. Ele é operacional, com catorze cursos voltados para o combate, e um exímio contador de histórias. Ela é romancista, especializada em educação e cultura militar, com vários livros publicados sobre o tema. Ambos compartilham a situação existencial de resgatar as suas experiências nas fileiras das Forças Armadas brasileiras para melhor compreendê-las, ao modo da homenagem, mas também do depoimento.

Este livro busca dar voz a quem não tem uma há várias décadas. Na esteira dos ódios e ressentimentos ruminados desde 1985, tem-se negado aos militares a possibilidade de expressão de sua vivência profissional e visão de mundo. A eles, recusa-se a expressão da própria memória fora dos muros da caserna. Seja do ponto de vista pessoal ou institucional, eles não podem se exprimir publicamente sem serem subestimados ou menosprezados como coautores de um fato histórico fundador, 1964, à luz do qual o seu passado, presente e futuro são reescritos.

Contrapondo-se ao silenciamento autoritário dos militares, este livro devolveu-lhes a voz, com os meios expressivos que a arte narrativa proporciona, pois permite ao leitor se colocar no lugar dos personagens. Nesse sentido, a obra permite um vislumbre do cotidiano dos quartéis



e das operações militares que raramente se encontra nas ciências sociais e na literatura do País.

De fato, a reboque de um discurso pós-moderno, a ciência e a arte têm hoje uma missão libertária e contestam instituições tradicionais como as Forças Armadas, difundindo estereótipos negativos sobre os militares. Pouco importa que elas tenham uma missão constitucional. Não interessa que realizem atividades de assistência social em localidades nas quais o Estado é ausente. Tanto faz o nível considerável do impacto do recrutamento militar obrigatório na inserção profissional de gerações de jovens...

Sabe-se que a arte e a ciência não são neutras, pois, como toda obra humana, são permeadas de valores. Entretanto, a principal função da ciência e da arte não pode ser moral nem servir a um propósito político, seja de direita ou de esquerda. O objetivo da ciência é investigar como o mundo funciona, sem jamais dar a única e última palavra, permitindo, na perspectiva de Karl Popper, a elaboração constante de conjecturas e refutações.

Por outro lado, um dos objetivos da arte (e da literatura) é permitir a expressão da experiência humana, ao se imaginar a vida das outras pessoas, por meio do exercício espontâneo da empatia. Não é fazer proposta de reforma social e crítica política. Ambas ensejam o uso de clichês morais e psicológicos que não dão conta das contradições e aporias da vida, pois distinguem, em preto e branco, os que são bons e maus, apagando as zonas cinzentas.

Assim, o leitor deveria se perguntar, no dizer de Amós Oz: *e se eu fosse ele? E se fosse ela? O que sentiria, desejaria,*



*temeria e esperaria?* Para o autor, caberia à literatura realizar o exercício da curiosidade em relação ao outro, sem o qual não se pode ter a tolerância que nasce da aceitação da complexidade do mundo...

Nesse sentido, este livro pretende descortinar as experiências memorialísticas de um militar das Forças Especiais, livremente adaptadas mediante um tratamento literário. Os contos e novelas aqui reunidos, para além das fronteiras que separam a ficção e a realidade, abordam fatos verídicos ou inventados e inserem personagens fictícios em situações que, de fato, aconteceram.

Os contos e novelas foram distribuídos em três partes - *Diante da morte*, *Em face do estranho*, *Salvando vidas* - que refletem uma determinada interpretação da profissão militar, a mesma que inspira também o *páthos* das histórias: os valores, emoções e sentimentos que norteiam a conduta dos personagens.

Os contos que descrevem situações de risco extremo são, ora sensoriais, como *Asfixia*, a respeito do que sente um paraquedista de salto livre em apuros, ou alucinatórios, como *Insônia*. Outros realizam uma homenagem póstuma, como *A morte do soldado*, ou constroem uma fábula moral sobre a humildade e a arrogância, como *No Vazio*. Seguindo os cânones do romance de espionagem, *Jihad* faz o relato de uma Copa do Mundo que poucos conhecem, considerando as comunidades muçulmanas do sul do país, enquanto a vivência nacional, própria da vida do soldado, traz possibilidades de descoberta das matrizes primevas da cultura e da natureza brasileira, nos contos que integram *Em face do Estranho*.



Espera-se que o livro contribua para uma maior compreensão sobre a vida e atividade profissional dos militares no Brasil, do final do século XX e início do XXI, sobre o modo como eles pensam e sentem, em uma profissão que integra dimensões aparentemente inconciliáveis da vida humana, a saber, o lúdico e o sacrificial...

**Suzana Magalhães**





**DIANTE  
DA MORTE**

“Gostaria de pedir-lhe que enxotasse a morte,  
mas essa se aninhara sobre seu peito de tal  
modo que ele mal podia respirar”.

(Ernest Hemingway)



# INSÔNIA

Precisava desovar mais de dez grupos de combate em vários locais diferentes no coração do Pará, em Carajás, e, assim, localizar e inquietar os guerrilheiros ligados ao narcotráfico.

A selva estava tomada de árvores caídas e de vegetação de pequeno porte, por efeito das tempestades das últimas semanas.

A desova ocorreu como planejado. Descemos pesados de *fast hope* em várias clareiras. No chão, as patrulhas começaram a se locomover. Às quatro horas da tarde, eu disse ao comandante do grupo:

“Velho, preciso dormir”.

“Mas capitão, vamos parar às cinco horas... Não se progride na selva à noite.”

Respondi que eu estava há doze dias sem dormir.

Eu ouvia os sons mais baixos do que o normal e a confusão mental era enorme. Já tinha bebido muito café e até fumado para continuar trabalhando, mas havia chegado ao ponto em que somente o sono poderia me devolver a capacidade de raciocinar com clareza.

Eu me vigiava o tempo todo, pois uma desatenção poderia ocasionar um acidente fatal. Tinha até me pendurado por uma corda, com luvas e equipamento pesado, tentando executar com perfeição as técnicas necessárias, sem cair de uma grande altura.



Os meus sentidos estavam profundamente afetados. Eu gritava sem me dar conta e, se a pessoa falasse por perto, estrodeava os meus ouvidos. E ainda me coçava o tempo todo.

“Há quanto tempo vocês estão sem dormir?”, perguntei para o sargento. “Três dias”, respondeu um deles. Outros estavam há ainda mais tempo.

O pior é que os soldados, menos experientes, também estavam expostos a essas condições adversas.

Montamos um dispositivo de segurança e estabelecemos um horário para cada homem permanecer atento, de vigia. Fizemos de um jeito que eu poderia dormir das cinco horas da tarde às duas e meia da manhã. Era inacreditável tamanha sorte.

Então me estirei no chão, com a mochila de travesseiro. O sargento me olhava fixamente. “Capitão, o senhor vai descansar aí? Nós costumamos usar a rede de selva para ficar fora da umidade do chão”.

Ignorei o comentário e capotei.

O planejamento deve ter prosseguido, com diversos eventos, tais como emprego do helicóptero M2, *Black Hawk*, manobras, recrutamentos de informantes e colaboradores.

Sei lá quanto tempo depois, o sargento me acordou no susto. Já estava escuro. “Capitão, levanta!” Ainda tonto, olhei o relógio. “Ainda são dez horas, cara!”

O sargento fez uma pausa. “Todo mundo está estressado”. E me passou uns óculos de visão noturna. Aí eu vi onça pra caramba nos cercando. Umaz dez. Suçuarana, negra e a pintada, a maior de todas.



Jesus. Isso não acontece. São animais solitários, que, no máximo, caçam em dupla no cio. O que diabo era aquilo.

Devia estar faltando comida por ali. Elas estavam reunidas para tirar o atraso em cima da gente.

Formavam um perímetro, nos sitiando de um modo estranho, já que onça de emboscada não faz barulho, nem se mexe, senão espanta a caça.

Umam lambiam a pata grossa. As pardas louras e de grandes olhos verdes ficavam sentadas, na maciota. As pretas estavam deitadas, de lado, descansando. E as pintadas... eu as via de barriga branca, a cauda grossa indo de lá para cá. Algumas estavam de bote armado, o torso arqueado, a cara de poucos amigos, os olhos amarelos fixos em nós, o repasto saboroso ao alcance de um salto.

Eu esfregava os olhos e não acreditava no que via. Coloquei e tirei os óculos várias vezes. Nós éramos treze. Desse jeito, iria faltar talvez comida para tanta onça.

Eu me acocorei, tentando pensar em uma saída. Não se podia subir em árvore. Elas o faziam melhor que nós. Nada de fogueira ou de atirar, em caso de emergência. Iria chamar a atenção do inimigo. Era melhor ficar todo mundo no centro, de frente para elas, formando um círculo mágico, devoto, de sobreviventes teimosos, que achavam o cúmulo perder a vida para as feras e não para os homens, sem uma luta de verdade. Seria um fim estúpido e inglório.

Em outras circunstâncias, teríamos que fazer como os índios crióis: pintar a cara nas costas, para confundi-las.

Foi quando eu me lembrei do episódio de uma onça gigante que havia estacionado perto da casa do índio



Laurentino, no Alto Traíra, na Amazônia ocidental, quando tínhamos que jogar pedras e galhos para desconcentrar a bicha na hora do bote.

Juntamos pedras e começamos a atirar nas onças com alguma regularidade, por turnos. Quando não era minha vez, cochilava por instantes, a cabeça caía para frente com força e eu acordava apavorado, de supetão. Cheguei a sonhar que uma delas me puxava pelos pés, mato afora, como é de seu costume.

Dei um pulo e me levantei, cambaleando. Mas ainda estava ali com os companheiros.

Às vezes, um deles caía por cima de mim ou de outro, exaurido, e tínhamos que empurrar e gritar para que acordasse.

Eu estava impressionado com uma parda gigante que não saía da minha cola. Quietona, mas de olho fixo, claro, faiscando feito um boitatá, olhando direto para mim, parecia que tinha me escolhido. Abria a bocarra imensa, bocejando, o rabo flutuando no ar, e franzia os bigodes. Eu conseguia até ouvir aquele rosnado característico dela, aliás, de todo gato brabo. “Fffffff”. As presas enormes, pontiagudas, ameaçando.

Ela ia me pegar.

A parda fez “Fffffff” e se levantou. Deu uma patada em uma presa invisível e olhou para mim. Dessa vez, emitiu um rosnado baixo e grave, com a boca fechada.

Eu preferia atirar pedras nas outras onças, mas na parda, não. Iria parecer provocação.



“Temos que dar o fora”, pensei. E por alguns segundos, cochilei, apesar de um esforço imenso para ficar acordado. Nem assim descansava daquela desgraça, infelizmente, pois a parda andava por dentro dos meus sonhos, pisando macio na mata cheia, quente e úmida, cheirando a minha gandola e a mochila, passando a língua no meu braço, fazendo sangrar, de tão áspera.

Eu escutei os companheiros chamando o meu nome, que reverberava em eco até se perder no fundo da selva. Eu respondi com a voz pastosa, quase inaudível. Tentei me levantar e perdi o equilíbrio.

Não importava, era preciso buscar mais pedras.

Saí com os óculos de visão noturna, mas achei efetivamente as pedras por tateio. “Daqui a pouco não vai ter mais nenhuma”. Pensei ou falei, não sei. A essa altura, era difícil distinguir uma coisa da outra. Um dos soldados contava histórias tão alto que eu pensei que iriam perfurar os meus tímpanos. Até as onças deveriam correr daquilo, já que detestavam zoada. “Cara, você vai revelar a nossa posição”, eu disse, sentando de novo, trôpego, mas ninguém parecia me escutar. Eles continuavam a conversar entre si, me ignorando.

Alguém disse que já ia amanhecer. “Como é que tu sabe?”

De fato, a selva acordava tarde ou não amanhecia.

A verdade é que a noite só estava no começo e não iria terminar nunca, feito uma cobra engolindo o próprio rabo, aquela escuridão oscilante dentro e fora de nós se alargando e tomando conta do mundo, as onças de tocaia rastejando à nossa volta devagarzinho até morder a nossa jugular.



No silêncio absoluto no qual o negrume crescia, eu já não sentia mais os pés nem as mãos. Só um grande vão me enrascando até o fundo. Parecia um caminho sem volta, mas eu tinha que reagir.

Inspirei e expirei com calma estudada, contando em voz alta, como na porta do avião, olhando para baixo, como precursor, para fazer o lançamento dos saltadores, para controlar o medo. Um, dois. Um, dois. O peito inchava e secava, a língua sibilava. Um, dois.

O escuro acinzentou, amarelou, as bordas ficaram mais claras. Senti um solavanco. Vislumbrei uma luz acima, recortada no altíssimo das árvores. Consegui discernir o rosto do sargento de perto, enorme, embaçado, mas reconhecível.

E o cheiro pujante da mata me invadiu, de água e de terra molhada. A selva falava, urrava e ria de nós: um curso d'água próximo borbulhava e a bicharada fazia "Ah, ah, ah, ah...Uá, uá, uá...prrrrrrrr"...

Abri os olhos e me sentei. Não consegui distinguir claramente o entorno devido à névoa matinal, mas vi que os companheiros estavam por ali, se preparando para prosseguir na missão.

Mais uma vez, havíamos sobrevivido...



## ASFIXIA

Foi uma das vezes em que vi a morte de perto. Aconteceu quando eu servia no Batalhão de Ações de Comandos, em uma atividade de salto livre em grande altitude, com abertura alta do paraquedas (HAHO - *hight altitude hight open*).

Para quem não conhece, o salto livre, feito a grande altitude, é uma das invenções da Guerra Fria. Os americanos precisavam entrar no território russo, infiltrando militares, passando despercebidos pelo controle de fronteiras. Saltando na fronteira, era possível driblar os radares, penetrando no território russo pelo ar. O paraquedas abria a dez quilômetros de altura e deslocava horizontalmente para o território russo, dirigido pelo próprio militar.

No caso que vou relatar, tratava-se de um salto livre que ocorreu durante um treinamento, a Operação Soturno Negro, cujo planejamento havia sido realizado madrugadas afora. Era um salto em grande altitude com alta abertura, que deveria ser lançado no limite de territórios pequenos e sob estrita vigilância terrestre.

A operação começaria com o lançamento do Destacamento de Reconhecimento e Caçadores, por meio de um C-130, a uns nove quilômetros de altura e abrindo a mais ou menos oito quilômetros.

Nessa altura, é preciso esclarecer, há baixíssima pressão e frio extremo. Além disso, respirar o oxigênio puro expõe os militares a grandes riscos, pois a fisiologia da baixa pressão impõe situações de grande incerteza. Isso implica



em retirar do sangue o nitrogênio. Também não podemos perder a calma e respirar rapidamente, pois pode provocar alcalose, na qual o sangue se torna excessivamente alcalino. Além disso, o oxigênio pode escapular da máscara e causar a falta de oxigênio a oito mil metros de altitude. Há ainda o frio extremo, que pode causar o congelamento das extremidades do corpo.

Inicialmente, realizamos a manutenção em todo o equipamento e ensaiamos os saltos. Ocorreram duas panes por causa de luvas muito espessas, por não termos localizado os punhos de comando dos paraquedas, por onde é realizada a sua abertura.

Senhores, eis o saltador, o “monstro de mashmallow”, com todos os seus equipamentos: paraquedas principal, reserva, mochila, mesa-console, capacete de salto para grande altitude, fuzil, pistola, munição, roupas de frio, faca, soqueira, dois macacões, luvas, ração, água, material de comunicações, material de socorros de urgência, óculos de visão noturna, binóculo, bússola.

Após os saltos de ensaio, o comandante me procurou e perguntou se poderíamos prosseguir ou se era melhor cancelar a operação, devido às panes. Esse aspecto era muito preocupante para os saltadores menos experientes.

Pensei sobre a virtude da prudência, mas também no chamado medo restrigente, o temor adquirido depois de um insucesso, que pode limitar para sempre a iniciativa dos homens naquela atividade. O que quero dizer é que os saltadores sabem que, quando um acidente ou incidente aeroterrestre ocorre, é necessário fazer tudo de



novo, o quanto antes, a fim de reaver a autoconfiança perdida, desfazendo o desconforto do erro no consciente e no inconsciente dos homens.

Por essa razão, argumentei no sentido de que a missão deveria continuar (!!). O comandante concordou e deu a ordem para iniciarmos os preparativos.

Quando tudo estava pronto, fizemos o *briefing* final. Apresentei, por ordem do comandante, toda a operação, detalhando as ações, especificando as necessidades logísticas e as coordenações necessárias.

Mas o nosso general não estava em condições de apoiar a operação com cilindros plenos de oxigênio portátil. Poderia, sim, com meio cilindro por saltador e com o console coletivo, pleno, que fica no piso da aeronave. Todos poderiam respirar o oxigênio do console até o salto. Após abandonar a aeronave, teríamos que respirar o oxigênio do reservatório portátil, preso à cintura dos guerreiros.

Para maior segurança, resolvemos adaptar o salto para uma altitude mais baixa, lançando a nove quilômetros e abrindo o paraquedas a uns oito.

Fomos em frente. Decolamos. A aeronave já estava navegando há mais de uma hora, respirando o oxigênio puro do console coletivo. Assim, fizemos a “desnitrogenação” do sangue. A luz vermelha acendeu e desconectamos o oxigênio do console central e conectamos o oxigênio portátil. Depois, chegamos a um ponto do espaço a um minuto do ponto de saída, que chamamos de pré-ponto de saída. No caso, era a Universidade de Santa Maria.



É preciso esclarecer que o ponto de saída costuma ser calculado usando o perfil da direção dos ventos em parcelas de mil metros até o solo, considerando os nove quilômetros. O vetor resultante de todas as parcelas indicaria a direção a seguir, depois de abandonar a aeronave...

Então, na hora do salto, a luz, antes vermelha, ficou verde. Todos saíram de mergulho, três segundos depois. Comandamos o punho de comando dos paraquedas. O paraquedas principal estava totalmente aberto e eu fiz o teste funcional. Estava tudo certo. Os demais saltadores estavam escalonados atrás de mim, os catorze. Ninguém havia deixado de ligar o oxigênio portátil - uma das minhas maiores preocupações.

Preparei o meu console para a navegação e me sentei na cadeira de assento. A direção a seguir era de quarenta graus. Registrei na bússola, presa na perna, e depois, no GPS, que, mais tarde, encontrou a direção. O céu estava límpido e a temperatura era de quatro graus centígrados no solo. Até ali, estávamos sem problemas, apesar do vento de cento e setenta quilômetros por hora, a oito quilômetros de altitude. A situação estava melhor do que no ensaio. Olhei para trás e contei os paraquedas abertos novamente. Todos estavam lá, graças a Deus, sem nenhuma pane.

Sentei-me na sela e examinei a bússola. Na sequência, o GPS repassou os dados, marcando a temperatura de vinte e cinco graus negativos, mas eu não sentia frio, devido à adrenalina. Era um dia claro, ensolarado, com poucas nuvens no céu, apenas uns cirros translúcidos, nuvens de alta altitude. Apesar da grande altura, via-se o quadrado pequeno do campus da universidade e uma estrada retilínea a leste.



Fazia-se um silêncio absoluto.

Mantivemos a proa.

Quando chegamos a uns seis quilômetros, de repente, fiquei sem fôlego. Inicialmente, achei que era o frio, mas era grande demais o esforço para inspirar. Separei o paraquedas principal do reserva, preparando-me para desconectar o paraquedas principal.

Eu poderia cair a uns três quilômetros e comandar o reserva, a uma altitude na qual já havia oxigênio, a quatro quilômetros do solo. Entretanto, se desmaiasse, o dispositivo de abertura automática poderia não funcionar e eu iria ao chão, inconsciente, por ter separado a conexão do paraquedas principal com o reserva.

Aflito, observei os outros, mas ninguém parecia ter problemas. Eu ainda conseguia inalar um pouco de ar, só não sabia quanto tempo conseguiria suportar. Se ficasse imóvel, poupando o consumo de oxigênio...Então, decidi não desconectar. Fiquei feito um cão numa canoa, sendo levado pelas correntezas. Balançava ao sabor dos ventos, que sibilavam no *slider*, o tecido de nylon esticado sobre a minha cabeça. Eu arfava enquanto deslizava pelos ares. Quando via que o vento estava me conduzindo para fora da proa, erguia um braço e puxava o batoque do paraquedas. Depois, conectei o reserva ao principal por meio do *Steven System*.

Falava comigo mesmo e com Deus. “Faça isso ou aquilo”... “Cuidado!” “Calma..Vai dar certo!”

Nesse ponto, desconfiei que o ar estava escapando pela máscara. Amaldiçoei o diabo do meu rosto, que, por ser fino, facilitava a fuga do oxigênio, mesmo com o velcro adesivo.



A seguir, a escuridão começou a crescer e os objetos se perdiam na distância, borrados, cada vez menores, ao final de um cone imaginário. Era a chamada visão em túnel, um efeito da falta de oxigênio, que comprometia a percepção periférica. As luzes e as formas perdiam a nitidez, aparecendo somente os objetos no centro do campo de visão.

Também não conseguia mais concatenar as ideias. Que sanhaço.

A verdade é que cada um apresenta sintomas diferentes da hipóxia. Como se a falta de algo tão essencial como o ar aflorasse os temores latentes da pessoa...

Felizmente, a uns seis mil e oitocentos metros de altitude, comecei a me sentir melhor. A visão em túnel desapareceu. Olhei para cima e vi a escadinha de paraquedas dos demais saltadores, com exceção do capitão Victor, que era o líder, que estava à frente e mais abaixo.

Eu sabia que mantivera a direção correta, mas ainda estava alto demais para identificar a área de aterragem. Conseguia enxergar, abaixo de nós, a rodovia estadual longa e estreita, que ligava Santa Maria ao município de Faxinal do Soturno. Depois, identifiquei a área de aterragem, distante de algumas torres de alta tensão, que precisava evitar a todo custo. Eu sentia que descia lentamente, embora o GPS acusasse a velocidade máxima de cento e sessenta e quatro quilômetros por hora. Às vezes, o paraquedas tremia todo e o vento no bordo de fuga chegava a deformá-lo, causando grande preocupação.

A uns dois quilômetros de altitude, detectei a zona de aterragem, quase dentro de Faxinal.



A novecentos metros de altura, vislumbrei a equipe-terra, de apoio, e um lago à direita. Liberei minha mochila para os tornozelos e fiz uma curva aberta à esquerda de cento e oitenta graus, preparando para o pouso. Soltei a mochila a vinte centímetros do solo e pousei, mas não desequipei de imediato. Tinha que acompanhar como se saía o resto do destacamento, que foi aterrando aos poucos, próximo da minha posição.

Coletamos o material, que enterramos como era preciso em uma área da mata.

Em combate, essa atividade era arriscada, pois temos que nos esconder até recobramos as condições de marcha, para evitar a embolia, como no mergulho em alta pressão, quando uma bolha de ar pode se alojar em qualquer parte do corpo. Entretanto, no salto, o problema era a baixa pressão. As bolhas faziam o caminho contrário, voltando para as extremidades.

Ficamos deitados, esperando a normalização da circulação sanguínea. Tive uma tremedeira que durou dois dias, de tanto frio que sentia.

Após o perrengue, quando perguntei aos membros do destacamento como tinham reagido ao salto, soube que sete deles haviam tido hipoxia. É a tal história. Nós queríamos cumprir a missão, custasse o que custasse. Apesar das adversidades, essa operação deu certo, assim como as subsequentes: o tiro dos *snipers*, a infiltração dos comandos, o recebimento dos explosivos e a destruição das pontes, além do ataque ao solo com os caças da Força Aérea e a exfiltração.

Senhores, o incrível é que, a nove mil e trezentos metros, nós saímos da aeronave e abrimos os paraquedas a



oito mil metros, a mesma altitude do monte Everest. E não desmaiámos, nem ficámos com sequelas, vejam só. E estou aqui contando a história sem fazer embuste nenhum. Entre viver e morrer, a distância é mínima em situações como aquela. Tínhamos as destrezas, o preparo físico e muita sorte. E, com certeza, Deus e o destino do nosso lado...



## NO VAZIO

Eu era capitão. Tinha uns trinta e poucos anos. Estava há muito tempo na Brigada Paraquedista, desde que saíra da Academia Militar. O que mais gostava era de saltar. Tinha já mais de trezentos saltos e não conseguia vislumbrar um modo de viver que não fosse nas nuvens, na adrenalina, às voltas com as operações aeroterrestres, ombreando todos os dias com os companheiros. Mesmo agora, muitos anos depois, espero ter honrado aquele grupo ao longo da minha carreira permeada de tantos percalços. Naquele tempo, enfrentávamos missões importantes e arriscadas nas quais as situações evoluíam constantemente. Dizíamos sempre que o melhor planejamento que fazíamos durava apenas até as borrachas das aeronaves saírem do chão.

Eu tinha uma afinidade especial com a Amazônia. Havia servido lá e retornado à região em várias missões. Sobretudo nos lugares mais inóspitos, nos quais a presença do Exército era essencial, onde era possível se deparar com um Brasil pouco conhecido e bastante negligenciado. O Exército lá tentava minorar esse estado de coisas. É o que fazem até hoje os pelotões especiais de fronteira. Eles substituem todos os órgãos do poder executivo com um grupo de quarenta militares para ofertar assistência de saúde e medicamentos básicos. As esposas dos militares é que costumam dar aulas para as crianças e jovens em idade escolar, já que não há escola pública e a luz da maloca é uma extensão da luz produzida pelo gerador do pelotão.

Foi em São Joaquim, na fronteira com a Colômbia, na Amazônia ocidental, no estado do Amazonas, que aconteceu o episódio que vou relatar.



Transcorria a Operação Albacora. Tínhamos que lançar uma força-tarefa paraquedista em ação rápida, sem sobreaviso, em Iauaretê. A missão era reforçar os pelotões especiais de fronteira e buscar indícios da presença das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia - as FARC.

Sim, elas mesmo. Já tinham atacado um pelotão às margens do rio Traíra e voltavam a invadir a região. Chantageavam a população ribeirinha, extorquiam garimpeiros e até estupravam mulheres. A Inteligência havia localizado essas infiltrações. A nossa missão era localizar, prender e destruir os destacamentos de guerrilheiros, para dissuadi-los de retornar. Planejamento simples, mas de execução bastante complexa. E se o inimigo tivesse um maior poder de combate? E se houvesse feridos, como faríamos a evacuação? O nosso sistema de comunicações de rádio iria funcionar a média distância?

É preciso dizer que se tratava de uma faixa de fronteira de quinhentos quilômetros até o outro pelotão, sem viva alma. Tínhamos apoio aéreo e tropa em condições de reforçar em São Gabriel da Cachoeira, mas não sabíamos quanto tempo levaria para que chegasse.

Fomos acionados. Partimos do Rio de Janeiro para Manaus. Lá equipamos, às pressas, e embarcamos em três C 130 - o Hércules. Logramos êxito, com vários percalços, que não é o caso de explicar aqui.

O incidente que gostaria de relatar aconteceu depois, quando, depois de alguns dias, como parte da missão, recebemos ordem de ir ao Yaueretê para precedermos um pelotão de fuzileiros paraquedista em São Joaquim.



Nós recebíamos os paraquedas, quando chegou um General, no último posto. Um tipo magro e duro, vermelho, a cabeça toda branca, mas ainda cheia de cabelos. Observando atentamente enquanto executávamos os procedimentos de inspeção de pessoal e embarque.

Tínhamos que fazer um salto precedendo o pelotão. Usaríamos o salto livre e eles, o salto gancho. Isso queria dizer que era um salto livre a doze mil pés, que correspondia a quatro quilômetros de altura. Saltaríamos e somente a quatro mil pés, abriríamos os paraquedas. Tínhamos, portanto, quarenta minutos de navegação. O suficiente para aterrarmos da melhor forma possível, nas poucas áreas viáveis para tal, e ainda considerando o Arú, o nevoeiro orográfico que costuma ocorrer pela manhã, dificultando a visibilidade.

Então, sentei-me no chão da aeronave, pensando nos problemas a serem evitados. Foi aí que notei o General sentado no assento trinta e dois, o último, a dois passos da rampa que se abriria. Ele estava com as costas eretas, rentes ao cordame vermelho do assento, sempre observando. Fiquei bolado. Aquilo não era nada bom. O General ficaria exposto quando a rampa descesse. O General teria o vazio ao lado, a doze mil pés de altura.

Eu tinha que avisá-lo.

Entretanto, eu estava há muito tempo com as tropas paraquedistas e era apenas um capitão. Vejam bem: no Exército, os generais são tratados com muitíssima deferência...

O fato é que os generais da brigada, com quem estava acostumado a lidar, até dormiam no chão com a tropa. Mas esse General era diferente. Muito mais antigo,



praticamente um velho, com quase dez anos a mais, já que estava no último posto.

Eu me levantei, fui ao General e disse: “General, bom dia! sou o capitão F. O senhor poderia se sentar um pouco mais para dentro?”

O General me olhou dentro dos olhos e respondeu em um tom seco: “sou o General B., comandante Militar da Amazônia, e sento onde eu quiser”.

Fiquei chocado com a resposta. “Sim senhor, General”. O risco era ele ser ejetado se houvesse uma queda no vácuo ou convectiva. Mas não havia mais nada a fazer. Voltei para o centro do avião e sentei de novo no chão, com o paraquedas, o rádio, o fuzil e a mochila pressionando para baixo. Óculos, touca. Eram quarenta quilos, meus amigos. E eu havia deixado de apertar melhor a mochila, com essa história de prevenir o General.

Cinquenta minutos depois...

Trinnnnnnn!

“Dez minutos fora!”

O *Load Master*, um sargento com o interfone nos ouvidos, que era tripulante da aeronave, veio com um recado do piloto: “o piloto pergunta se podemos abrir a rampa...”

Após eu aquiescer, levantei-me e confirmei o prosseguimento para o Lançador, que, como o nome diz, faz o trabalho técnico de lançamento de paraquedistas no terreno.

Soou um guincho súbito. As engrenagens rangeram e pararam. E começaram de forma decidida. Tatatatata.



A rampa começou a descer. O barulho dos motores se misturava às pancadas de um vento gélido. Eu olhei para o General, que estava agora pálido, os olhos fixos no vazio abaixo, a doze mil pés. Via-se claramente a serra do Espinhaço, acinzentada, de maciços irregulares, contrastando com a mancha da selva verde ao longe, ao céu de um azul intenso. Entrevia-se, sob o nevoeiro orográfico, as leves ondulações do terreno abaixo em verde escuro.

Levantei-me e pus o cinto de segurança no General e disse: “General, agora o senhor não sai daí.” Ele ficou quieto, nem respondeu. Pedi permissão para iniciar os procedimentos de lançamento. O General não se manifestou. Fui para o centro do avião e fiz sinal para o lançador iniciar. O tenente deu os comandos de levantar, verificar equipamento, contar e o auxiliar de Mestre de Salto procedeu à inspeção frontal e dorsal em todos os saltadores. Então o tenente foi deitar na rampa, confirmando que era boa a visibilidade. Depois, ele corrigiu a posição do avião com toda a equipe às suas costas:

“Mais para a direita. Mais para direita. NA ROTA! Duas vezes. A porta!” Ele ratificou para o interfone, a mão espalmada. A luz verde acendeu e ele bradou para a equipe: “JÁ!!!!”

Quando o tenente saiu e mergulhou no vácuo, de bruços, fez uma capotagem, ficando com as pernas para cima, como, às vezes, acontece. É a velocidade do avião que provoca o arrasto. No salto livre é assim: a gente cai para pegar o colchão de ar, oscila, inverte, e somente depois é que o corpo horizontaliza.

Eu saí depois dele. Botei o braço e o vento me puxou. Foi quando a mochila, que já estava baixa, arriou. Tinha



sido alterado o “G”, o ponto de equilíbrio. Mochila pesada demais, que não tinha sido ajustada adequadamente. E comecei a dar capotadas bem lentas. Fiz uma força danada nos braços, trazendo a mochila para cima. Virei de cabeça para baixo, jogando com o vento e com o peso da mochila. Essa luta durou tempo demais, mas quando meu altímetro marcou cinco mil pés, consegui estabilizar a queda. Então comandeí a quatro mil pés. Foi quando o paraquedas abriu. Eu tinha agora que perder altura, descobrir o vento e trazer os homens com segurança para uma maloca chamada Uairirambé, próxima a São Joaquim.

Tentei aterrar rápido e antes de todo o mundo. Via claramente a pista de pouso e decolagem que separava o pelotão de fronteira ao norte, da localidade de Uairirambé, que queria dizer gato selvagem. Era onde vivia a comunidade da etnia Baniwa, com a sua escola no centro. A sudeste, descontinava-se a serra do Espinhaço, um dos nossos objetivos.

Aterrei rápido, peguei na mochila os equipamentos de rádio terra-avião, carregador, espelho, e o resto dos equipamentos.

A essa altura, percebi que o avião estava pronto para lançar o pelotão:

— “Coral cinquenta e seis na final! Ciente! Esquerda dez!”

Corri para desviar o avião do pelotão na direção da pista e da maloca.

— “NA ROTA! Atenção para o lançamento, JÁ, JÁ, JÁ!”

Foi quando o avião entrou no circuito para pouso.



Entrei em contato com a aeronave: “Coral cinquenta e seis, há paraquedista no ar, solicito alongar circuito de pouso.”

A verdade é que eu estranhava o pouso do avião. A previsão era nos lançar e ir para São Gabriel da Cachoeira, onde estava o posto de comando da operação. Talvez a mudança de rota tivesse a ver com a presença do General.

Os paraquedistas se reuniram na maloca próxima, mas sem tocar no assunto, e o avião pousou.

Quando desembarcou, o general me disse: “ponha a tropa em forma”. Pensei na hora que ele havia se aborrecido comigo.

Diante da tropa, ele fez um discurso incisivo. Queria nos parabenizar pela coragem. “Eu não sabia que era assim”, acrescentou. Ele falava com a voz alta e forte, como deveria ser, mas que já lhe saía rouca no final. Pensava talvez nos tempos em que fora tenente e capitão, quando ainda tinha uma atividade operacional. Nas aventuras de que tinha participado, na resolução de fazer e na apreensão em face de uma tarefa cheia de riscos. No medo e na insegurança. Na tranquilidade dada pelo treinamento exaustivamente repetido. No sentimento de união com a tropa, realizando algo através do intenso esforço coordenado de um grupamento.

Ou talvez nunca tenha sabido como era um lançamento de paraquedistas. Tinha quarenta anos no Exército e vira tanta coisa, mas eram múltiplas as experiências, as realidades e as mudanças na instituição e ele não tinha se inteirado do que fazíamos.

Foi a forma dele de me pedir desculpas.



E fomos para o pelotão, que ficava próximo. Para quem não conhece, é ao lado da pista, ao norte, cercado pela grande floresta. De cima, só se viam alguns retângulos metálicos em uma pequena área sem verde. Eram pequenas instalações: um pavilhão de comando, o alojamento dos soldados, algumas casas dos oficiais e sargentos, o centro de comunicações. As guaritas que protegiam o pelotão estavam postadas em trezentos e sessenta graus.

Não havia comida suficiente para nós todos ali, mas o general disse para o comandante do pelotão que não se preocupasse, que comeríamos a ração que trazíamos.

Então eu lhe perguntei quando ele iria embora. Era visível um gigantesco cúmulo nimbo, de desenvolvimento vertical, que traria um dilúvio muito frequente naquelas bandas.

Ele deveria partir de imediato. Mas o general não se importou com isso. Falou que iria pernoitar e que aproveitaria para fazer uma inspeção no local.

Depois de instruímos os homens sobre a operação no dia seguinte, o general falou com os militares mais graduados do pelotão, que reportaram algumas informações relevantes sobre o quartel e as missões. Ele iria ficar em uma casinha simples como as outras, destinadas aos oficiais, que estava vazia, com alguns da sua pequena comitiva. Não era comum ter um oficial-general de alta patente naquelas bandas e então o pessoal se estressou, porque é normal se inquietar em uma situação como aquela. Mas, depois da inspeção, ele se foi, e aí sentamos juntos, oficiais e praças, e conversamos, contamos anedotas da vida militar e peripécias pitorescas das missões operacionais.



Após às dez horas da noite, o gerador foi desligado. Não tinha mais luz. E a chuva caiu torrencial sobre a floresta. Sentíamos um forte cheiro de madeira e terra molhada, e as rajadas da chuva sacudiram com violência as paredes de alvenaria e o telhado de amianto. Mais tarde, quando fui me deitar, tateando no escuro, para achar o saco de dormir, pensei no general, que, essa noite, em meio a uma verdadeira tempestade, estava ali com a gente, no meio da floresta, dormindo no mesmo chão que a sua tropa...



## A MORTE DO SOLDADO

Se vivo fosse, o Peter teria hoje uns cinquenta anos. Um homem muito bom, na opinião de todos os companheiros que o conheceram de perto. Afável, extremamente trabalhador, era responsável pela disciplina de meteorologia, zona de pouso de helicópteros, dentre outras. Um instrutor exemplar do árduo curso de precursores paraquedistas.

Para quem não sabe, os precursores planejam e executam a parte técnica de lançamento dos paraquedistas da Brigada Paraquedista, indicando o lugar no qual os saltadores devem se reunir e seguir para os seus objetivos.

Pois é, o Peter ensinava de modo incrivelmente inovador para a época, antes da explosão das tecnologias da informação e comunicação, mostrando o processo de formação das *cumulus nimbus*, as nuvens de desenvolvimento vertical que, por vezes, impedem as operações aeroterrestres.

Até hoje, não gosto de falar do que houve, nem os que eram próximos a ele, nessa época.

Eu era capitão do 27º Batalhão de Infantaria Paraquedista, comandante da 1ª Companhia de Fuzileiros Paraquedista, a chamada companhia dos falcões, uma das nove da Brigada Paraquedista.

O grupo de precursores era muito coeso, como irmãos.

Eis porque, apesar das minhas próprias atribuições, que eram onerosas, quando se precisava de um precursor mais antigo, eu assumia o destacamento ou equipe para uma tarefa específica. Eu estava onde precisavam de mim.



Na viagem para os lançamentos, foi planejada a ida para o Mato Grosso do Sul. Diversas zonas seriam usadas para lançamentos diurnos e noturnos. Assim, o curso de precursores se deslocou para Campo Grande e, depois, para várias zonas no estado e fora dele, pois era preciso que os alunos se exercitassem em diferentes situações e terrenos, fixando adequadamente os procedimentos de lançamento.

Em Campo Grande, há grandes terrenos planos e várias torres de alta tensão, o que exigia que os paraquedistas tinham que estar atentos aos procedimentos de segurança, pois o salto, nessas condições, envolvia grandes riscos.

Quando eles chegaram nesse lugar, na zona de lançamento de Camacua, em voo noturno, só se destacava o quadrado iluminado, criado por nós por meio de queima de querosene e areia em latas, que funcionaria como um sinalizador estável e seguro para quem observava de cima e precisava aterrizar em segurança.

O tenente Peter conduzia, então, o salto do tenente Bernardes. Era um lançamento noturno e os dados sobre a intensidade e direção dos ventos eram enviados pela força de apoio no solo aos paraquedistas. O vento era de cauda no solo. Entretanto, no limite anterior da Zona de Lançamento, a uns duzentos metros, havia uma torre de alta tensão, transversal à direção de lançamento.

Mas no escuro, é preciso enfatizar, não há como afeirir os indícios do vento em intensidade e direção. E, como todo aluno calculador de vetoriais - o tipo de cálculo do lançamento precursor - o Bernardes calculou que lançaria sobre o quadrado iluminado e sairia um segundo após ele.



O vento vinha, então, de cauda, puro. Estava tudo certo, pois ele ainda seria arrastado por cento e cinquenta metros na direção do deslocamento do avião, para longe do quadrado e, mais ainda, da alta tensão.

Como todo aluno envolvido pelo processo de imersão na situação tática com que são conduzidos os trabalhos educacionais no Exército, seja lá qual for o curso, o Bernardes abandonou o avião e seguiu para o limite anterior, recalculando o cálculo que fizera, durante os cinquenta segundos de descida. Foi aí que o Peter, preocupado com a direção de deslocamento do paraquedas do aluno, tentando impedir a sua ida na direção da torre, deslocou-se na mesma direção, passando pelo quadrado iluminado, onde deveriam ter aterrado.

A verdade é que, na escuridão da noite, o lançamento é arriscado. É necessária a existência de força de apoio infiltrada para proporcionar informações confiáveis. Mesmo assim, nesse caso, acredito que nem os sistemas eletrônicos das aeronaves permitiriam a segurança necessária.

Estamos falando do que pode acontecer no salto, em um segundo a mais ou a menos. Você pode cair na água ou em cima de uma encosta rochosa. É simplesmente a diferença entre viver e morrer.

Quando o Bernardes saltou, o paraquedas dele rumou, em consequência dos ventos e de outros fatores, para a torre de alta tensão. O Peter, que havia saltado atrás dele, percebeu e se pôs a gritar, tentando ir até ele, alarmado com a possibilidade de um acidente. Mas o Bernardes ultrapassou o quadrado iluminado e foi exatamente na direção do perigo. Ele passou por cima da torre de alta tensão e o



Peter, sem conseguir passar por cima, foi arremessado na direção da linha de média tensão, que pegou na barriga. Deu um choque boçal, de uns doze mil.

A média tensão fazia um zumbido terrível.

Peter ficou suspenso na torre e a sua mochila pegou fogo. Ele ficou todo queimado.

Quando ele chegou no chão, a torre desligou, devido ao fechamento do circuito.

A equipe no solo lutou para tirá-lo dos fios e do paraquedas. Havia ambulância e médico que lutavam para fazer face ao colapso do sistema respiratório, mas o seu diafragma estava falindo.

Houve uma comoção geral. Fizemos a autocrítica de que teríamos agido exatamente como Bernardes. Eu também não havia obedecido ao comando de ir para o quadrado iluminado.

É preciso dizer que o paraquedas de gancho não é manobrável como o de salto livre. Então, ao se perceber um obstáculo, tem-se dificuldade de evitá-lo.

Quando se difundiu a trágica notícia do funeral de Peter, todos os precursores da Brigada Paraquedista foram para a Base Aérea dos Afonsos e embarcaram em um avião C-115. Os quatro destacamentos da companhia de precursores foram de viatura, armados e equipados.

Os procedimentos de honras fúnebres ocorreriam em Caçapava, onde o pai dele era Chefe de Estado-Maior da 12ª Brigada de Infantaria Leve e aguardava o corpo.



Obedeceu-se ao ritual do Exército, com o jeito da brigada paraquedista. Nós queríamos colocar nele uma farda do “eterno herói”: camisa bege, jaqueta verde, calça verde, gravata, boina grená e *boot* marrom, usado em formatura quando o militar era “brevetado” paraquedista militar.

Mas, não sei como, a funerária lhe meteu em um terno.

Nós chorávamos muito, enquanto lutávamos para colocar nele a farda que lhe correspondia.

A companhia de precursores paraquedistas perfilou-se, enquanto conduzíamos a urna, e realizou as salvas fúnebres - vinte um tiros, não sei bem - que ressoaram no vazio de uma manhã ensolarada, fazendo os pássaros revoarem em algazarra.

Depois, nós levamos a urna para o local do sepultamento. Seu pai, o coronel Peter, estava calmo e em silêncio. A irmã soluçava sem parar.

A companhia dos precursores retraiu, como tem que ser, para se reorganizar e combater em novas frentes, evitando outro acontecimento trágico como aquele. Era também o que o Peter gostaria que fizéssemos, ele, que não se compadecia de si mesmo, tentando ficar vivo a qualquer custo, como bom soldado que era. Que estava sempre sereno com o tempo de que dispunha para cumprir as missões, com os meios que possuía. Peter, o sobrevivente nato, mas altruísta, o soldado essencial, o que se sacrificava pelos companheiros, como o Bernardes...



## UM PIQUENIQUE NO INFERNO

Vou contar a história, para você me dizer depois se é o caso de inserir no livro. Eu não sei se é uma boa ideia, alguns dos criminosos podem ainda estar vivos, mas estou ciente de que já faz vinte anos e que, geralmente, esse tipo de gente não tem hábitos de leitura.

Sei também que os defensores dos direitos humanos só se apiedam dos bandidos e não dos cidadãos que são mortos por causa de um cordão de ouro ou de um cartão de crédito. Você acha mesmo que essas pessoas pensam nas vítimas da violência urbana? Claro que não. Não têm pena delas, pois quem não é pobre como os bandidos merece mesmo é ser assassinado.

Sim, também conheço essa história de dívida social. Os criminosos seriam os herdeiros dos escravos, que se tornaram os pobres e miseráveis do país de hoje e a violência contra a classe média e alta seria uma forma de fazê-las expiar essa dívida social. Você está falando do “cobrador”, o personagem de um romance? Já ouvi falar. É o cara que quer reaver o que a sociedade lhe tirou, devido à injustiça social. Os defensores dos direitos humanos costumam pensar como ele, mas não de modo explícito, não pegaria bem.

Olha só: quem defende criminoso não sofreu na pele nenhuma violência, não pressentiu que a sua vida estava por um fio, naquele momento, porque tinha aparecido no lugar e na hora errada, e isso quando não se trata de um crime premeditado.



A cena de que mais lembro é de estar deitado no chão, no posto de triagem no Morro do Pavãozinho, quando apareceu um bombeiro militar, contador de histórias, que fazia parte da operação. Eu estava exaurido com o que havia acontecido e fui acordado por aquela peroração: “o pior resgate que eu já tive que fazer foi tirar esse corpo lá da Pedra da Gávea. Rapaz, eu sofri muito!”

Naquela época, eu servia na 25ª Batalhão de Infantaria Paraquedista. Éramos tenentes. Alguém deu a ideia infeliz de fazer um piquenique na Pedra da Gávea e mostrar a beleza do lugar para as esposas e noivas que não eram do Rio de Janeiro, inclusive a minha, que cresceu em Curitiba. Uma era de Blumenau, a outra, de Porto Alegre. Várias eram do interior do Paraná. Elas não conheciam a vista de lá, que é muito bonita e estavam encantadas com a Mata Atlântida. De um modo geral, nós todos não estávamos acostumados com uma grande metrópole como o Rio de Janeiro, morávamos na cidade há poucos anos, e sem circular muito. Ainda preservávamos a inocência do turista deslumbrado com a beleza paisagística do lugar, decantada em prosa em verso na mídia.

Estava um dia lindíssimo, sem uma nuvem no céu. Difícil imaginar que algo pudesse dar errado.

Deixamos o carro lá embaixo e subimos levando sanduíches. A minha esposa tinha preparado uns de maionese simplesmente deliciosos. Além de comida, levávamos pistolas. Todos os homens estavam armados.

Não preciso nem dizer que as moças não tinham treinamento operacional. Não sabiam atirar nem sequer fazer a escalada. Sob esse ponto de vista, a empreitada toda era



de uma grande insensatez. Mas os jovens não imaginam que podem morrer nem ficar gravemente enfermos. E querem viver as experiências mais estimulantes e pitorescas sem avaliar o risco.

Além da falta de treinamento operacional, a maior parte das mulheres não era afeita à atividade esportiva. Previ logo que nem todas conseguiriam chegar até o destino. A loura de Blumenau foi a primeira que abriu nas primeiras duas horas de trilha. Teve tonteira e desidratação. Além dela, outra moça, uma gaúcha ruivinha, tinha vindo de sapatos e não de tênis. Ficou com calos doloridos e não conseguia mais andar. Teve que tirar os sapatos e, desse jeito, era inviável a subida. Resolveram ir embora nos primeiros trinta minutos.

Felizardas.

Entretanto, a beleza do lugar inspirava a fazer quaisquer esforços para chegar a um ponto em que seria possível vislumbrar uma visão completa da paisagem feita de serra, floresta e litoral. Os que haviam restado estavam sob os efeitos da miragem hipnótica dos alpinistas. Subir sempre, e cada vez mais alto, pelo acesso mais difícil. Testar limites. Fazer o que nunca tinha sido feito. Quem já tinha feito o percurso, como eu, queria sentir a mesma excitação e encantamento. Os outros buscavam uma experiência transformadora da qual se lembrariam para sempre.

Até as moças deixaram-se influenciar pelo entusiasmo e obstinação dos que já haviam subido. Queriam ver lá de cima, descobrir o que havia de mais belo no Rio de Janeiro, o maior monolito à beira-mar do mundo.



Subimos por São Conrado. Não pela Carrasqueira nem pelo P4, que eram mais conhecidas e muito íngremes. Era um caminho pitoresco que começava com uma praça feiosa, com uma quadra de basquete.

A última parte do passeio não era mais uma trilha, mas uma escalada na pedra e as mulheres não sabiam fazer isso. Ensinamos como colocar o pé e a mão para fazer os apoios e as agarras. Era evidente que somente aquelas que tinham algum preparo físico e destrezas psicomotoras iriam conseguir. Nem com uma vontade insana de ver a mata lá de cima, o céu de um azul intenso, em um dia de temperatura agradável, nem frio nem quente, seria suficiente para realizar a proeza da escalada.

Resultado: dos sete casais, apenas quatro conseguiram subir, uns azarados.

Mal chegamos, nos deparamos com dois sujeitos de pé, que deviam estar nos observando há algum tempo, lá de cima. Quando estávamos no último compartimento de Pedra, anunciaram um assalto, de posse de um revólver e de um facão enferrujado. As mulheres ficaram petrificadas. Uma começou a chorar. A outra ficou insistindo que deixassem a gente em paz. A minha esposa, que, naquela época, tinha uns vinte anos, ficou só olhando fixamente para eles, com aqueles olhos azuis sem expressão alguma de medo. Tirou a aliança e enfiou dentro do tênis, furtivamente, bem na frente do bandido. Depois colocou a mochila no chão, aparentemente colaborando com os agressores.

Aquilo era muito diferente da crise de uma típica situação militar. Tratava-se de um passeio no qual a gente



não esperava que algo desse errado. E a presença da família intensificava a percepção do risco e do perigo.

Os bandidos eram jovens, de, no máximo, uns vinte e poucos anos. Nem brancos nem negros. Não consigo mais me lembrar do seu rosto, por mais que eu me esforce. Tem coisas que é melhor esquecer. Um deles foi logo sacando a arma e dizendo: “homens para a direita e mulheres para a esquerda”. Ele ficou de costas para o precipício e, nós, para a pedra.

Então eu pensei: “quando esses caras acharem as armas na mochila, vão nos matar”.

Até a expressão do meu olhar deveria estar diferente. Tenho os olhos grandes e quando estou nervoso, sei que ficam arregalados. Foi assim que chamei a atenção. O mais perverso falou assim para o outro: “vai lá, revista o grandão”. Eu estava de short e camiseta, não tinha como esconder nada. O filho da puta levou logo a minha mochila. Estaríamos ferrados quando ele abrisse.

“Vou ter que desarmá-los”, pensei.

Olhei para o revólver deles e constatei que havia lugares vazios no tambor, com menos de cinco tiros. “Se eu correr e jogá-los de cima da pedra, dá para fazer um estrago feio”.

O penhasco tinha uns dez metros de altura.

Nesse interim, um dos nossos, o “Charles Bronson”, que estava de joelhos, com as mãos na cabeça, reclamava que iriam levar as máquinas fotográficas. E um deles respondia: “É isso mesmo, mermão! Não tá entendendo, não?”



Mas era só um breque para ganhar tempo. O companheiro meteu foi o tiro. “Pá, pá, pá”. Deu três em um e dois no outro. No primeiro, pegou na pleura. O cara sangrou na boca e se jogou do alto do precipício. O segundo deve ter levado um tiro na virilha. Ajoelhou e não conseguiu mais se levantar.

Nesse meio tempo, que durou segundos, corri para a minha mochila e peguei a pistola. Mirei no sujeito lá embaixo, correndo na diagonal. Atirei. No quarto tiro, acertei.

No meio da confusão, o bandido que tinha levado o tiro na pleura sumiu. Era possível que trouxesse mais gente. Seríamos cercados e mortos ali mesmo e, o pior, tendo as mulheres como reféns.

Juntamos os pertences de forma atabalhoada, procurando os que faltavam, misturados no chão, carteiras, joias, sei-lá-mais-o-quê, temendo que chegassem reforços. Fizemos tudo rápido, no desespero, a minha esposa organizando a busca, distribuindo as coisas a quem era de direito, de maneira metódica.

Quando começamos a descer, encontramos o cadáver do que havia caído do penhasco em um trecho que tínhamos que ultrapassar, passando justamente por cima dele. Todos estavam nervosos. Ficamos olhando, por alguns segundos, o morto ensanguentado, nos perguntando se ele teria morrido da queda ou do tiro. A minha esposa foi a primeira que pisou por cima dele. Tinha uma expressão dura no rosto afilado, os cabelos despenteados estavam soltos até os ombros. Suava copiosamente. Não seria mais a mesma, apesar da valentia de que fazia prova.



Realizamos uma descida acelerada, sem as devidas precauções para evitar acidentes. Praticamente aos trambolhões, e em menos da metade do tempo da subida.

Quando chegamos lá embaixo, observei, como esclarecedor - o homem cuja missão era preceder a tropa, para fazer um reconhecimento do terreno - que dois homens de mochila se deslocavam trilha acima. Eu me escondi e quando se aproximaram, eu e o “Michael Fox”, um dos companheiros, enquadrámos os sujeitos de arma em riste: “Parados!”

Os dois deram meia volta e se escafederam.

Eu até perguntei para “Michael Fox”: “você reconheceu esses dois? Não achou que eram familiares?” E ele respondeu que não.

Quando chegamos à praça, os dois homens estavam com os policiais narrando uma tentativa de assalto perpetrado por um sujeito loiro e seu comparsa. Na verdade, os homens eram companheiros nossos, o “Tobey Maguire” e o “Stephen Merchant”. Dois velhos amigos, que estavam, nessa época, treinando para o curso de comandos.

Quando estávamos em lugar seguro, o grupo se dispersou, sem se despedir. Alguns haviam se ferido na descida e iam procurar um hospital. A minha esposa disse que eu praticamente desmaiei, depois de me deitar no chão, tendo a mochila como travesseiro. Uma exaustão estranha depois que baixou a adrenalina.

...Se depois eu sonhava com eles? Não, mas lembro que fiquei paranoico. Enxergava criminosos por todos os lados na cidade, agindo por vingança ou não. Como se



pudessem, por transmissão telepática, adivinhar que eu era um adversário e que deveria ser eliminado.

E a cidade deixou de ser o que antes era e virou um teatro de operações no qual estávamos sujeitos a ser mortos a qualquer instante. Para nós, não existiam mais as praias, as montanhas, o céu azul. Nem os bares, o shopping, a padaria, a mercearia próxima, a vizinhança simpática na Vila Militar, a academia de ginástica, a pista de pentatlo. Tornou-se um cartão postal manchado de sangue, crivado de facções de bandidos, eventualmente se matando entre si, dispostos a tudo para saltar sobre nós, acabando conosco, para tomar as poucas coisas que tínhamos...





**EM FACE DO  
ESTRANHO**

“É uma paragem impressionadora”.  
(Euclides da Cunha)



## O CHARCO

Eu estava em uma missão com uma pequena equipe no estuário do rio Amazonas, no Pará, a sul de uma cidade chamada Breves. O calor era grande e fazia tempo que não bebíamos água, porque, quando se anda na selva, é melhor só se alimentar e hidratar somente à noite. Se beber, suará e, com a água, vai-se embora o sal. Então, bebe-se pouco.

O suor escorria e os mosquitos se revezavam: mucuin pela manhã, piun à tarde e carapanã à noite. Nós suportávamos estoicamente o desconforto na expectativa de que choveria ao entardecer, o que quase sempre acontece.

Às vezes se anda duas semanas sem ver o sol, o que causa muita desolação nos homens.

A mata era imensa e fechada. Estratificada, de altíssimas árvores a arbustos de médio porte. Balbúrdia de galhos e troncos caídos, cobertos de limo verde. Barro marrom no chão, misturado às folhas caídas, e muita matéria orgânica em decomposição. Um cheiro de selva virgem.

Um ecossistema de uma exorbitante diversidade, tanto de plantas quanto de animais, mas não se trata de um bosque, bom para se dar um passeio.

Na selva, há os que lutam pela sobrevivência na copa das castanheiras de cinquenta metros de altura. A média altura, existe outro bioma de animais silenciosos e mortais. Já no solo, está o nosso bioma. E, abaixo de nós, existe ainda outro, no subsolo e na água. Se cavar um palmo no solo, pode-se vir a descobrir as saúvas, que cortam uniformes e equipamentos, as tucandeiras, cujas ferroadas doem muito



e dão uma febre danada e dor intensa no corpo, pelo menos, por dois dias. E é só uma formiga.

A selva cobra caro de quem não a respeita. O desejável é passar por ali, mas sem molestar.

Não é só isso. A umidade é de noventa e oito por cento. A sensação é de estar sempre molhado, mesmo sem entrar em nenhum córrego, e isso, fora do auge da estação das chuvas.

Caminhávamos imersos na quase penumbra. O céu, quase não se via. Éramos quatro homens. Escutávamos piados e zumbidos, os gritos enlouquecidos dos macacos bugios: o resmungo da selva. Marchávamos em silêncio. A equipe de orientação gesticulava e sussurrava, coordenando suas ações para não agredir o habitat.

Finalmente, conseguimos chegar a uma clareira à beira do rio Amazonas.

Foi quando nos deparamos com um charco enorme que se estendia perpendicularmente ao nosso azimute, que estabelecia a direção em relação ao norte, medido em graus.

Pois bem, tínhamos que manter o azimute, que era de noventa e um graus. Para quem não sabe, não podíamos mudar o percurso. É que, na selva, a direção tem que ser mantida, sob pena de se desorientar. A selva é como o oceano e se você alterar a rota, pode se perder, pois tudo se parece: uma monotonia de planos verticais e horizontais, em inumeráveis tons de verde.

Entretanto, a situação não era tão ruim. O charco não parecia profundo. Começaria a escurecer somente



às quatro horas da tarde e iria chover, mas não de pronto. Poderíamos terminar a missão em uma semana e retrain para a base das operações. Tínhamos outros afazeres e outras missões surgiriam.

De fato, o charco era raso, chegando apenas na nossa cintura, embora tivesse uma água escura e parada, cheia de detritos. Mas à medida que avançávamos, ele ia se tornando mais profundo.

Um grande silêncio se fazia então na selva. Não se ouvia sequer o canto dos pássaros. Era inquietante.

Caminhávamos no charco com dificuldade, que havia se tornado arenoso, mas ainda tinha como ser muito pior. Sempre pode, aprendemos isso desde o começo da vida militar. Se fosse argiloso, ficaríamos grudados no fundo do pântano, como em antigos filmes *trash*. Mas, não, Senhor, não era o caso, não dessa vez.

Foi quando senti um cheiro forte. Não era de coisa estragada, de carniça. Era de maresia, bacalhau, por mais absurdo que isso possa parecer, já que estávamos longe do mar. Aí nos entreolhamos, preocupados. Sabíamos que a selva costumava ser o pior inimigo, e que nem precisávamos de um antagonista mandando rajadas. A selva era malvada, lançava sobre nós as suas armadilhas e artimanhas, criava miragens e vertigens e nos esticava como uma corda, até o limite.

Então o tenente virou para mim e disse: “Capitão, olha isso aqui”. Estava alterado, o sujeito. Ele cutucou o chão do charco com um cajado e apareceu, para nosso horror, o corpanzil cinza esverdeado, contorcendo-se, de uma



enorme sucuri, de uns trinta centímetros de diâmetro, que logo desapareceu no fundo do pântano.

Então nos demos conta que eram muitas, centenas, enrolhadas, coleando, hipnoticamente entretidas em pleno cio. Grandes, medianas, pequenas. Molhos imensos de cobras. A pelagem era de escamas com uns círculos escuros. Elas apareciam e desapareciam, reluzindo. E em pleno transe em face do perigo, eu me dei conta de que o mau cheiro, na verdade, era de peixe, algo típico da sucuri.

O jeito era desviar, usando o processo de *off set*, fazendo uma curva de noventa graus para a esquerda, andando até que não houvesse mais cobras, retornando depois para noventa e um graus. Assim fizemos. Deslocamos mais duzentos metros e, finalmente, cem para a trajetória original.

O problema é que se tratava de uma área de duzentos por duzentos metros cheia de cobras sucuris e que éramos poucos para tirá-las da água, onde são fortes e ágeis. Urgia que não interrompessem a suruba infernal para não darem conta da nossa presença.

Tenho que confessar. Sou cismado com cobra venenosa. Acho terrível a situação de alguém ser picado, pois pondero a extrema dificuldade de evacuar o militar. Nós tínhamos terçados - uma espécie de facão de mato - mas nenhuma motosserra, que seria imprescindível para abrir clareira para o helicóptero. Eu já havia até dado ordem para que o tenente, que era o esclarecedor (o que vai à frente), usasse um cajado para tatear o terreno, a fim de evitar cobras.

Era um trauma de infância, dos tempos em que vivera naquelas bandas, quando meu pai servira por lá. Apesar de



avisados de que só partiam aviões nas quartas e nos sábados, nós caçávamos cobra coral e as levávamos em um saco de aniagem, balançando bastante para ela não conseguir dar o bote. Íamos vender na cidade fronteira, na Bolívia, por oitenta cruzeiros. E a nossa mesada era de quatro cruzeiros. Era uma fortuna que parecia valer a pena. Até o dia em que um colega da escola, um índio cinta larga, pisou em um ninho de surucucu pico-de-jaca e sofreu uma necrose horrível. Ai eu aprendi.

Tem ainda a história da morte de um tenente que foi ejetado de uma voadeira, uma embarcação tática pequena, sendo jogado nas águas do lago Tefé, em plena madrugada. Ele estava de colete salva-vidas, mas nunca foi encontrado. Disseram que uma cobra grande o puxara para debaixo d'água.

Então eu pensei o que tinha virado a minha vida nos últimos anos, às voltas com feras descontroladas prestes a nos matar sem honra nem glória, sem benefício prático de nenhuma missão, simplesmente porque nós teríamos nos colocado em seu caminho.

E agora, eu lidava com esse charco tomado de sucuris.

Um sargento havia parado, cristalizado, as mãos para cima, mantendo o fuzil longe da água. Tivemos que empurrá-lo, sacudi-lo, sem fazer barulho, para que ele progredisse no terreno. E deslizamos lentamente, comunicando-nos em código.

Não havíamos prestado atenção ao céu e à chuva, que já caía. Primeiro, de levinho. Em gotas finas, pois lá no alto das castanheiras é que se suportava inicialmente a fúria da chuva.



Tínhamos percorrido então uns cem metros.

Depois, a chuva precipitou-se com força. Muita água fria em corpos quentes.

A nossa preocupação eram as enchentes que nos arrastariam sem dó nem piedade.

Faltava ainda um terço do percurso. O uniforme e equipamento agora estavam mais pesados, causando desconforto, o mesmo com os quais dormiríamos naquela noite.

Restavam ainda cinco metros.

Então saímos do pântano. Só víamos a nossa frente os vultos difusos dos companheiros correndo pela mata com uma rapidez e agilidade impressionantes apesar de tanto equipamento, como se as cobras viessem todas atrás de nós, esquecidas do coito, para acabar conosco, e esse é mesmo um medo imemorial que acomete os melhores soldados, de serem devorados vivos por feras selvagens. Aí a chuva irrompeu violentamente sobre a floresta, algumas árvores caíram, a ventania sacudiu os arbustos, e nós não conseguíamos enxergar direito a nossa frente e, mesmo assim, corríamos, corríamos. E, à medida em que nos distanciávamos do charco, fomos caminhando arrastando as pernas pesadas em meio ao dilúvio que tombava, e não falamos mais nada, fazendo como os animais, que estavam silenciosos, temerosos, pois a selva, mesmo na chuva, pertence aos predadores...



## E AÍ, LAURENTINO?

Esse episódio transcorreu durante uma operação no rio Traíra, destinada a aumentar a presença do Exército e a desmotivar as entradas das FARC ao território brasileiro, que haviam matado, naquela época, três soldados brasileiros. Esse incidente terminou por levar vários destacamentos nossos para dentro da Colômbia, a fim de recuperar o material e eliminar os agressores.

Fazíamos então um reconhecimento no terreno para uma operação que seria realizada na sequência. Éramos sete homens da Companhia de Ações de Comandos A e eu, do Batalhão de Ação de Comandos, além do cabo Ferreira, do Pelotão Especial de Fronteira de Vila Bitencourt, nosso guia.

Eu havia conhecido o índio Laurentino em uma cachoeira próxima, chamada de Jacamim, quando havíamos cruzado com uma montaria que descia o rio de buia, ou seja, levada pela correnteza. Era dele. Depois demos uma carona para o Laurentino até as Andorinhas, onde ficava a sua casa. Como demoramos na transposição do material e embarcação, combustível, equipamento e armamentos no Jacamim, só chegamos lá quando já era noite.

O Laurentino pertencia à tribo dos macu, de baixa estatura, e que não são guerreiros.

Devíamos prosseguir no dia seguinte. Fiquei preocupado com a segurança, pois, na estação seca, a transposição dos botões por via terrestre é obrigatória para todos, tanto para nós quanto para a FARC.

Desse modo, era preciso montar guarda para o pernoite.



Eu estava de serviço no meu quarto de hora às duas horas da manhã e o pessoal dormia.

É preciso dizer que era lua nova. Ou seja: havia pouca visibilidade. As luzes das estrelas mal iluminavam os meus óculos de visão noturna. Imaginem a selva a quatro metros da tapera e o rio Traíra passando na frente. Uma escuridão danada.

Foi quando eu percebi que havia uma onça enorme, deitada entre a maloca e o banheiro improvisado do Laurentino, uma pequena cabana de teto de palha. A onça tinha uns dois metros, da cabeça à cauda. Era uma pintada.

O problema é que, a partir do começo da noite, os filhos do Laurentino iam ao banheiro a todo momento. E a onça sabia. Por isso se emboscou ali. Isso não ia dar certo. Ela ia pegar os meninos! Os dois macuzinhos. Ela ia pegar e levar. Não teria dificuldade de levar o Laurentino, quiçá as crianças.

Como eu não podia denunciar a minha presença, dando um tiro para o alto, comecei a tacar pedras na cabeça da bicha. Não sei de onde tirei essa ideia, mas deu certo. Ela ficava deitadona, lambendo o beijo, e aí, quando se levantava para armar o bote, levava a pedrada e se desnor-teava. Virava o pescoço de um lado para o outro para saber de onde vinha o ataque e não descobria por que eu estava atrás de uma árvore. Mas ela sentia o nosso cheiro. Sentava de novo e lambia os beijos. Levantava, armava o bote, até vir outra pedrada.

Vejam vocês: a onça é um predador astuto, ela planeja o ataque. Pisa de leve, bem devagarinho, uma perna atrás da outra. Dá uma recuada e salta no pescoço, na jugular. É assim que ela faz. E como é que ia dar certo esse balé tão



exato, sob uma chuva de pedrinhas? Ela se desorganizava, se desorientava. O que era para ser, embaralhava.

Nessa situação, as crianças corriam ao banheiro e voltavam à tapera. Santo Deus, que inocência!

Quando chegou quem vinha me render no posto de sentinela, eu fui logo avisando: taca pedra na onça.

E tive um sono curto e entrecortado, sem sonhos. Mesmo porque não havíamos montado a rede de selva, já que era grande a possibilidade de um conflito com a FARC. O Laurentino havia dito que eles, por vezes, passavam pela trilha que contornava a cachoeira. Então havíamos deixado a saída de posição mais rápida, parando para dormir já nas posições de retardamento.

No dia seguinte, a última sentinela disse que a onça havia ido embora somente às cinco horas da manhã e que ele tinha passado a noite toda naquilo, de jogar pedras. A bicha não conseguia se concentrar para dar o bote. Os meninos iam e vinham e ela não fazia nada, irritada com as pedradas.

O terreno estava até rebaixado, onde a onça tinha se deitado, de tão grande que era!

Eu falei: “Laurentino! Essa onça fica a noite toda aí, não pega os teus meninos?”

O Laurentino olhou para mim com aquela expressão impassível, os olhinhos oblíquos, cheios da atávica sabedoria da selva, e respondeu:

“Às vezes pega.”

“E aí, Laurentino?”

“Se a onça pegar, a gente faz outro”.



## O CURUPIRA

Esse incidente aconteceu quando eu servia no 25º Batalhão de Infantaria Paraquedista, que tinha um ambiente profissional vibrante. Éramos muito unidos. Os homens adoravam ter instrução e eu participava de todas elas. Eram seis aulas de cinquenta minutos por dia. Ao final, havia uma espécie de coroamento da instrução básica para os soldados paraquedistas, revisando-se todas as matérias: lutas, combate à baioneta, obtenção de alimentos de origem animal, tiro e muitas outras.

Fui então designado pelo comandante, o coronel B., para subir a serra do Mendanha. Ela fica no oeste do Rio de Janeiro, sendo revestida de uma Mata Atlântica fechada, cheia de cipós, onde era inviável andar fora das trilhas. No escuro, os homens tinham que segurar o equipamento do companheiro à frente e progredir lentamente no terreno. Por incrível que pareça, era mais difícil a mobilidade ali do que na floresta amazônica.

Ficamos lá de maio a julho. Foram semanas de preparação intensa. Subíamos às três horas da tarde de domingo e descíamos no início da tarde do sábado da semana seguinte.

Passávamos o tempo todo na instrução. Éramos responsáveis pela pista de reação diurna, que, para quem não sabe, serve para desenvolver a perspicácia do soldado em combate. Ela tinha a extensão de um quilômetro, sendo permeada por vários incidentes: armadilhas inimigas, material abandonado pelo inimigo, emboscada, transposição de área batida por Artilharia, metralhadoras.



Na instrução de armadilhas, os soldados aprendiam técnicas utilizadas na guerra do Vietnã. Ensinávamos a preparar o furacara, o fosso de estacas panji, o quebra-canela, dentre outras.

É importante dizer que começávamos às seis horas da manhã e terminávamos por volta de uma hora da madrugada, todos os dias.

Quando os turnos começaram, percebi que os soldados estavam exaustos e estipulei: quem dormisse na instrução ficaria com a Rosilda. Era uma caranguejeira maior do que a minha mão, que achei debaixo dos troncos, e que colocaria sobre a cabeça deles. É preciso dizer que a Rosilda ficava no púlpito, à vista de todos. Eu ainda sugeria que ela era venenosa. Na verdade, ela podia até dar uma coceira, mas não tinha veneno. Não importava, eles não sabiam. Então, ficavam atentos na instrução.

Cada instrutor “esfolava” um pouco, não havia quem aliviasse. Os soldados dormiam sentados, de pé e até andando, de tanto cansaço.

À noite, eu participava da instrução de lutas. O assunto era quedas e rolamentos, que eles repetiam umas mil vezes. O sargento T. dizia que todo paraquedista era um monstro e ia aumentando progressivamente a altura da queda. Depois assumia o tenente E., do 27º BIPqdt, muito amigo meu, um bom lutador de Jiu-Jitsu, que ensinava torções de pulso e de braços. Era sereno, mas os soldados penavam.

Por fim, eu ministrava a minha instrução, que exercitava as projeções e os golpes de judô, e era feito o combate em duplas, narrado como se fosse uma luta de boxe entre o “Luciano todo duro e o Reginaldo Holyfield.” Era um



verdadeiro espetáculo, que ia atraindo cada vez mais uma multidão de soldados que, em vez de dormir, vinham assistir aos combates, torcendo, aos gritos, até às duas horas da manhã.

Quando chegava a sexta-feira, logo depois do jantar, eu pegava minha equipe da fuga e evasão e nos deslocávamos para a ligação da serra do Mendanha com Gericinó. Ocorria, então, a simulação de um campo de prisioneiros de guerra: eles tinham que fugir do Mendanha e chegar em Gericinó.

De uma feita, fiz o reconhecimento desse percurso. Coloquei panos brancos nas árvores para balizar. Meu ponto era quando bifurcava a trilha. Se fosse para a esquerda, o caminho ia para a serra de Madureira, e se, para a direita, conduzia para a serra de Gericinó.

Desse modo, chegamos na posição somente às dez horas da noite.

Entretanto, a primeira equipe só chegaria às quatro horas da manhã. Fiz uma fogueira para balizar, já que estávamos na escuridão. Deitei ao lado do fogo e dormi, sem notar que estava sobre um tronco. Quando levantei às três horas da manhã, joguei a lanterna em cima do local e dei com uma jararaca irritadíssima, que se perfilou toda. O guerreiro que estava comigo queria matá-la e eu não deixei.

Assim era a vida naqueles tempos atribulados em que transcorreu o incidente.

É preciso dizer que, na área de instrução, havia dois grandes socavões, com um desnível de quatrocentos metros entre eles, que separavam a área do rancho do lugar das oficinas de instrução. Era um local que se tornava ainda mais precário depois da chuva, dificultando os deslocamentos,



sobretudo para o pessoal do rancho, que tinha que levar os panelões de comida.

A uma pequena distância, ficavam o que nós chamávamos de “apartamentos”. Era uma ribanceira íngreme na qual se jogavam os soldados, mortos de cansados, quando terminavam as instruções, mesmo tendo sido orientados a fazer um acampamento decente, um pouco mais distante, com bivaque, poncho, manta e outras comodidades.

Foi durante a construção do local no qual seriam ministradas as instruções, que duraram onze semanas, que começaram a ocorrer fatos estranhos.

Nós havíamos levado uma grande quantidade de toras de madeira e, com elas, montamos um auditório rústico para trezentos soldados, destinado à instrução de lutas, e outro para cinquenta soldados, a fim de realizar a pista de reação, ambos com púlpitos, nos quais guardávamos nossos planos de sessão (planos de aula).

Todos os dias, terminávamos de arrumar e íamos embora, ainda durante a noite. Quando voltávamos no dia seguinte, estava tudo revirado, com as madeiras atiradas por todos os lados. Esse fato era sempre abordado no *debriefing* com o coordenador do TIBC - o Treinamento de instrução Básica do Combatente Paraquedista - o capitão J.

Quem seria o sabotador? Com certeza, um “espírito de porco” que morava por ali, nas cercanias.

Enquanto isso, transcorriam as atividades de instrução.

Uma noite, eu estava nos “apartamentos”, infiltrado entre os recrutas para ver o que acontecia. Aí ouvi um



soldado falando: “sabem aquele tenente das lutas? Eu vou enfiar a mão nele! Eu quero que ele me chame para o combate corpo a corpo”. Eu não pude examinar detidamente a “fuselagem” do rapaz na escuridão, mas ouvi claramente o seu número, quarenta e dois.

Na noite seguinte, durante a instrução de lutas, depois das quedas e torções, eu iria iniciar o espetáculo do combate em duplas. Chamei um voluntário para fazer o combate em duplas comigo e que apelidavam de “espadoc”. Então bradei:

“Estagiário quarenta e dois!”

O quarenta e dois era um negão de dois metros de altura. De busto nu, via-se que tinha até “peito de bunda”.

Fiquei na merda. Ia levar uma surra. Mas não tinha nada, não:

“Quarenta e dois, tome a posição adequada!”. E parti para cima dele.

O quarenta e dois saiu correndo (graças a Deus).

Na sequência, chamei o próximo “voluntário”.

Nesse ínterim, um dos sargentos saiu para urinar nas imediações. Minutos depois, ouvimos um grito. Acudimos logo ao seu chamado. Foi quando vimos a criatura correndo na mata, atravessando os cipós, em uma velocidade incrível, sem variação, e ainda com o rosto virado para nós!

“Que diabos é isso!?” Gritei.

Daquele ser que fugira, não se via nem o cabelo nem a forma do corpo, mas se notava que era de pele escura.



O sargento disse que sentiu um fungado no ouvido e que virou para ver quem era. Pensava se tratar de alguma brincadeira. Quando olhou para trás...Deu com uma criatura baixa, de um metro e meio, de olhos vermelhos.

Reportamos o fato ao coordenador, o capitão J., um sujeito de uma mente cartesiana, seca, de tão cética, que encarnava perfeitamente o pensamento positivo dos nossos tempos. Mas apesar da sua proverbial falta de senso de humor, achou graça da gente: “Francamente, vocês estão loucos!”

Mesmo assim, eu batizei a entidade de Curupira e sugeri que ele deveria ser o responsável pela bagunça nas oficinas, que, como já disse, tinha ocorrido desde que havíamos começado a construir os auditórios e que perdurava na fase da execução das instruções.

A partir dali, formamos patrulhas armadas de Para-Fal para pegar o Curupira ao longo das trilhas. Fomos até orientados a tomar algumas medidas para que não atirássemos uns nos outros.

Tinha soldado que achava ruim a missão. Os que eram da região diziam que trazia má sorte pelear com o Curupira ou Caipora - o outro nome dele. Arregalavam os olhos, assombrados, quando falavam do assunto. Protetor da mata e dos caminhos seguros e certos, a quem se deixavam oferendas de pinga ou de fumo na cachoeira que havia mais abaixo da área, era uma criatura conhecidíssima naquelas bandas. Dizia-se que tinha grande força física, velocidade, que emitia gritos bem altos e que sempre fugia do contato com gente.



Entretanto, os soldados mais antigos estavam exasperados com a entidade. Só poderia ser um inimigo, para sabotar as instruções daquele jeito. Não era o caso de contemporizar.

E, de fato, o Curupira começou a dar o ar da graça em várias oficinas. As patrulhas de evasão entravam nos charcos, na água, pulavam tronco e os soldados acompanhavam. Uma vez, altas horas de madrugada, eu contava os soldados postados em fila indiana: um, dois, três...doze. No breu da noite, era difícil discernir. E, de repente, surgiu um décimo terceiro. Aí eu pensei: um bisonho de outra patrulha entrou aqui. Liguei a lanterna e joguei a luz em cima, para ver quem era o intruso. E era o próprio, o Curupira, que fez a sua fuga espetacular de sempre, deslizando e ondulando por cima da mata, transpondo os obstáculos como se não houvesse nada pela frente.

E continuamos a caçar o Curupira até que o coordenador, o capitão J., que já estava farto daquilo e preocupado com a segurança, reuniu todo mundo e disse: “pessoal, vamos parar com isso. Assim não dá! Larguem mão desse Curupira!”

Os anos se passaram. O capitão J. foi promovido a major. Depois, a coronel. Saiu general. E nós todos envelhecemos. Mas não tem jeito. Quando ele veio em visita à Brigada de Infantaria Paraquedista, e reconheceu vários de nós, a primeira coisa que ele perguntou foi sobre o Curupira.

E a verdade é que, volta e meia, ainda falamos deles nesses termos, em memória do pitoresco episódio: “e aí, pessoal, por onde será que anda o “Curupira”!?”...





**SALVANDO  
VIDAS**

“Jamais poderão equiparar-se a bondade e a maldade! Retribui (ó Mohammad) o mal da melhor forma possível, e eis que aquele que nutria inimizade por ti converter-se-á em íntimo amigo!”

*(O Alcorão)*

“Dois filhos do mesmo e violento pai nem sempre se amam. Muitas vezes um vê no outro a imagem do pai cruel.”

*(Amós Oz)*



## JIHAD

— Vocês sabem...quando a cultura muçulmana chega no Brasil, de uma certa maneira, acaba “virando farofa”.

O palestrante fez uma pausa teatral e avaliou as reações da plateia.

Chamava-se Matheus Sparta. Era oficial das Forças Especiais. Estava ali fazendo uma explanação sobre crime organizado, terrorismo e contraterrorismo na Tríplice Fronteira durante a Copa do Mundo, trazendo ensinamentos para as Olimpíadas que se avizinhavam.

Havia o medo de que algo desse errado no país do futebol e do carnaval, que assombrava o auditório repleto de acadêmicos, representantes do poder municipal, estadual e a imprensa. O que eles pensavam não era em terrorismo, raro em uma nação com fama, merecida ou não, de tolerância religiosa. A preocupação era o crime organizado.

O palestrante, um homem forte, moreno, de grandes olhos negros, suave em bicas, não por nervosismo, mas porque havia gente demais no auditório pequeno e acarpetado. O ar-condicionado estava com problemas, não era possível.

Infelizmente, a sua fala não estava sendo impactante. As pessoas faziam cara de paisagem. As duas moças da primeira fileira, de jeans e blusas quase idênticas de malha branca, mexiam freneticamente nos celulares.

Somente o advogado magrinho, no lado oposto, tinha uma expressão concentrada, de quem estava tendo acesso a informações de grande importância.



Infelizmente, o palestrante não poderia divulgar muitos dados. Abordar esse tema era como pular de pedra em pedra desviando-se de abismos, colocando alguma instituição ou alguém em xeque e a si mesmo em perigo.

— Você quer dizer que o brasileiro “canibaliza tudo”, a burca, o Hamadã, “macunaimicamente”, diríamos...que passamos a comer quibe e os árabes, arroz com feijão e farofa?

A pergunta foi de um repórter míope, com óculos de armação vermelha, com um bloquinho em riste, no qual tomava notas o tempo todo.

Alguns riram. Não a moça que estava sentada bem ao lado do repórter, alta, loira, de bota coturno, calça cargo e blusa preta, com uma visível expressão de desagrado.

O repórter continuou:

— Se o senhor estiver certo, podemos estar seguros de que ninguém vai estourar aqui uma bomba em um ginásio lotado, não é?

Dessa vez, ninguém riu. Miraculosamente, o ar-condicionado foi restabelecido e se fez audível no silêncio que se seguiu, de alguns segundos.

Logo após o término da palestra, o oficial se levantou da mesa e tentou sair, mas foi atalhado por uma das organizadoras do evento, que queria trocar ideias. Ele ficou de pé, com os pertences nas mãos, acompanhando com os olhos a loura que jogou uma mochila nas costas e se juntou à multidão que se dirigia para a porta de saída.

Isso foi dois anos depois da Copa do Mundo, que, para ele (e ela) não tinha sido decididamente o evento dos



amantes do esporte, da grande imprensa, das redes sociais, de bobeadas e lances espetaculares dos craques. A Copa que eles haviam vivido era sombria, sorrateira, com espíões fazendo suas manobras perigosas e agentes armando ciladas uns para os outros.

.....

Quando começaram os preparativos para a Copa FIFA, Matheus Sparta estava servindo em Curitiba.

A verdade é que o Brasil, apesar de ser “pacífico” e de não expressar opiniões contundentes sobre as questões mais espinhentas da política internacional, ficaria exposto como nunca. Nesse contexto, mesmo que houvesse um incidente sem tanta gravidade, o País poderia ganhar uma péssima reputação que afetaria as relações exteriores, os negócios e o turismo.

Como Sparta era respeitado na área de operações, havia recebido, no ano anterior, de Goiânia, a ordem de alerta do Centro de Coordenação e Prevenção de Contraterrorismo, o CCPCT, comandado então pelo general Arlindo, que divulgou também as diretrizes do Ministério da Defesa e do Comando de Operações Terrestres, o COTER. O CCPCT publicou ainda cartilhas para os Centros de Coordenação Tático Integrado, os CCTI, que se desdobravam em doze sedes.

Era uma estrutura piramidal.

Sparta ficou enquadrado na base da pirâmide, no CCTI-Curitiba, subordinado à Força Aérea Brasileira (FAB).



A primeira expectativa frustrada para ele foi o fato de que não iria lidar diretamente com os Forças Especiais - os “FE” -, como costumam ser chamados os seus “irmãos”.

A principal missão de Matheus era ajudar a preparar as forças locais de operações especiais: o Grupo de Pronto Intervenção, o GPI, da Polícia Federal; o Comando de Operações Especiais, o COE, da Polícia Militar do Paraná; o Tático Integrado do Grupo de Repressão Especial, o TIGRE, da Polícia Civil do Paraná.

Esse aspecto se revelara o elemento mais desafiador do trabalho, uma vez que “aves de mesma plumagem costumam voar juntas”, como diz um velho ditado da Brigada Paraquedista, que exprime a dificuldade de corporações distintas atuarem de forma harmônica e integrada. Entretanto, se todas tinham as suas demandas e dificuldades internas, com as quais se preocupavam mais do que tudo, nenhuma delas conseguiria enfrentar sozinha os desafios do contra-terrorismo, naquela situação.

• • • • •

Já fazia um ano que Matheus Sparta vivia os resquícios da rebordosa da separação. Ele ainda se lembrava da ex-mulher, que já estava com outro, mas não eram frequentes as ocasiões em que isso era possível. Quando ficava sozinho, corria quilômetros e caía na cama exausto, com um sono pesado, sem sonhos nem pesadelos.

Aliás, o casamento já havia derrapado por causa de um estilo de vida dedicado prioritariamente às atividades militares. Depois de “encher o saco” da mulher fazendo os dois cursos de maior operacionalidade no Exército, de comandos e de Forças Especiais, mais quatro anos



servindo no Batalhão de Forças Especiais, e sete na Brigada Paraquedista, além de oito meses no Haiti (!!!), Matheus havia se deparado com um bilhete afixado na porta com a fechadura trocada: “Adeus e seja muito feliz”.

Ele simplesmente havia entrado na sombria estatística das Forças Especiais brasileiras, na qual oitenta e sete por cento dos oficiais e setenta e quatro dos sargentos se separavam do cônjuge.

Sparta não tinha conseguido se entender com a esposa, que havia sabido de uma aventura sua, completamente inconsequente, na base claustrofóbica da Minustah. Ele nem tinha o hábito da infidelidade, sendo viciado, na verdade, na adrenalina do trabalho. O problema é que deixara a coitada sozinha durante tantos anos e a solidão costuma inspirar ideias deprimentes, de uma intolerância raivosa. E, assim, ele fora despachado sem uma conversa catártica para ambos, pois, até para isso, ele precisaria dispor de um tempo que não tinha, emendando uma missão na outra.

Para Sparta, a ex-esposa ainda era a adolescente com quem se casara, que se divertia cortando as suas unhas e pintando de esmalte-base, quando ainda era cadete, que havia se tornado uma mulher nervosa e triste, tomando pílulas para dormir, dizendo que descobrira que era *borderline*...

• • • • •

No início, Matheus pensava que o TIGRE precisava da sua ajuda. Mas, logo nos primeiros dias, deu-se conta de que eles tinham quase tudo. Mentalidade proativa, pessoal selecionado, especialistas em antibomba e bons times táticos. Faltava apenas substituir as armas, acessórios,



material de comunicações e oprônicos. E isso dependia do poder político.

O chefe do TIGRE era o Rubinho. Um sujeito, baixo, magro, cabelos castanhos, calmo, eternamente preocupado com a conduta do time tático.

Uma das primeiras operações de que Sparta participou foi estourar um aparelho usado por traficantes. Uma casa feiosa com muros altos e portão de ferro, como qualquer outra do bairro.

A ação começaria com o “explosivista” que havia preparado uma carga de cordel detonante no intento de derrubar o portão para o interior da casa, de muros altos, a fim de abrir caminho para o time tático, que usaria alicate, marreta, carga charle e escudo. Sparta ponderou que talvez a carga explosiva não tivesse força para rebater o portão e sugeriu que levassem escadas.

Desse modo, os grupos de bloqueio em posição deram o pronto e o time se posicionou rente ao muro. O “explosivista” colocou a carga e a acionou por meio elétrico. Houve uma grande explosão, mas o portão não tombou. De imediato, puseram as escadas e os homens escalaram o muro. Em segundos, já estavam todos no interior da casa arrombando a porta da frente com o martinete, efetuando as prisões.

Ninguém reagiu. A surpresa dos traficantes foi grande, mesmo com a resistência inicial do portão.

Encontraram drogas em quantidade.

Entretanto, se a ação fosse de um resgate de reféns, eles deveriam ser mais rápidos, os meios de vigilância



eletrônica teriam que ser melhores, e a munição, especial, com armamento mais preciso, assim como teriam que ter um *sniper* capaz de fazer tiro de neutralização.

Ainda assim, Sparta ficara satisfeito. O time não era cru e as correções a fazer seriam pequenas. Além do que, ele se sentia entre companheiros, que era algo que valorizava mais do que tudo, e que tinha impacto direto na eficiência da operação.

Sparta trabalhava também com o Comando de Operações Especiais, o COE, que mandava sempre as equipes para treinamento de combate em área confinada, cujos homens atiravam bem e eram muito disciplinados, apesar dos fuzis serem ruins e de não terem optrônicos.

Além do TIGRE e do COE, tinha ainda o GPI, da Polícia Federal, comandado pelo Kaminsky, um excelente policial, cognominado de “o ucraniano”, devido à sua ascendência, oriundo de uma família rica e afeta à indústria de armamento. Usava sempre calças cargo e colete de proteção e era um milico frustrado, tarado por viaturas militares e colecionador de armas de várias culturas e de diferentes períodos históricos: lanças, punhais, escudos, elmos, pistolas e rifles.

Infelizmente, além desses treinamentos lúdicos com o TIGRE, GPI e COE, Sparta tinha que trabalhar com um emaranhado de instituições sem virtude, às voltas com egos inflados, sem o mínimo foco na missão, para grande aborrecimento seu. Apesar da sua preparação nas Forças Especiais, voltadas para uma atuação profissional no campo das operações psicológicas, não era fácil para ele lidar com as paixões políticas. O seu universo mental ainda era tipicamente militar: o soldado manda e obedece.



A “palhaçada”, como Sparta chamava, começou logo na primeira reunião. A Polícia Federal começou a açambarcar atribuições das outras agências sem ter pessoal, uma vez que os batedores para guarda de autoridade estavam, em sua maior parte, nas mãos da Polícia Rodoviária Federal. Mas como o seu objetivo era se projetar na mídia, que se danassem as condições de execução.

O Delegado Hubert, da Polícia Federal, falava sublinhando as palavras com uma gesticulação excessiva e enfadonha. No começo era engraçado. Diante dos colegas mais próximos, o Sparta imitava os cacoetes da autoridade que exigia ser chamada, a todo momento, de “excelência”.

Para Sparta, Hubert era um homem comum alçado a uma condição de superioridade que não lhe correspondia. Se fosse soldado, poder-se-ia dizer que era um uniforme vazio. Tratava-se de um sujeito cuja aparência estava na razão inversa das ideias de grandeza. Era magro e curvado, mas decidido a conquistar o mundo. Sempre de ternos caríssimos e com um extravagante cavanhaque, era impossível não reparar nele, andando pelos corredores da Polícia Federal e das instituições envolvidas nos grandes eventos.

Hubert propunha providências incabíveis e não respondia às perguntas quanto ao modo de resolver os problemas. Alongava as reuniões, cortava a iniciativa das outras agências e ostensivamente desconfiava do Exército. E quem era ele para suspeitar do nosso pessoal, pensava Sparta, tendo em mente, por exemplo, o general Arlindo, que chefiava o CCPCT, um homem astuto, rústico e fraternal, que comia no rancho com os soldados, que conseguia aliar a humanidade e a extrema competência no campo das Forças Especiais.



No fundo, Sparta sabia que o Hubert não tinha efetivamente uma opinião depreciativa sobre o Exército. Ele rivalizava com todas as organizações, sendo do tipo que, para adquirir notoriedade, poderia deixar que explodissem um ginásio lotado.

A verdade é que Sparta tinha saudades do convívio exclusivo com as tropas operacionais. Como era simples a sua existência assim, junto da esposa e longe das reivindicações descabidas de gente como o delegado Hubert...

A situação se tornara sombria, gerando o receio que crescia, em muitas cabeças do Exército e de outras agências, de acontecer uma merda durante os grandes eventos, já que as providências necessárias não fluíram. Pelo contrário. Fazer o que era preciso era escalar a montanha mais alta sem o equipamento necessário, agarrando-se às pedras com as unhas.

Dependendo do Hubert, estariam todos perdidos.

Matheus pensava que, apesar das dificuldades políticas, o mais importante era que ele adestrasse as excelentes tropas com quem estava trabalhando. Afinal, em 1980, com que material de emprego militar o Serviço Aéreo Especial inglês havia neutralizado a ameaça terrorista na embaixada iraniana em Londres? A História Militar estava cheia de exemplos como esse, que enfatizavam a importância das habilidades táticas e dos aspectos morais e afetivos dos militares e agentes operativos.

Outro aspecto relevante era a necessidade de que se fizesse um silêncio-rádio, termo militar para as ações militares de máxima discricção, com um perfil de baixa assinatura.



Sobre esse aspecto, é preciso que se diga: o conhecimento sigiloso não costuma vir a público de forma fidedigna. A sociedade brasileira não costuma perceber o que se passa sub-repticiamente, quer por despreparo técnico e intelectual nos temas relacionados a essas operações, quer por interesses de determinados grupos, quer pelas operações de desinformação que encobrem a realidade dos eventos de grande repercussão.

Nesse contexto, uma das preocupações, na sua área de influência, o sul do País, era a Tríplice Fronteira, onde se encontravam muitos árabes, dentre os quais se destacavam os de origem libanesa, lidando, pela primeira vez, nos últimos anos, com um evento internacional, no qual estaria um de seus maiores adversários históricos, Israel, assistindo e participando dos jogos.

Eis porque Mateus Sparta tivera que estudar a situação do Oriente Médio, com destaque para o Líbano, debatendo com os membros da equipe tática do TIGRE, COPESP e GPI. Tratava-se de uma confusão de povos e etnias lutando entre si por razões territoriais e religiosas, orbitando em torno da questão árabe-israelense, cujo teatro de operações incluía o Líbano, a Faixa de Gaza e a Cijordânia, ocupado por israelenses, libaneses, palestinos e cristãos drusos.

.....

No começo do século XX, o Líbano era chamado de Paris do Oriente. Era um país de maioria cristã, por incrível que isso possa parecer. Os valores ocidentais preponderavam e eram endossados pelos cristãos maronitas, que compunham a maioria dos assentos da Câmara dos Deputados. A França, a potência colonizadora nessa época,



buscou até realizar uma política de divisão do poder atendendo aos seus interesses, mas, com o passar do tempo, tal equilíbrio de forças foi desarticulado, pois não conseguiram controlar a imigração de palestinos ensejada pela criação do Estado de Israel.

O fato é que, no final do século XX, os muçulmanos se tornaram a maioria absoluta da população libanesa, mas sem ter o poder político correspondente. E aí chafurdou tudo. Começou uma guerra civil, em 1975, quando a cidade foi dividida em facções que se estabeleceram pela força das armas, e o Estado libanês se desagregou. Pela posição social que ocupavam ou pelo ofício que exerciam, os homens libaneses poderiam ser guerrilheiros ou informantes, mantendo as lideranças a par dos movimentos e de ações das outras milícias e do governo.

Essa guerra civil assolou o País até 1990, sendo agravada pela interferência dos Estados Unidos, Israel, de outros países árabes e do Irã, em face da constituição dos campos de libaneses de origem palestina, tendo Israel invadido o sul do Líbano. Nesse contexto, uma das operações mais sangrentas foi a Operação Paz na Galiléia, que resultou em um massacre violentíssimo da população civil, três mil pessoas, feita pelas milícias cristãs libanesas, em 1982, em Sabra e Chatila, sob o olhar conivente dos israelenses.

Todos esses enfrentamentos só poderiam gerar um ciclo interminável de retaliações e vinganças para povos como aqueles, para quem os vínculos familiares e étnicos eram levados realmente a sério. Isso resultou na criação de uma organização paramilitar dissidente da OLP, xiita, o Hezbollah, financiado e organizado por um dos maiores



inimigos de Israel, o Irã, que não queria um Estado de Israel forte na sua beirada.

O resultado era a bíblica Beirute de altos prédios abandonados e perfurados de rajadas de tiros, de onde se atiravam ou eram atirados uns infelizes, nas épocas mais duras de conflito armado. De tantas ruas e vielas às escuras, cheias de escombros, mesmo tendo bairros de pé como *Ain al miraiseh*, de onde se via um Mediterrâneo, em dias ensolarados, de um azul estarrecedor. O país todo sofria, aliás, com essas mazelas, dias e noites de bombardeios, em meio aos intervalos de cessar-fogo. Depois de tantos anos de conflito armado, as memórias de todos, seja lá qual fosse a geração, se remetiam a esses cenários conflagrados e a impressões dolorosas, integradas estranhamente ao dia a dia e aos miraculosos dias de paz.

.....

Em 2014, no Líbano, uma das atividades de engajamento consistia em receber dinheiro de fora, inclusive do Brasil, para comprar suprimentos, armas, munição, equipamentos. Havia locais de abastecimento, como as redes de supermercados ou padarias que funcionavam dentro de uma normalidade aparente, diante da qual mesmo um bom observador não conseguiria perceber as reais intenções por trás das rotinas mais prosaicas da vida cotidiana.

Em Beirute, as rotinas se misturavam com insumos, agentes e situações típicas da guerra, numa combinação inquietante e mortal. A verdade é que, mesmo depois da guerra civil, a normalização da vida das pessoas ainda era um sonho distante, pois os procedimentos clandestinos continuavam os mesmos na antiga e destruída Beirute.



Um agente treinado conseguia reconhecê-los. Um cidadão comum, não...

Senão, vejamos.

Em um dia nublado, um agente verificou se havia ou não um pano azul amarrado no portão de uma casa. Era o sinal de que um cachê de mensagem estava carregado.

Um quarteirão à frente, de uma feira cheia de gente, alguém se encostou discretamente no muro, retirou o tijolo e apanhou um papel, não, sem antes, conferir se estava sendo seguido. Na rua seguinte, outro empurrou o tijolo para dentro, deixando um espaço vago, informando, a quem interessava, que o cachê tinha sido descarregado.

Um caminhão de lixo estacionou ao lado de um lixão a céu aberto para retirar poucos dejetos. Poderiam ter levado uma quantidade maior, mas não o fizeram. O caminhão se deslocou por uns trinta minutos até as cercanias de Beirute e entrou em um galpão abandonado. Seu motorista fechou o portão e outros começaram a tirar a carga misturada ao lixo. Uns sacos semelhantes à aniagem foram levados para uma sala. Pareciam inofensivos, mas se tratavam, na verdade, de explosivos que poderiam destruir um quarteirão inteiro.

No edifício número trinta e três, no centro da Beirute, no escuro, atrás das cortinas claras, todos eram observados por um ator solitário, furtivamente.

Nos subúrbios de Beirute, dois personagens se encontravam à meia-noite em uma casa branca. Era um lugar destinado às reuniões para coordenar entregas de material e documentos de importância estratégica.



Para conseguir perceber todos esses procedimentos clandestinos, era necessário se misturar com o povo do lugar. Assim, há décadas, Israel tem atuado, no campo de batalha da Cisjordânia, Faixa de Gaza e sul de Beirute.

Quem seriam os oponentes? A pergunta do milhão. O Fatah? O Hezbollah? A milícia cristã? a Irmandade Muçulmana? Por incrível que possa parecer, no fim da guerra civil, existiam oitenta e seis grupos independentes.

Nesse jogo, o difícil era saber quem trabalhava para quem.

Em 2014, transcorriam embates em Beirute, silenciosamente e de forma letal. Os atores eram difusos. Seria necessário dispor de analistas capazes e agentes encobertos, a fim de descortinar esse campo de batalha enigmático, lidando com dados complexos e contraditórios, ponderando os interesses dos atores envolvidos, a infraestrutura de que dispunham e as suas capacidades operativas.

• • • • •

Durante anos, alguém tinha que levar os informes ou os suprimentos.

Um menino palestino-libanês de dez anos, o Hassan, fez esse trabalho. Baixo, franzino, pele morena, cabelos escuros e desgrenhados, era um dos “aviões” de uma das oitenta e quatro milícias existentes em Beirute.

Com o passar dos anos, Hassan passou a integrar a célula de comunicações. A sua mensagem chegava no centro de mensagens, a única peça da imensa estrutura operacional que era conhecida pelo menino. Ele não sabia



nada acerca das estruturas logísticas, nas quais o suprimento costuma ser disponibilizado em cachês diferenciados segundo o tipo, à semelhança do Exército regular, tal é o nível de organização da atividade terrorista.

As outras providências deveriam ser tomadas pelo responsável pela logística, transporte ou ação tática, que Hassan ignorava. Quanto ao chefe das operações, nem em sonhos, Hassan imaginava quem era.

O importante era que Hassan tinha amparo financeiro, proteção e, no futuro, poderia ascender na organização. Afinal, sem instrução formal, ele não tinha muitas possibilidades. Assim, durante anos, Hassan pôde proteger a mãe, a avó e as três irmãs.

O pai já tinha morrido lutando contra as milícias cristãs do Líbano. Um herói entre tantos, em um país que havia conhecido tempos melhores.

Em uma família de costumes tradicionais como a de Hassan, as mulheres teriam que ser sustentadas pelo único filho homem. As irmãs precisavam de dote para se casarem. Nem todas as mulheres libanesas eram assim, mesmo no final do século XX, pois é um país ocidentalizado, no qual a força de trabalho feminina se destaca na administração pública e no mundo do trabalho. Entretanto esse não era o caso da família de Hassan, que seguia uma vertente mais estrita dos mandamentos do Islão.

Hassan rezava cinco vezes por dia, como prescreve o Alcorão, em locais aseados e na direção de Meca. Não comia carne de porco nem bebia álcool, mas não frequentava tanto a Mesquita como gostaria nem procurava o



Xeique. Esse não tem como atribuição ouvir pecados nem estabelecer penitências, como o sacerdote católico, mas fornece orientação para uma vida em conformidade com os ensinamentos do Alcorão.

Além disso, nem sempre Hassan conseguia jejuar no Hamadã. Ele se reconfortava seguindo os preceitos islâmicos, a partir de uma interpretação belicosa e pragmática que enfatizava os resultados nos embates que realiza desde menino a serviço da causa. Um menino que nunca pôde conhecer o belo idioma da revelação do texto sagrado, devidamente recitado, com suas cadências, pausas e assonâncias, com imagens poderosas de salvação e perdição.

Nas ruas do Líbano, Hassan cresceu às voltas com as milícias em luta, que fracionavam o território. Jovens e crianças atirando pedras contra os poderosos tanques de guerra do Estado judeu. Uma infância e uma adolescência fraturadas pela guerra de uma forma que só podemos imaginar porque há no Brasil o crime organizado, mas a diferença é que essas empreitadas eram motivadas também pela fé.

Esse aspecto fazia toda a diferença. Os muçulmanos convictos não buscavam somente a compensação pecuniária, mas também, a salvação da alma. Muitos, a vingança pelas atrocidades cometidas contra familiares e amigos. Alguns, o poder político e militar.

Os muçulmanos convictos não são como os ocidentais, que desempenham tantos papéis sociais, cada qual com o seu próprio código de valores: pai de família, profissional, amante, crente. Em geral, os muçulmanos não têm nenhuma dúvida razoável depois de quinhentos anos



de hegemonia da ciência e da técnica. Eles acreditam para valer na verdade revelada, como nós, ocidentais, até o século XVIII, ou XIX, para alguns retardatários. Para muitos deles, os milagres realmente acontecem e o destino individual é determinado pela vontade de Alá.

Sob os auspícios reconfortantes dessa fé, a vida do Hassan havia transcorrido entre missões. Não casou, o que era estranho para um muçulmano, mesmo gostando de uma prima. E, inevitavelmente, aos dezenove anos, ele já havia matado alguém. Um segredo conhecido pelo recrutador do Hamas, e que o fez ser escolhido para uma tarefa difícil.

Eis que o menino-soldado poderia agora se alçar a uma posição mais importante na organização. Foi encarregado de atuar na região da Tríplice Fronteira de um país do outro lado do mundo. Uma nova frente de combate, na terra de alegres infieis que jogavam muito bem o futebol.

É importante enfatizar que Hassan era sunita.

Os xiitas e sunitas são dois ramos do Islão que surgiram na disputa pela sucessão de Maomé, depois que o profeta faleceu, em 632 D. C. Os xiitas defendem a sucessão de Ali Bin-Abu Talib, um parente do profeta. Os sunitas, por sua vez, acreditam que qualquer um poderia suceder o profeta, não somente seus descendentes.

A rivalidade entre xiitas e sunitas perdura até os dias de hoje. O Irã é xiita enquanto a Arábia Saudita, sunita.

Muitos libaneses, sunitas e xiitas, terminaram por vir para o Brasil durante as últimas décadas.



Em 2010, o número total de muçulmanos no Brasil era de trinta e cinco mil e cento e sessenta e seis pessoas, sunitas e xiitas, sendo cinquenta e seis por cento oriundos do Líbano.

Para os brasileiros, a disputa entre xiitas e sunitas parece tão absurda como o conflito entre os defensores da Monarquia do direito divino e os senhores feudais.

• • • • •

*Uma jovem de 17 anos foi morta nesta quinta-feira na explosão de um carro-bomba em Beirute. Ela será enterrada na sexta-feira no Líbano.*

A locutora insistia nos detalhes, enfatizando o fato da vítima ser, na verdade, uma brasileira. Filha de libaneses, Malak Zahwe havia somente nascido em Beirute, onde então estudava. Segundo os familiares que residiam no Brasil, na hora fatídica do atentado, ela fazia compras. Não poderia ser mais prosaica a situação. E a desgraça nunca vem sozinha: a madrasta de Malak, que é do Líbano e estava com ela, também morreu no atentado.

Daniela Schneider estava enrolada em um edredom até o queixo quando ouviu a notícia.

O quarto onde vivia, no Chuí, no extremo-sul, era grande e quase sem móveis. Somente uma escrivaninha no centro do cômodo, abarrotada de papéis e de pilhas de livros. Uma extravagante cortina estampada de verde e roxo deixava passar uma réstia de luz.

Era de manhã no apartamento alugado por temporada, que arranjara a fim de coletar os dados para a sua tese de doutorado.



O ataque havia ocorrido no dia anterior por volta das quatro horas da tarde, horário local, numa região considerada um reduto xiita, do Hezbollah. Além de Malak, cinco pessoas tinham morrido com a explosão e havia mais de setenta feridos.

Qual seria o impacto do evento na comunidade local? Talvez virasse de ponta-cabeça a fala dos entrevistados, sendo, a maior parte deles, frequentadores da grande mesquita sunita de Chuí. Ela já havia acertado três entrevistas para aquela semana: o próprio imã, a tradutora e a professora da escola de catecismo.

A verdade é que o tema da sua tese, “percepções sobre violência e crime organizado da comunidade libanesa na Tríplice Fronteira”, era, do ponto de vista prático, uma loucura. Tinham lhe avisado, não o pessoal do doutorado, é claro, sem uma noção real do perigo, mas amigos de infância que eram da polícia. “Daniela, você tem que entender que um furo de reportagem não vale a sua vida”.

Eles tinham razão na avaliação das suas motivações mais secretas. Às vezes, a jornalista falava mais alto do que a pesquisadora.

Daniela pretendia focar o ponto de vista das mulheres, numa perspectiva etnográfica, semiótica, em busca da “hierarquia estratificada de significantes”, por meio da chamada “descrição densa”, no dizer do antropólogo estadunidense, Clifford Geertz. Em outras palavras, ela queria capturar o mundo tal como essas mulheres o viam, em termos de conceitos e valores relacionados aos temas da paz, guerra, violência e crime, mesmo estando ciente de que, na cultura muçulmana, seguramente não seriam



elas diretamente envolvidas com as questões de segurança pública ou terrorismo. Mas era a única opção que tinha. Por ser do sexo feminino, não conseguiria se aproximar dos homens fazendo perguntas indiscretas sobre a sua vida pessoal e profissional, em longas entrevistas semiestruturadas.

Daniela tinha começado a carreira como relações públicas de uma empresa de comércio exterior que tinha negócios com os Emirados Árabes.

Ela sempre havia tido vocação e aptidão para o estudo de idiomas desde o ensino médio, tendo vivido na Inglaterra e na França, trabalhando como *baby sitter*. Depois, já no curso de Jornalismo, como existia uma demanda por repórteres habilitados em outros idiomas que ninguém sabia, ela tinha estudado o mandarim, mas sem muito sucesso. Fora o primeiro fracasso linguístico da sua vida.

Desistiu depois de um ano e passou três estudando alemão e árabe.

Seus estudos linguísticos também foram impulsionados pelo fato de a sua mãe participar de um projeto social que ajudava imigrantes, que Daniela passou a apoiar aos sábados. Foi assim que aprendeu espanhol com os venezuelanos, e árabe, com os libaneses e os sírios.

Ela se deparou com um grupo de mulheres árabes desesperadas em aprender português, para conseguir arranjar um meio de vida. Fez um trato. Para cada hora de português, uma de árabe. Ficou amiga de uma delas, Samira, que tinha dificuldade de falar “brasileiro”, como ela dizia, ou mais preguiça de ler e estudar gramática da língua portuguesa. Com ela, Daniela é que passou mais tempo falando o árabe.



Ela se sentia à vontade com essas mulheres, sem nenhuma intenção de pressioná-las a adquirirem os valores ocidentais, o que ela mesma achava espantoso, uma vez que se considerava emancipada. Como não achar patriarcal e abusivamente machista uma religião que determinava que a religião dos filhos seria sempre a do pai, e não, a da mãe...

O problema não era as mulheres usarem o *hijab*, o *naquab* ou a *burqua*. Segundo o Alcorão, infelizmente desconsiderado pelos fundamentalistas islâmicos, o véu serve para proteger as mulheres da concupiscência masculina e da agressão sexual e não se pode obrigar uma mulher a usá-lo. O Islã também não proíbe algumas práticas de contracepção, permite que as mulheres tenham propriedades em seu nome e considera a realização sexual feminina como um direito conjugal.

Daniela aprendeu esses aspectos aparentemente surpreendentes sobre o Islão ao encorajar as mulheres a contarem as suas vidas em português e árabe.

Várias delas conseguiram empregos graças aos seus esforços e contatos pessoais.

Assim, uma coisa levou a outra. Logo que saiu da faculdade, Daniela procurou empregos que exigissem falar o árabe, e, mesmo sem nenhuma experiência nem conhecimento de relações públicas, já que era jornalista, conseguiu um trabalho em uma firma de comércio exterior em Curitiba, que exigia que fizesse viagens regulares ao Oriente Médio, pelo menos três vezes por ano, acompanhando a comitiva da empresa.

Ela tinha também que se comunicar com os árabes que apareciam regularmente na sede da empresa para



realizar tratativas e alguns não pareciam muito confortáveis com a sua atuação de tradutora e mediadora, o que gerava nela a insatisfação permanente de estar sempre “de fora”, por ser mulher.

Foi por essa razão que ela quis abordar a cultura árabe e o Islão na condição de pesquisadora. Precisava entender a *Xaria*, o conjunto de regras e preceitos dos muçulmanos que abrangiam desde a vida sexual até o comportamento econômico, que incluía uma casuística baseada em uma classificação detalhada de condutas obrigatórias, recomendadas, permitidas ou claramente ilícitas.

Agora ela se encontrava ali, naquele fim de mundo, Chuí, depois de ter pedido um afastamento temporário de alguns meses, para coletar os dados. O chefe tinha aparentemente apoiado a empreitada, embora pontuando que ela estava levando a sério demais o próprio papel na empresa. Mas Daniela acreditava que tinha se adaptado tão bem a aquele trabalho singular que exigia que colocasse praticamente uma burca, em algumas situações... E quem mais falava árabe como ela, em Curitiba? De fato, enquanto ela não voltava, a empresa tinha arranjado um substituto que “quebrava o galho” em inglês.

*O Ministério das Relações Exteriores afirmou que ainda não havia sido contactado pela família e demonstrou “apoio irrestrito” do Brasil à “estabilidade política” no Líbano. Malak vive com o pai, a madrasta e três irmãos no país, de acordo com parentes. Sua mãe também mora no Líbano.*

O ataque havia acontecido apenas seis dias após a morte de Mohammed Chatah, um importante líder sunita no país.



A verdade era que a tragédia demonstrava o quanto o aumento da violência decorrente da guerra civil na Síria entre as duas maiores correntes do Islã - sunitas e xiitas - havia terminado por contagiar a já tumultuada cena política libanesa, que tinha um governo provisório desde março.

Daniela abriu o computador e fez uma varredura rápida dos informes. A explosão ocorrera após as quatro horas da tarde, quando tinha muita gente nas ruas. Nenhum escrúpulo. E, sobretudo, muito ódio. Vários carros haviam sido destruídos pela força da explosão, que havia atingido as fachadas dos prédios.

O atentado tinha sido feito após a prisão, pelas autoridades libanesas, de um militante saudita que liderava as Brigadas Hassanlah Azzam. Era de um grupo afiliado ao Al-Qaeda, aliado do Hezbollah, que já havia reivindicado a autoria de um ataque suicida, em novembro, próximo à Embaixada dos Estados Unidos, na França. Dessa feita, mais de vinte pessoas haviam morrido.

Nesse contexto, autoridades libanesas temiam que a prisão do líder do Hezbollah, Majid al-Majid, um xiita, gerasse ainda mais retaliação.

Daniela se deteve sobre o retrato da jovem vítima, Malek Zahwe, rosto oval, olhos lânguidos, o tipo de beleza mediterrâneo, e sentiu uma mistura de tristeza e de indignação.

Ela precisava mencionar o atentado durante as entrevistas, que poderia ser o evento-limite catalizador de reações coletivas de um grupo étnico determinado em relação a outras comunidades consideradas inimigas. Além disso, tratava-se de uma violência infligida a alguém próximo, cujo



rosto era conhecido e estimado, uma pessoa inocente de toda querela étnico-política dos conflitos do Oriente Médio. A fissura aberta por onde poderiam irromper as mais genuínas emoções e percepções das pessoas da comunidade libanesa, em relação à violência e ao terrorismo. Isso era muito diferente de tratar o assunto de uma forma abstrata e impessoal, a partir do noticiário.

.....

Daniela tomou um banho rápido, vestiu uma saia e túnica brancas. Penteou os cabelos louros com impaciência e saiu. Foi atrás do pessoal que queria entrevistar, perto da mesquita, ponto turístico obrigatório no Chuí.

Daniela passou, como de costume, em uma loja de produtos árabes para comprar torrões pelos quais tinha um grande fraco. Três irmãs administravam o lugar.

Assim que Daniela havia iniciado o trabalho da tese, tinha feito algumas viagens para Chuí a fim de “sondar” o objeto de estudo e o contato com aquelas mulheres a havia ajudado a delimitar o tema.

Metidas em seus vestidos e túnicas, cobertas por véus de diferentes tamanhos ou sem véu, as três pareciam muito à vontade como muçulmanas. Recebiam as pessoas com um instinto terrível de comerciante de mercado persa, trazendo os produtos mais tentadores para o gosto particular do cliente, que conseguiam descobrir em segundos, de uma forma espantosa.

Daniela havia até mudado a sua forma de vestir depois de entrar no doutorado, adotando kaftas, saias longas e batas de grafismos minimalistas. Seu irmão mais



velho, quando a via, dizia que ela “estava fantasiada de tese”. Ela desfilava em Curitiba com essas roupas que estavam se tornando comuns na paisagem da cidade. Isso acontecia devido a Chuí e a Foz de Iguaçu, cidades de onde se irradiavam cada vez mais árabes em todo o estado do Paraná, que começava a se distinguir do resto do País, no qual, com exceção de São Paulo, a imigração árabe era uma recordação remota, do início do século XX.

Daniela se vestia assim por um duplo artifício etnográfico: para ser aceita pelo grupo social estudado, mas também para “entrar na pele” das mulheres muçulmanas. Sentir o que elas sentiam.

A matriarca, Fádua, de uns oitenta anos, conduzia o negócio da família com mãos de ferro, falando uma mistura estranha de português, francês e árabe, que a auxiliar brasileira havia aprendido a decifrar. Era uma anciã pequena e rija, de traços miúdos e afilados, que a cumprimentou com uma inclinação de cabeça e continuou a peroração com a funcionária, apontando, com o indicador, caixas transbordantes de mercadorias em cima de uma bancada.

Daniela queria saber qual seria a reação das irmãs à morte trágica da compatriota, no atentado terrorista.

Perguntou a Faride, a mais nova, de uns trinta anos, esbelta, nervosa, prestes a dar um fora em qualquer homem a faltar com o respeito, a única que usava roupas ocidentais, “pois não se sentia preparada para usar o véu”.

— Você conhecia a garota? Daniela começou a desfiar a cantilena banal, bem brasileira, sobre as realidades estratosféricamente distantes do terrorismo com motivações religiosas. Como era mais fácil entender os assassinatos



cruéis do tráfico de drogas, o latrocínio. O criminoso de colarinho branco, então, nem se fala.

Como ela imaginava, Faride soltou a língua. A adolescente morta era de Foz, mas ela a tinha conhecido uma vez, de passagem na mesquita do Chuí.

Farid disse que era uma tragédia que necessitava de uma reparação.

A irmã mais velha, a que usava o véu mais longo, do outro lado da sala, não tirava os olhos das duas. Depois de uma significativa troca de olhares, Farid calou-se, dobrou maquinalmente as roupas atiradas em cima do balcão e, depois de se despedir de Daniela, eclipsou-se saindo pela porta dos fundos da loja.

• • • • •

Em *El gato negro*, um café conhecido de Buenos Aires, uma mulher lia um grosso volume, em um canto, ao fundo, as pernas cruzadas. *El mozo* lhe trazia a taça de vinho e *medialunas* que ela havia pedido quando chegou um sujeito alto, magro, branco com uns cabelos tão pretos que só podiam ser pintados de henna, e se sentou ao lado dela sem dizer sequer *buenos días*. *El mozo* encheu o medidor e despejou o vinho na taça sem afetação, admirando a beleza da mulher, uma ruiva de olhos verdes que não parecia dali. Ela levantou os olhos cuidadosamente maquiados, mas sem excessos, e degustou o vinho. *Muy bueno*. Usava um vestido de seda branca, elegante e discreto, que lhe caía muito bem. O sujeito fez que não queria nada com um gesto impaciente e *el mozo* se afastou. Parecia um encontro de negócios, dos que há por todos os lados, talvez escusos, sem a ilusão de parcerias construídas para muito tempo.



— Fizeste o *arrangement*? Perguntou ela em francês, com um sotaque curioso, que poderia ser alemão. Ele respondeu que sim, e que ela deveria esperar os acontecimentos, que talvez tomariam mais tempo do que o esperado. Afinal, o lugar tinha as suas peculiaridades.

— Ok, mas não é para demorar mais do que o preciso, respondeu ela, dessa vez em inglês, sem sotaque reconhecível. E começou a comer a *medialuna* sem cerimônia, quase de costas para o homem, como que dando a entender que já estava na hora de ele dar o fora. O sujeito não pareceu se incomodar. Folheou o livro que ela estava lendo, dizendo o título em voz alta, com uma careta de desdém: *O punho de Deus*.

— Você não gosta de Frederick Forsyth?

— Simplesmente as coisas não funcionam desse jeito.

— Mas não é interessante justamente por causa disso? Ela fez um gesto para *el mozo*, pedindo *la cuenta*.

O sujeito se levantou bruscamente e saiu, se desviando de um casal de turistas embaçacados com o jeitão *retro* do café, de 1927: piso de tábuas corridas, balcão e armários de vidro e madeira maciça.

• • • • •

A ABIN havia plotado a presença de Hassan em Chuí, Curitiba e Foz. Tinham sido conduzidas várias ações de inteligência para rastreá-lo. Foi até destacado um encarregado de caso. Faziam a vigilância sobre o alvo, seguindo o sujeito a pé ou de carro.

Hassan parava à frente de uma vitrine de perfumes e identificava logo quem o seguia, além de executar as



“evasivas de despistamento”, confundindo os agentes com caminhadas erráticas cruzando a cidade, ao final das quais desaparecia inexplicavelmente.

Em suma, Hassan era bom. Na linguagem da Inteligência, ele era um alvo sensível e especializado. Isso motivou a ABIN a adotar um dispositivo mais aberto e com “histórias-cobertura” mais rigorosas. Também não adiantou. O alvo deu para realizar “evasivas de identificação”, descendo a rua, como se fosse entrar em uma loja, retornando de inopinado para reconhecer quem o seguia.

Os agentes se alternavam, trocando de roupa em lugares precários, dia e noite, se passando pelos tipos mais prosaicos da rua. Os carros de apoio técnico ficavam estacionados nas cercanias, a fim de apoiar nas mudanças de disfarce e outras empreitadas.

Mesmo assim, seis agentes da ABIN já tinham sido “queimados”, sendo preciso trocá-los, o que criava um problema logístico.

Foram então acionados os grupos de inteligência de Santa Catarina, que começaram a acompanhar o alvo.

Em Curitiba, Hassan costumava sair do hotel e ia para a praça Zacarias, no centro. Depois se deslocava de ônibus para alguns hospitais e bairros nos quais se localizavam os quartéis da Polícia Militar. Ele ia também aos estádios da Arena de Baixada (campo de Atlético) e Couto Pereira (campo de Curitiba). Não contactava ninguém. Estava simplesmente levando as equipes para passear.

Ao completar trinta dias, o alvo foi abandonado, permanecendo sem vigilância durante duas semanas. Não



teve jeito. Finalmente, foi acionada o GPI da Polícia Federal, sob a supervisão de Sparta, que fez uma ação de captura de Hassan no Hotel Brasília, perto do Passeio Público.

Fizeram o interrogatório de Hassan no próprio hotel. Por não falar inglês nem português, houve dificuldade de comunicação. Mesmo assim, ele não se comprometeu.

Apreenderam o computador e dois celulares, que foram “espelhados”. Sparta não conseguiu ter acesso imediato ao parecer técnico, que foi mandado para a Divisão de Antiterrorismo da Polícia Federal. Novamente atrapalhava a dificuldade de trabalhar interagências.

Mas Hassan não havia deixado nenhum rastro.

Finalmente, Hassan foi liberado por falta de provas.

Depois disso, os agentes não detectaram nenhuma cobertura de cachê nem contatos. Seria necessário quebrar o sigilo fiscal e telefônico de mais suspeitos.

Sparta teve que procurar a Procuradora Geral da República, Doutora Ruth, que não tinha experiência com o contraterrorismo. Ao saber da atuação de Hassan e de outros suspeitos que haviam sido presos, nas datas passadas pela Polícia Federal, disse logo que não daria provimento às providências solicitadas. O seu discurso era vago e protocolar, reunindo as frases de praxe dos documentos oficiais, o que era típico de quem não tem a menor ideia do que estava em jogo. Era um palavreado bonito de quem defendia e protegia uma caixa vazia, que infelizmente poderia ser a de Pandora, contendo os piores demônios escondidos no fundo.



A doutora Ruth era uma burocrata. Não entendia que o País assumira responsabilidades perante a comunidade nacional e internacional. Afinal, não era da conta dela que havia terroristas no País, e o que os acompanhava abaixo da linha de observação. Ao final de uma conversa completamente improdutiva, ela aconselhou Sparta a procurar a Polícia Federal.

Apesar da inércia, da covardia moral, da ignorância do problema e da politicalha de sempre, algumas providências foram tomadas. A polícia do Paraná e o grupo de juízo telefônico ajudaram Sparta na parte da quebra de sigilo bancário dos suspeitos e do principal alvo - Hassan.

.....

A essa altura, o atentado a Malak Zahwe já estava reverberando na comunidade libanesa da Tríplice Fronteira. Tudo indicava que eles precisariam reforçar o monitoramento telefônico de suspeitos que já transcorria com algumas limitações linguísticas, uma vez que os alvos estavam deixando de se expressar em português.

Mau sinal. Estavam tomando medidas protetivas.

Sparta precisava arranjar um intérprete de árabe.

Talvez no Chuí. Ele teria que ir lá de qualquer maneira, para estabelecer um “aparelho”.

Era um município obscuro no extremo do Rio Grande do Sul, quase caindo em cima do Uruguai, e o mais distante do Equador, o centro anímico do continente sul-americano.

Sparta achava desanimadora a localidade, para o seu gosto. Perto do Chuí ficava a praia mais fria do Brasil,



com seis mil habitantes, e muitos estrangeiros, o que não era de se estranhar em uma região de fronteira, ainda mais que conurbada com a sua cidade gêmea, Chuy, do lado do Uruguai. Uma olhando para a outra, comparando-se por séculos, separadas apenas por uma longa avenida com um canteiro central.

Chuí tinha sido ora dos espanhóis, ora dos portugueses, até o Tratado de Limites entre Brasil e Uruguai, de 1851, no qual foi feita a incorporação do então Campos Neutrais Chuí-Taim ao território brasileiro.

Sparta não achava a cidade atraente em termos arquitetônicos, mas era fato que atraía muitos turistas pelos *free-shops* e por ser um ponto de passagem. Tinha um baixo custo de vida e excelentes churrascos, como, em geral, na região sulina, para se fazer justiça ao lugar.

A sua maior qualidade, para Sparta, era ser suficientemente grande para que ele passasse despercebido, sem ser complexa e populosa o bastante para complicar as suas operações no lugar.

Só que em Chuí (e em Foz), havia sunitas, xiitas e, ainda, de quebra, os cristãos ortodoxos. Um “saco de gatos”, que, no País, como era de se imaginar, conviviam pacificamente, diante da relativa inconsciência do brasileiro médio em face das diferenças religiosas.

Para Sparta e outros operadores do contraterrorismo, Chuí e Foz de Iguaçu eram áreas críticas, verdadeiras caixas de ressonância do Oriente Médio, e, em especial, do Líbano. Essa situação se devia a uma política de entrada de imigrantes no Brasil conduzida pela Polícia Federal que recebia diretrizes muito benevolentes de Brasília. Dizendo



de outro modo, entrava quase todo mundo do Líbano, vindo do Irã, Caracas e Assunção. E, uma vez no País, quem acompanhava o que esse povo fazia?

• • • • •

Sparta foi para o Chuí numa quinta-feira de manhã, em um dia bonito de céu azul. Ele estava bem-disposto. Voltava ao que gostava de fazer, ao que fazia sentido para ele, no Exército.

Tinha levado os disfarces. Seria preciso parar em algum ponto para fazer os arranjos. E, de fato, quando saiu do banheiro da lanchonete de beira de estrada, tinha virado outra pessoa. O corte militar do cabelo havia sido substituído por uma vasta cabeleira, barba espessa, óculos e camisa de botão. Não era tão difícil para ele se passar por um árabe, já que era moreno e peludo.

Depois das ações de reconhecimento, já sem os disfarces, ele entrou na mesquita algumas horas depois. Já se formara uma pequena fila de mulheres curiosas, ansiosas por vestirem o véu para tirarem *selfies*, imaginava Matheus, a fim de mostrarem para os amigos, sem um pingão de devoção religiosa, como se estivessem em uma festa à fantasia.

Logo apareceram duas mulheres de véu, uma roliça e baixinha e a outra, alta, magra e loura, portando uns óculos tão delicados, de aro de metal, que eram praticamente imperceptíveis, o que colocava em evidência os grandes olhos cinzentos. Elas conversavam animadamente. Matheus deu um passo na direção da baixinha, que já conhecia de vista, perguntando sobre a possibilidade de arranjar um intérprete de árabe.



— Tem uma professora de catecismo que domina o árabe. E conheço um rapaz iraniano que se vira bem no português, respondeu ela, de olho na fila que crescia, as mulheres já enfiando os véus, olhando-se, algumas, no espelho, para ver como haviam ficado.

Ela fez um gesto para que ele esperasse e foi ao encontro dos visitantes.

Matheus ficou ali, de pé, braços cruzados.

— Para que você quer um intérprete?

Matheus a achou intrometida para uma muçulmana. - Você entende árabe? perguntou, sem saber como tratá-la. Ela usava véu, mas o comportamento era desenvolto demais.

Ela fez que sim com a cabeça. Falava, lia e escrevia razoavelmente em árabe. E muito bem em inglês e francês. Vendo a expressão de surpresa de Matheus, acrescentou que não era muçulmana. Estava fazendo doutorado sobre a comunidade libanesa de Chuí. Frequentava a mesquita para se integrar, ver como pensavam e viviam.

— Ah... Fez Matheus, com um desdém mal disfarçado. Ela deveria ser uma dessas intelectuais que defendiam a causa palestina com unhas e dentes. “Coitados dos árabes, expulsos da sua terra pelos judeus...” Acadêmicos que, na prática, faziam uma sopa mental de todos os grupos e nações do Oriente Médio, sem se dar conta do quanto eram abissalmente diferentes da visão de mundo e dos valores dos brasileiros.

A loura continuou a encará-lo através daqueles óculos quase invisíveis.



Como diz o ditado, a ocasião faz o ladrão. De inopinado, Sparta estabeleceu um plano. Talvez fosse melhor se aproximar de uma *outsider* que parecia bem enturmada no meio, sem o perigo de cometer gafes ou de ofender pais e maridos.

Depois de passar dez minutos escutando a moça falar das suas peripécias na firma de comércio exterior e em suas viagens para os Emirados Árabes, ele a convidou casualmente para um café na rua mais próxima.

Só tinha um sujeito no fundo, comendo um hambur-ger, enquanto lia um jornal.

Daniela fez um resumo da vida que a levava até ali, enfatizando a sua afinidade - seria esse o termo adequado? - com as mulheres árabes, e com a língua e a cultura do Levante, em geral, apesar de ser uma feminista da velha guarda, defensora dos direitos civis, e consciente de que isso parecia uma contradição incontornável. E explicou a sua teoria do “Alto” e do “Baixo” Islão, aduzindo exemplos históricos a respeito do *ijitihad* - uma tradição de autonomia - do Islão voltado para a ciência e para a arte, racionalista, recriador da filosofia grega, e que ainda perdurava, de algum modo, nas comunidades árabes que viviam na Europa e nos Estados Unidos, e no mundo todo, na verdade, assimilando criativamente as contribuições do mundo moderno. Já o “Baixo” Islão fazia o inverso, proscovia interpretações não ortodoxas, e o fez, historicamente, até para manter a unidade do Império muçulmano que se estendeu de um lado a outro do Mediterrâneo, depois da morte de Maomé.

Sparta não tinha aversão a árabes, desde que não explodissem bombas, mas os achava um tanto arcaicos. Daniela não concordava.



— Conheci mulheres muçulmanas que estudavam relações internacionais ou Literatura árabe na Sorbonne. Andavam de véu, mas é um hábito cultural como o nosso de usar calça jeans.

— Ninguém é atacado por não usar calça jeans, e muitas mulheres são obrigadas a usar o véu, eis a diferença, replicou Sparta.

— Nem todas são, isso depende do lugar e a repressão vem sempre do “Baixo Islão”...

Sparta acrescentou que o “Baixo Islão” estava ganhando de lavada do “Alto Islão”, criando problemas no mundo todo.

Daniela calou-se por fim. Sabia que a sua defesa dos árabes parecia frágil diante da tragédia do terrorismo e que era preciso que os árabes se esforçassem para esclarecer melhor o seu modo de vida, utilizando, inclusive, em sua retórica, a visão relativista, tão ocidental, que professava o respeito a todas as culturas.

Infelizmente, o conflito permanente dos Estados Unidos e da Europa Ocidental com grupos terroristas e a questão Israel-Palestina ensejavam uma atitude generalizada de aversão aos árabes e ao Islão e a difusão de estereótipos terríveis como o dos homens-bomba. Daniela teve vontade de continuar a debater um tema, em si, infinito, mas preferiu mudar de assunto. Não parecia uma boa ideia polemizar sobre um assunto tão árduo e controverso com um interlocutor que tinha acabado de conhecer.

— Para que vocês querem um tradutor?



— Estamos precisando de alguém que nos ajude a compreender uns áudios.

Daniela achou melhor esclarecer que não era professora de árabe, pois não tinha licenciatura em letras. Sparta atalhou-a com um gesto:

— Não é para ensinar. É para um trabalho, digamos, institucional.

— Vocês desenvolvem algum projeto social na Tríplice Fronteira com a comunidade muçulmana?

Sparta achou melhor dizer que sim, naquele momento. E conversaram por mais duas horas. Foi deixá-la em frente ao apartamento onde ela vivia, não muito longe dali. Não passaram de uma conversa cordial, mas que lhe pareceu promissora para um possível recrutamento. E era uma grande sorte se tratar de uma mulher bonita, inteligente, com senso de humor e nenhuma afetação.

Depois Sparta fez uma varredura completa. E, maravilha, ela estava limpa. Nenhuma multa de trânsito. Pai médico e mãe professora de português, aposentados e vivendo em Curitiba. Dois irmãos tão cidadãos como ela. Advogado trabalhista e veterinário. Ela fora uma boa estudante no colégio e na graduação, bolsista de pesquisa. Fizera mestrado em Relações Internacionais com uma dissertação sobre a questão árabe-palestina. Atualmente, cursava um doutorado na área de antropologia sobre os árabes na Tríplice Fronteira. A firma de comércio exterior na qual ela trabalhava também não parecia ter atividades ilícitas. Agronegócio regulamentado, certinho.



Nesta semana, Sparta marcou um jantar numa churrasceria conhecida do Chuí, a Spetus, toda envidraçada, com jeito de lanchonete americana. Daniela falou bastante e comeu pouco, não porque estivesse de dieta, mas devido à gastrite. A tese a estava matando. Ela avançava sempre, mas devagar, e não podia ficar indefinidamente sem trabalho, só tinha mais dois meses de licença não remunerada.

Já Sparta fez o contrário. Comeu bastante e falou o mínimo necessário para ganhar a confiança da moça, encorajando-a contar uma vida inteira de normalidade invejável, sem saber o que era depressão, doença física ou morte na família. Contou até sobre os namorados, tão normais quanto ela, mas bem menos interessantes, trabalhadores operosos de organizações soporíferas como gabinete odontológico, Tribunal de Contas e Receita Federal. Nem ela sabia o que tinha visto nos dentistas, contadores e economistas que tinha deixado para trás, sem trauma nem saudade.

Quando o vinho fez a sua obra, Sparta tentou alguns avanços que a moça não rechaçou, mas não pareceu levar a sério. Estava de quarentena depois do último relacionamento. Ele riu dizendo que não iam se casar de repente e prosseguiu na sua corte sutil, mas gradual. Um rolo sem muitos compromissos era o ideal para as circunstâncias e estratégico para os resultados esperados.

— Se você quer que eu seja tradutora, a gente não precisa namorar nem ficar nem qualquer outra modalidade amorosa, disse Daniela, quando ele foi deixá-la em casa. - É só me pagar por hora e eu não cobro muito, se o trabalho for desafiador.



Ela já tinha declinado trabalhos bem remunerados, mas intelectualmente maçantes como traduzir legendas de filmes ruins.

— Não é maçante. Ao contrário. É algo que você nunca fez, e vai exigir muito do seu conhecimento da língua e da cultura árabe. Entretanto, são áudios de pessoas envolvidas em ilícitos, entende?

Fez-se uma pausa incômoda. Daniela perguntou então o que ela faria com dados sigilosos, enquanto pesquisadora.

— Daniela, isso aqui é um negócio muito perigoso. Você não vai poder sair publicando nada, senão vão explodir você e a casa dos seus pais.

A moça arregalou os olhos. Em segundos, teve que fazer um cálculo rápido de custo-benefício. Se ela aceitasse esse trabalho, talvez pudesse abrir caminho como tradutora na Polícia Federal, como prestadora de serviço. Não tinha certeza se iriam aceitá-la de volta na firma de comércio exterior. E ela estava se especializando em uma área acadêmica com poucas possibilidades de emprego no centro-sul, perto da sua família.

Um aspecto interessante da empreitada era o desafio linguístico e a possibilidade de entender melhor uma dimensão secreta da sociedade e da cultura muçulmana, que as mulheres com quem convivia deveriam conhecer de forma superficial ou de nenhuma maneira. Sentiu uma excitação febril e um fio na espinha. Era a sensação conhecida do repórter em face da possibilidade de um “furo”, colocando a sua própria pele em risco.



Além disso, ela também gostava de estar com Sparta, embora não confessasse nem para si mesma.

Então ela perguntou quem estava contratando os seus serviços. Sparta não usou nenhuma história-cobertura, não era necessário nesse caso. As Forças de Segurança Pública seriam o contratante e ela estaria ajudando o País a evitar uma tragédia.

Eles passaram então mais meia hora conversando no portão do edifício no qual ela morava sobre a conduta que teria que adotar. Seria necessário ter absoluta discrição com amigos e familiares a respeito do que faria e assinar um termo de sigilo.

Assim começou uma colaboração, de forma não premeditada, com uma pessoa completamente sem referências. Por pura intuição no terreno. Uma pesquisadora, uma mulher bonita que parecia estar “dando bola” e que convinha recrutar. Desde o início, Sparta se deixou levar pela situação. Não foi difícil.

E Daniela não tinha medo. Esse aspecto era um risco em uma situação como aquela, para alguém que não tinha preparação operacional, a não ser faixa roxa do Aikido.

Enfim, em pouco tempo, estavam enrolados um com outro e ela começou, além de fazer o trabalho de tradução, a levantar uns informes na mesquita, integrando-se cada vez mais no círculo familiar do Imã e das mulheres catequistas (uma delas era a sua esposa). Eles ficaram encantados provavelmente com o fato de uma pesquisadora da Universidade estar se interessando pela cultura árabe e pelo Islão, naquele fim de mundo.



Surpreendentemente, Daniela se revelou dotada para as ações de inteligência. Sabia tirar informações com jeito, escutando empaticamente as pessoas. Até as pedras falavam com ela. O problema era com os homens, justamente os informantes mais preciosos para o tema da pesquisa, que não tinham uma convivialidade fácil com o sexo oposto, como os ocidentais.

.....

Daniela passou a frequentar um dos “aparelhos” para ouvir os áudios, no Chuí. Lá estavam militares e militares do COPESP fazendo turnos de escuta, dentre outras atividades que ela, a princípio, nem queria saber quais eram, fingindo para si mesma que se tratava de uma atividade prosaica de tradução.

Daniela entrava pela garagem, de jeans e camiseta para não chamar a atenção, e trabalhava em um quarto com a persiana abaixada, o ar-condicionado no máximo, o fone nos ouvidos, digitando em um laptop a sua tradução, sem muito preciosismo linguístico. No começo, ela se sentia pressionada a ser rápida. Ficava com as mãos frias e úmidas, que secava de vez em quando com lenços de papel. Entretanto, em poucos dias, ela passou a se concentrar na tarefa e se sentiu desobrigada de entender tudo perfeitamente. Era mesmo difícil a empreitada. Os interlocutores, que eram sempre homens, não falavam só árabe. Português, francês, inglês e outro idioma que ela identificou depois como farsi, o persa, que conhecia muito pouco. A qualidade do áudio não era ruim, mas eles falaram de coisas do dia a dia, o que, às vezes, soava como um código.

Sparta supervisionava o seu trabalho de forma completamente profissional. Era possível que os outros apenas



desconfiassem de que eles saíam juntos. De qualquer forma, ninguém perguntava nada nem parecia interessado no que ela fazia fora dali. Estavam empenhados em realizar as escutas e em seguir suspeitos, obedecendo a escalas complexas, que alteravam na medida da necessidade. Nesse contexto, com cada um ocupado com missões arriscadas e de alta responsabilidade, não existia uma pressão constante sobre ela, para sondar, minuto a minuto, qual era o sentido de cada situação do áudio. Assim ela foi se sentindo cada vez mais segura em desvendar os mundos masculinos da política, da família e da guerra, da cultura árabe, que apenas entrevira em seu trabalho na firma de comércio exterior.

Daniela começou a identificar as alusões ao atentado de Malak Zahwe, de forma implícita e indireta. Os suspeitos mencionaram alguns fatos, como os nomes da família de Malak e de outras vítimas. E, principalmente, انتيقام. *Aintiqa*m. Vingança. A palavra-chave do Oriente Médio, a que instaura ciclos intermináveis de mortes e genocídio. Xiitas contra sunitas. Sunitas querendo se vingar dos xiitas apesar de uma das organizações mais influentes do Líbano, o Hezbollah, ser bancada pelo Irã, que é xiita.

Infelizmente, essas menções ao atentado ainda eram evasivas e sutis. Era preciso ouvir várias vezes alguns áudios para chegar a relacionar esses elementos entre si, e ainda foi com a ajuda de Sparta e do sargento com quem trabalhava de perto, o Meira, que conheciam melhor a conjuntura árabe-israelense, do ponto de vista militar.

*Aintiqa*m. Vingança. Quando ela falou a palavra mágica, Sparta e Meira se entreolharam, sombrios. A atmosfera se alterava sensivelmente e para pior. Eles deveriam se preparar para uma retaliação de grande monta.



Esse era o problema. Seria preciso encontrar estratégias mais eficientes de levantar informes, para antecipar o que poderia ser a ameaça, naquelas circunstâncias, durante a Copa.

Foi nessa época que Daniela começou a se preparar melhor para esse tipo de trabalho. Adquiriu um porte de armas e tentou voltar para as aulas de Aikidô, que não existiam em Chuí. Teve que se contentar com Jiu Jitsu, que não apreciava, mas era melhor do que nada. Sparta se preocupava com essas iniciativas, mas não podia impedir. Ele precisava ir e vir a Curitiba, percorrer a Região Sul, e ela ficava sozinha, no apartamento do Chuí, sem nenhum sistema eficaz de segurança.

Enquanto isso, ela seguiu com a convivialidade com as mulheres árabes e as entrevistas para a tese, na mesquita, inclusive de alguns poucos homens, levantando relatos impressionantes sobre o êxodo dos libaneses a partir da guerra civil, em 1975, ao ponto de muitos não quererem mais voltar para o Líbano. Eles expressavam uma aversão profunda a Israel, mas também, eventualmente, ao Hezbollah e ao Hamas.

Muitas mulheres tinham se adaptado ao Brasil, valorizando a tranquilidade, a sobrevivência garantida e a possibilidade de prosperar sem estarem no epicentro de um país dilacerado entre não sei quantos grupos étnico-religiosos que se odiavam entre si, e invadido pelos israelenses.

As mulheres mais jovens não entendiam as razões da guerra. Elas diziam que os patriarcas que tinham feito o caminho de imigração para o Brasil continuavam com o coração enterrado em sua terra, alguns odiando os judeus e a própria elite libanesa, corrupta e maléfica com os emigrados palestinos. Soube de histórias tenebrosas de



famílias inteiras exterminadas que viviam nas províncias, jogadas numa vala qualquer, por serem muçulmanas, drusas ou católicas. De gente que tinha corrido para Beirute para se livrar de uma morte anônima e que tinha achado melhor, depois de encontrar a família morta sob os escombros de um prédio que tinha ido para os ares, ir embora de vez, atravessando o Atlântico, para um país jovem sem memória de guerra e de conflitos fratricidas.

Daniela foi se integrando cada vez mais com a mulher do Imã e outras muçulmanas, agradáveis donas de casa, que se sentiam importantes por serem entrevistadas. Daniela percebeu que elas queriam mostrar seu próprio ponto de vista em relação à fé e aos costumes muçulmanos, já que era a primeira vez em que alguém lhes dava a oportunidade de falar a respeito. Então passavam a tarde toda conversando, depois de servirem comidas esplêndidas, árabes de verdade, reportando uma vida inteira de incansáveis afazeres domésticos e grande renúncia pessoal, à sombra de costumes patriarcais de ressonâncias bíblicas.

Daniela entrevistou também uma mulher indicada pela catequista da mesquita, Aisha. Ela morava perto de Daniela em uma casa ampla, sem muitos móveis, com tapetes por todos os lados e cortinas coloridas. Era um lugar confortável, mas sem luxo. O chá era extraordinário, assim como os *shish barak*, uns bolinhos de iogurte que ela trazia em pratinhos ornados de arabescos coloridos.

.....

No Jardim Botânico de Buenos Aires, um turista tirava fotos. De vez em quando, ele lançava um olhar furtivo para a moça alta e magra, de longos cabelos ruivos e olhos



verdes, que contemplava a paisagem bucólica. Com minúsculos fones de ouvido, sentada em um banco, sozinha, ela, às vezes, cantava baixinho em um idioma estranho.

Algumas fotos depois, o turista viu que a moça estava conversando com um sujeito de cabelos bem pretos, ele de pé, ela ainda sentada, sem tirar os fones. Talvez fosse uma cantada inoportuna.

— As encomendas já chegaram, disse o homem em um inglês com sotaque carregado, indefinível.

— Qual a previsão do novo envio, dessa vez? Já por duas oportunidades, vocês falharam em fazer o que deveriam, respondeu a moça, também em inglês, com azedume.

O sujeito flagrou o turista acompanhando a conversa. Esse se recompôs, olhando para os próprios pés, com a sensação de que estava se aproximando de algo mais perigoso do que uma conversa banal sobre o trabalho.

A moça fez um sorriso de pouco caso da irritação de um e do medo do outro, mostrando dentes pequenos e perfeitamente alinhados. Era muito bonita.

• • • • •

Kaminsky, do GPI, estava putado. A inteligência estava andando em círculos e o tempo urgia. Precisavam mudar de métodos.

Talvez infiltrar mais gente. O sargento Meira estava no terreno, mas não podia fazer muito sem falar árabe. A verdade é que, apesar da experiência brasileira com o crime organizado, não estavam afeitos a lidar com o terrorismo do



Levante, não tinham agentes preparados, a começar pela falta de domínio dos idiomas e de vivência cultural sobre o Líbano, Irã, Palestina e Israel.

Decididamente, eles não eram o Mossad.

— Mas a gente tem vários intérpretes em Curitiba, e aqui, a Daniela, começou Kaminsky, falando devagar, observando Sparta disfarçadamente, com o rabo do olho. Esse teve uma reação automática de rejeição que encobria a intenção óbvia de protegê-la. Ela não era uma agente, não tinha preparação operacional, argumentou com veemência.

— Sei não, ela anda treinando pra caramba e, francamente, eu a acho durona.

Sparta não a achava frágil, mas durona, ela não era. Nenhum acadêmico poderia ser. Ela só estava interessada na cultura árabe para fazer a tese. Kaminsky sorriu com malícia, mostrando os dentes amarelados (era um fumante inveterado):

— Você é que não quer envolvê-la no negócio...

Sparta ficou calado por alguns instantes.

A verdade é que, depois de um ano de solidão e amargura, ele estava se sentindo equilibrado e otimista, e, isso se devia, sem dúvida, ao seu relacionamento com Daniela, ao seu humor e leveza. Mesmo com a sua participação nas operações de contraterrorismo, ou talvez exatamente por causa dela, ela tinha conseguido entender a necessidade que ele tinha de atuar nas operações especiais. Ao contrário da ex-esposa que nunca tinha compreendido nem apreciado até a profissão militar, Daniela havia facilmente entrado “no



seu mundo”. Essa era uma sorte que Sparta não ia querer jogar pela janela, expondo a moça aos riscos de uma operação que envolvia terroristas líbano-palestinos. Por outro lado, ele não podia impedi-la, se ela quisesse mesmo ajudar, com a rede de contatos que havia construído fazendo a tese.

Assim, Sparta acrescentou, cautelosamente, que, como mulher, ela não conseguiria chegar perto dos líderes das operações.

— Mas consegue chegar perto das mulheres deles, respondeu Kaminsky. Então contou o que havia descoberto no dia anterior.

Uma das mulheres que Daniela estava entrevistando, uma tal de Aisha, era prima do Hassan em segundo grau. Eles haviam crescido juntos no Líbano, mas o ingresso dele no Hamas e a estadia de Aisha na França teriam atrapalhado os planos do casamento. Ela tinha acabado por se casar com um comerciante local, do Chuí, palestino, que havia morrido no ano passado de câncer no pâncreas.

Aisha era uma viúva bonitona, que o Hassan poderia querer reaver, de passagem no Brasil.

— A Daniela disse que ela é instruída, tem um curso de graduação, considerou Sparta, reflexivo.

— Sabe como eles são, esse aspecto não muda nada. A Aisha não é uma feminista. Nesse povo, não tem feminista. Eles matariam a pedradas uma mulher que tirasse o véu e desse para quem quisesse. Pode ser poliglota e ter dois doutorados.

.....



Foi assim que Daniela começou a fazer visitas frequentes na casa de Aisha, em várias entrevistas temáticas, com o pretexto de coletar dados de pesquisa. Era uma mulher de uns trinta e cinco anos (um pouco mais velha do que Hassan), magra, de estatura média, de longos cabelos escuros que emolduravam, quando ela tirava o véu, o rosto oval e os olhos ligeiramente amendoados, cor-de-mel.

No final da adolescência, fora para a França, onde havia estudado para ser professora. Alguns anos antes, os seus pais haviam resolvido emigrar para o Brasil, com a ajuda de um tio que já vivia no país há anos, que Daniela conheceu de vista, uma vez, na mesquita. Aisha aprendera bem o português em poucos meses, ao ponto de só se notar um leve sotaque francês. Casara com um comerciante palestino por injunção da família, mais do que por amor, com uns vinte e cinco anos. A essa altura o pai já havia morrido.

O marido era liberal para os padrões libaneses de família muçulmana. Permitiu que ela prosseguisse nos estudos, fazendo um curso de graduação em Pedagogia, e que trabalhasse em uma escola bilíngue onde estudavam crianças de origem árabe. Depois ela fez uma especialização na área de Psicopedagogia. Nesse interim, o marido foi acometido por um câncer devastador que o matou em seis meses. Ela se vestiu de preto e agiu como qualquer mulher muçulmana, mas não quis voltar a morar com a mãe, que vivia com as duas irmãs mais novas, com um certo conforto, do outro lado da cidade. Uma atitude transgressiva para os padrões muçulmanos e que, com certeza, deveria ser criticada pela comunidade árabe local.

Aisha acolheu Daniela com alguma reserva, inicialmente, para responder perguntas indiscretas sobre o seu



processo de adaptação ao Brasil, assim como outras mulheres que frequentavam a mesquita. Ela escolhia as palavras com cuidado e demorava a responder, talvez devido às dificuldades linguísticas, foi o que Daniela imaginou a princípio. Só que rapidamente constatou que Aisha falava muito bem o português.

A partir do segundo encontro, elas passaram mais tempo com conversas informais na sala de estar, antes ou depois da entrevista, comendo as inacreditáveis guloseimas árabes preparadas por Aisha. Daniela contou a sua própria vida e passou a falar em árabe. Às vezes, ela nem se lembrava de que estava fazendo uma investigação sobre a relação de Aisha com Hassan. O que a ajudou a avançar no terreno foi a sua formação de pesquisadora de campo. Ela sabia ouvir as pessoas sem fazer pressão, conduzindo-as até onde precisava que fossem.

Depois de uma das entrevistas, que, por sinal, estavam se aproximando do seu término, Daniela deixou intencionalmente um livro meio escondido entre as almofadas do sofá. No dia seguinte, ao invés de passar uma mensagem, resolveu dar uma incerta na casa de Aisha. Abriu o portão do jardim, que estava sempre destrancado, e ia bater na porta com os nós dos dedos, quando escutou vozes, a de Aisha e uma masculina, falando em árabe, mas não conseguiu distinguir as palavras. Ela tentou enxergar algo através das vidraças foscas, em vão. Contornou o jardim e tentou entrar na casa pela porta lateral, que parecia dar na cozinha. Quando colocou a mão na maçaneta, sentiu uma presença e se voltou, tomando um susto. Era Aisha.

— Desculpe! Esqueci meu livro aqui ontem. Estava andando nas redondezas e resolvi dar uma passada.



Ela nunca imaginou que mentiria tão bem. Mas sentia as mãos úmidas de suor. Aisha abriu a porta da cozinha e se sentaram à mesa. Uma cozinha comum, como de qualquer casa brasileira, e um pouco desarrumada, com lixo acumulado nos cantos de uma faxina ainda em curso, esperando para ser tirado.

Daniela não tirava os olhos da libanesa, que estava mais calada do que o normal.

Aisha falou em português:

— Sabe que tem coisa que não contei da minha vida pra você. Não ficava bem falar das pessoas da minha família, de problemas que tinha lá, foi também por isso que nós fomos para a França. E, por mim, ninguém vinha para cá. Apesar disso, aprendi a gostar do Brasil e não quero ir embora. No começo foi difícil se acostumar. Já estava trabalhando na França, tinha seguido uma formação, poderia arranjar uma posição na comunidade árabe. Então eu vim, casei, deixei a minha vida para trás, da França, do Líbano. Mas sabe que o passado às vezes volta para...

Ela parou, ajeitou a saia, com uma expressão de angústia.

— Nos dar uma rasteira... completou Daniela, também em português.

Fez-se uma pausa. Ambas miravam o janelão de onde se via o quintal arborizado e uma nesga de céu cinzento. Ia chover.

Daniela já sabia da saga do lado palestino da família de Aisha desde a *Nakba* - النكبة - a palavra em árabe que significa exílio ou desastre, usada para exprimir o trauma



da expulsão dos palestinos de seu país natal a partir de 1948, devido à criação do Estado de Israel.

A família de Aisha, de uma certa forma, evidenciava as várias facetas da sociedade libanesa com todas as suas contradições. Tios comunistas, católicos, muçulmanos, de origem libanesa ou palestina, que há décadas haviam se espalhado na Jordânia, Cisjordânia, Líbano, Alemanha, França e no Brasil. Alguns prósperos, outros nem tanto.

Eram criaturas que funcionavam nos extremos do ódio ou do amor, que não conheciam a grande indiferença da família moderna, em que cada um vive sem compartilhar os momentos mais importantes da existência, do nascimento à morte.

Aisha se preocupava com o que alguns tios e primos pensavam a seu respeito, por morar sozinha, mas não conseguia agir como eles. Na visão de Daniela, esse era o problema dela. Estava dividida entre dois mundos.

— Alguns parentes ainda juntam dinheiro para reconstruir a casa que foi bombardeada em Beirute, comentou Aisha, com ar de comiseração.

— Você também faz isso?

— Sim, não consigo evitar, estou aqui há oito anos, até me sinto brasileira, mas também sou libanesa. Não sei explicar, é como um coração rasgado em dois.

— Se a situação melhorasse no Líbano, você voltaria?

Aisha fez que não. Isso não iria acontecer. As relações entre os libaneses haviam se fraturado para sempre, tinham se enredado numa teia sem fim de maldades e vinganças



em nome da religião e do território a um ponto sem retorno. E os homens não perdoavam. Os homens, não as mulheres, entende? Algumas mulheres até imitavam o que os homens falavam, mas a maioria só suportava as desgraças em silêncio, não podia questionar. Os homens só conseguiam fazer uma coisa com as perdas que tinham tido: odiar e buscar ajustes de contas. Eles pensavam ter sido desonrados com as misérias da guerra. Se seus filhos morriam em sequestros, bombardeios e fuzilamentos sumários, eles precisavam dar o troco, para restabelecer o equilíbrio do mundo.

— Olho por olho, dente por dente, falou Daniela.  
- Até os cristãos lá fazem isso? O Cristo deu um exemplo contrário.

Aisha continuou a peroração. Os homens nunca perdoariam judeus, palestinos, iranianos, ingleses, americanos que haviam destruído o país. Os mortos tinham que ser vingados. Se não, o homem não era digno de viver nesse mundo.

— Mas no Brasil, vocês não acham que estão longe do conflito, que aqui existem outras prioridades?

Aisha continuou a se queixar o quanto vivia atormentada, que queria estar perto da mãe e das irmãs, e dos tios que moravam no Chuí e em Foz, mas não era possível neste momento. Tinha que continuar sozinha, morando ali. Precisava proteger as mulheres da família para que não sofressem o que a sua mãe e algumas tias haviam suportado nos últimos anos, sujeitas a perderem tudo a qualquer momento.

— Eu não penso como os homens. Depois que fiquei adulta, eu me sentia mal com isso, como se fosse uma traidora.



— Seu marido era engajado em alguma causa? Participava de algum movimento?

— Não! Só desejava viver aqui em paz e construir uma família, mas Alá não quis, ele era estéril e não pudemos ter filhos.

Daniela pensou em perguntar sobre a possibilidade da adoção, mas achou inútil. Achava que, dificilmente, um muçulmano aceitaria um filho sem uma relação de consaguinidade.

— Uma vez você me falou dos seus primos...Alguns atuam no Hezbollah e no Hamas e outros, não...

— Todos atuavam, atuam ou vão atuar, é só uma questão de tempo. Alguns, os mais pobres, começam na adolescência, os outros são depois seduzidos ou coagidos. Cedo ou tarde, terminam tendo que fazer algo, nem que seja apenas dar informações. Essas organizações falam de honra de um modo muito convincente. É desonrado quem não for, e se transforma em um pária. Nenhum homem quer isso. Eles gostam de ser admirados como heróis, então têm que reagir contra essa ou aquela milícia, ou combater os israelenses.

— Nem que seja se explodindo, completou Daniela.

Aisha se levantou e esquentou a água para fazer o chá. Fez-se um breve silêncio.

— Você sabe, isso muda o destino de uma pessoa. Um rapaz que poderia ser alguém, estudar, arranjar um bom emprego, pode ser perder mal entrando na adolescência, porque quer ser respeitado e admirado, sendo o herói. E isso acontecendo, não tem como corrigir o rumo, voltar ao que



era. A pessoa comete crimes, fica na mira dos israelenses, da polícia, e vai fazendo coisas cada vez piores...

— Até virar um mártir, acrescentou Daniela, em tom dramático.

Nesse momento, Aisha chamou Daniela para o quintal, não muito grande, cheio de árvores frutíferas, e apontou para a casinha do cachorro que criava, um labrador amarelo chamado Mustafá. Isso não era um hábito comum entre muçulmanos, que consideram sujos os animais domésticos.

Daniela viu o animal morto, com a boca espumando. Tomou um susto e recuou. Era uma reação normal de horror e pena, que aumentou quando viu, escrito em tinta vermelha, no muro contíguo, *أيّتها ال عامرة*, ou seja, *puta*.

Aisha começou a chorar. Tinham feito o mesmo na casa da sua mãe. Daniela a abraçou. Perguntou o que tinha acontecido, se ela havia saído com algum homem.

Aisha se recompôs:

— Você não entende? É quando a gente não faz o que eles querem.

Aisha lembrou a sua vida no Líbano, sujeita às interferências de primos e tios, sendo que a única coisa que não a impediram de fazer era estudar. Mas queriam obrigá-la a escolher o curso de Medicina, que é muito valorizado na cultura libanesa.

Daniela pediu que ela lhe telefonasse em caso de qualquer urgência, até se ofereceu para dormir na sua casa, o que era uma completa insensatez. A verdade é que ela se sentia irracionalmente responsável por Aisha, com quem



simpatizava de fato. As duas mulheres haviam criado vínculos afetivos e Daniela queria livrá-la da sujeição, que, na sua opinião, era típica das mulheres árabes.

No aparelho, Daniela reportou a conversa e outras informações concernentes aos hábitos cotidianos da libanesa, o que reforçou a suposição de Kaminsky e Sparta de que Aisha poderia ser a inocente útil a receber o dinheiro de Hassan, que se movimentava no País sem conta corrente. Essa teoria não era contraditada pelo episódio do cachorro morto, ao contrário. Aisha deveria suspeitar da natureza das operações e tentara dificultar as coisas. Se estivesse no Líbano, seria assassinada sumariamente. Mesmo ali, a morte do cachorro era só um sinal de advertência.

Foi reforçada a vigilância a Aisha, que passou a ser seguida, embora não houvesse como quebrar o sigilo bancário e colocar escuta telefônica, já que não era considerada suspeita.

Enquanto isso, Daniela continuava o trabalho na mesquita, na comunidade árabe do Chuí e no aparelho, fazendo traduções dos áudios, em que cada vez mais se expressavam em árabe e farsi, que Daniela tentava desesperadamente aprender por conta própria, e com o tradutor que arranjaram para esse fim, um rapaz de origem libanesa, o Samir, que aprendera farsi com o ex-patrão iraniano, em Foz de Iguaçu, dono de uma loja de eletrônicos.

Os agentes e ela sabiam o quanto o Irã tinha interesses envolvidos no sul do Brasil devido à alta concentração de árabes que enviavam regularmente dinheiro para o Líbano, para sustentar parentes, mas que também servia ao custeio de organizações como o Hezbollah.



Mas porque eles iriam querer promover um atentado no Brasil em um evento internacional?

Kaminsky e Sparta se entreolharam, quando Daniela levantou a questão, e fizeram um gesto cúmplice de bons entendedores do assunto, o que sempre a aborrecia. O seu conhecimento de Relações Internacionais e da cultura árabe não a qualificava para entender bem a lógica e o *modus operandi* das organizações terroristas do Oriente Médio.

— Às vezes, quem patrocina o ilícito não são aqueles que parecem ter intenção de fazê-lo, para buscar alguma vingança...começou Kaminsky.

— ...Quem faz pode ser aquele que lucra mais com isso, agindo nas sombras, sem ser o responsável direto pela ação terrorista, completou Sparta.

— Vocês estão falando do Irã? Como isso é possível, se o Hezbollah, xiita, criado pelo Irã, talvez receba dinheiro do Brasil?

Quem precisava interromper essas remessas? Essa era a grande questão.

Quem estivesse lutando contra o terrorismo no Líbano, eis a resposta mais óbvia, segundo Sparta e Kaminsky. A lista de interessados era longa. As maiores agências de contraterrorismo do mundo, o que incluía *Central Intelligence Agency* - a CIA, o MI6, o Mossad, o DGSE...

As agências de segurança nacionais e internacionais já estavam cientes das remessas de dinheiro. Daniela até sabia de várias delas em operação no Brasil, desde o início da Copa, o que lhe dava calafrios.



Em breve, começariam os jogos. Algo grande se preparava que eles tinham que impedir a todo custo.

• • • • •

No aeroporto de Curitiba, os policiais federais despachavam a papelada de estrangeiros entrando no País. Separaram as famílias e os homens e mulheres solteiros em uma fila que dava várias voltas. No guichê, o responsável chamava o próximo com um gesto impaciente. No caso, era uma moça ruiva, alta e magra. Ela entregou o passaporte, que ele examinou com cuidado.

— Sophie Müller?

Ela fez que sim, tirando os óculos escuros. O agente pode ver que tinha lindos olhos verdes, impecavelmente maquiados.

— *Do you speak english?*

A moça fez que não muito, com um meio sorriso de desculpas.

O agente considerou um absurdo que um cidadão francês não falasse bem a língua inglesa, vivendo na Europa, somente por arrogância, por achar que o seu idioma ainda fosse universal como na época dos seus avós. Mesmo assim, deu as instruções gesticulando e alteando a voz, como se a interlocutora fosse surda.

Depois de sair da área da Alfândega, a moça recolocou os óculos escuros, recolheu os pertences e se mandou, não sem antes dar um telefonema rápido.

• • • • •



Naquele dia, Daniela chegou no aparelho de manhã cedo. Sparta estava em diligências, e não era o dia de Samir. Ela tocou a campainha, disse a senha e entrou na sala de paredes nuas, quase sem móveis, onde tinha acesso aos aparelhos de escuta. Jogou a bolsa num sofá e pediu um café e uma água a um dos agentes que ia passando.

Depois de tantas horas de áudio, ela não sentia mais o *frisson* dos primeiros dias, quando esperava ansiosamente que alguém dissesse alguma coisa comprometedora.

As horas se passaram, entediadas, ela traduzindo banalidades, até que mencionaram um “pacote” que deveria ser entregue em um depósito, em Curitiba. A tradução do árabe era inequívoca. Pacote ou encomenda. Ela enviou imediatamente uma mensagem a Sparta, dizendo que eles precisavam “conversar sobre a relação”, o código acertado entre os dois para falarem sobre o assunto.

Dias depois, esse áudio desencadeou uma operação de vigilância sobre o local, uma oficina mecânica de um libanês radicado no Brasil há uns vinte anos e sem ficha criminal.

E, de fato, na hora determinada no áudio, um caminhão apareceu. Desceu um sujeito de barba preta, babilônica, espessa e pontuda, que bateu no portão. Um rapazola atendeu, sem demora, entregando uma caixa que segurava com esforço.

Na sequência, o grupo de inteligência seguiu o alvo até um depósito em Cerro Azul, região metropolitana de Curitiba, protegido por uma cerca de ferro vazado.

A equipe tática precisava de um mandato para checar o material estocado no lugar, mas é claro que não



conseguiu, com as dificuldades burocráticas de sempre, e zero sentimento de urgência do Judiciário quando se tratava de contraterrorismo.

Foi o jeito o TIGRE, COE e GPI ficarem de prontidão a fim de realizar a ação tática de captura do material e a prisão dos terroristas, vigiando entradas e saídas. Quem controlava essa operação era Sparta e Kaminsky.

Já havia sido providenciada a planta baixa do prédio para se fazer o ensaio.

No segundo dia da vigilância, começaram a chegar carros no depósito: um gol preto, uma picape e um caminhão. Entraram e ficaram lá dentro um tempão.

Os agentes estavam de tocaia fora e dentro de carros na vizinhança, fazendo de conta que liam, dormiam, ou outras atividades inocentes para não despertar suspeitas. Sparta estava barbudo, de boné e óculos ray-ban de gosto duvidoso.

Lá pelas dezoito horas, os veículos saíram todos de uma vez, se deslocando rapidamente com itinerários diferentes, de tal modo que a equipe não iria conseguir acompanhar todos.

Sparta e Kaminsky seguiram o caminhão enquanto outros iam atrás do gol preto e da picape. Os agentes iam se comunicando no caminho, fazendo manobras para não serem identificados pelo alvo.

O caminhão fez voltas sem parar até os agentes ficarem tontos, uma típica manobra de despiste, e depois saiu da cidade em alta velocidade, fazendo todo tipo de ultrapassagens arriscadas, aproveitando-se do porte intimidador do veículo.



Uma das viaturas da Polícia Militar, solicitada pelos agentes, parou o gol preto, que não tinha nada de ilícito. Uns pacotes enormes de plástico-bolha para entregar em um frigorífico no dia seguinte. Depois da vistoria, o gol entrou em uma casa comum, com muro alto, cerca elétrica e cães de guarda.

Nesse interim, outra viatura da PM fez sinal para o caminhão parar. Sparta estacionou mais à frente, simulando que trocava um pneu furado, enquanto acompanhava de longe a cena do policial pedindo os documentos do motorista. Depois ele mandou o sujeito descer e abrir o caminhão, que não tinha rigorosamente nada comprometedor, somente movelaria ordinária. Ele estava fazendo a mudança do cunhado, disse em um inglês precário.

Piorando a situação, a picape tinha desaparecido, para grande frustração da equipe tática. Kaminsky xingara e cuspira furiosamente, o que fazia quando muito contrariado. Sparta ficara sombrio, calado.

Eles tinham que fazer uma entrada sigilosa na casa na qual estava o gol preto.

Voltaram naquela mesma noite, com o rosto coberto, não sem antes jogar comida com tranquilizantes leves para os cães, uns três rotweiller furibundos. Teriam meia hora sem risco de serem surpreendidos. Depois desligaram a cerca elétrica e saltaram para dentro. A casa tinha uma enorme área externa, grades nas janelas e uma garagem que abriram sem muito esforço. Não havia ninguém em casa, mas alguém morava lá, com certeza, pois havia alguns móveis e latas de lixo cheias de restos de fast-food.



Kaminsky e mais dois sargentos fizeram o reconhecimento do lugar e não encontraram nada. Algo estava errado. Sparta fez o dele, percutindo as paredes da casa para ver se achava algum esconderijo.

Viraram o quintal pelo avesso até achar um poço escondido atrás de várias caçambas de lixo. Tiraram a tampa e lá estavam algumas caixas vedadas hermeticamente, de vários tamanhos, que tentaram abrir, sem êxito.

Teriam que pegar os terroristas ali mesmo, esse era o procedimento óbvio a seguir. Mas, infelizmente, não podiam... Neste mesmo dia, GPI, COE e TIGRE tinham sido obrigados a se dividir para dar conta de vários graves incidentes: explosão de três caixas eletrônicos e uma ação de grandes proporções em Itaipu, de combate ao tráfico de drogas e contrabando de cigarros, desencadeada por uma denúncia anônima. Eram ilícitos aparentemente mais ligados ao crime organizado, mas que poderiam estar a serviço, na verdade, do terrorismo, com o objetivo de criar “distração”.

O fato era que eles não tinham como esperar a volta dos terroristas, com o pouco efetivo de que dispunham.

Depois de deliberarem, resolveram colocar localizadores nas caixas. E os alvos não deveriam descobrir que eles haviam entrado. Recompuseram cadeados, eliminando quaisquer marcas da sua entrada no local, e se mandaram.

No dia seguinte, Kaminsky encontrou com Daniela no aparelho, debruçada sobre mais áudios alarmantes falando em “dia de festa”. Ela tirou o fone e olhou para o ucraniano, escolhendo as palavras para ser mais convincente. Aisha tinha telefonado para ela, à noite, pedindo ajuda. Eles



precisavam fazer algo para ajudá-la. Será que podiam colocá-la em um programa de proteção de testemunha?

— Ela nos entregaria o Hassan?

Daniela nunca tinha sequer tocado no nome do primo e nem Aisha o mencionara. Precisava abordar o tema com cuidado, para não revelar as suas relações com as Forças Nacionais de Segurança. Kaminsky não estava de acordo com essa estratégia gradual, pois a Copa ia começar na semana seguinte. Eles não tinham tempo para muita marola.

— Ela vai ter que nos dar o paradeiro dele e os locais das “festas” que eles pretendem dar aqui. E aí a gente consegue alguma proteção. Uma mão lavando a outra, é assim que funciona.

— Ela não é uma agente. Como você acha que ela vai conseguir essas informações?

— Olha só, não quero parecer canalha, mas mulher tem várias possibilidades de extrair informações de um sujeito, ainda mais um que já foi noivo, sei lá...

Kaminsky já estava achando que, a essa altura, a própria Daniela já seria um alvo para Hassan e seus asseclas (ele não trabalhava sozinho). Estava preocupado por sua vez, como Sparta, devido ao amadorismo de Daniela, que, nos últimos anos, tivera até aulas de tiro com o namorado, em um clube de tiro, saindo-se bem, mas isso era pouco para lidar com operadores como o Hassan. Apesar da sua boa vontade, ela ainda não tinha as habilidades de um agente de campo.

Foi no dia seguinte que as coisas começaram a esquentar para Daniela.



Quando saiu da aula de Jiu-Jitsu, lá pelas oito horas da noite, e voltava para casa, Daniela desconfiou de que alguém a seguia. Acreditou ter visto um homem se esgueirando a um quarteirão de distância.

Nos últimos tempos ela andava mesmo imaginando as várias possibilidades de ataque. Talvez por isso, na hora, foi tomada por um impulso de correr atrás do perseguidor. Nem Daniela conseguia entender como havia tido tanta coragem. Simplesmente, tivera raiva e não pensara nas consequências.

Mas não conseguiu confrontá-lo. O sujeito poderia ter pulado o muro baixo de uma casa abandonada, na esquina próxima. De fato, os cães amarrados a uma árvore ainda latiam, desesperados, como se alguém tivesse acabado de passar por ali.

— Você não deveria ter ido atrás do sujeito. Não está podendo com ninguém ainda. Esse é que o problema do amador, começa a ficar se achando e se dá mal, comentou Sparta, cada vez mais preocupado, quando soube do acontecido. Ele temia por ela, ciente de que os riscos só aumentavam à medida em que ela desvendava os áudios e que a equipe fazia a vigilância dos alvos. Ele sabia o quanto estavam se aproximando da verdade.

• • • • •

*A cerimônia de abertura da Copa do Mundo de 2014 está homenageando as riquezas naturais e a cultura do Brasil na chamada Neo Química Arena, antes denominada Arena Corinthians, em Itaquera, Zona Leste da cidade de São Paulo.*



O repórter fez uma pausa e a equipe de gravação interrompeu a transmissão para resolver problemas técnicos de última hora. No estádio apinhado (o evento tinha a participação de seiscentas e sessenta pessoas), os ânimos estavam exaltados com a aproximação do início do jogo Brasil X Croácia. O País tinha que fazer bonito, jogando em casa, mas a ansiedade de muitos também estava nos preparativos para o espetáculo de abertura da Copa e na logística do evento como um todo.

Nas imediações, uma moça de grandes olhos verdes, boné e rabo-de-cavalo já estava sentada perto de uma das saídas. Tentava equilibrar o celular, um saco de batatas-fritas e uma enorme Coca-Cola nas mãos de dedos curtos e grossos, com as unhas pintadas de vermelho.

Durante os primeiros vinte e cinco minutos, a cerimônia de Abertura foi realizada no gramado da Arena Corinthians, com o foco nos três “grandes tesouros brasileiros”: a natureza, as pessoas e o futebol brasileiro. Entrava e saía gente o tempo todo, tendo alguns torcedores se manifestado, gritando xingamentos à presidenta da República, Dilma Rousseff, e aos representantes da Federação Internacional de Futebol, a FIFA.

No centro do estádio, destacava-se um globo com mais de noventa mil *clusters*, lançando feixes de luz de várias cores e imagens.

Com o som baixo em alguns momentos, a abertura se desenrolou sob um tapete no qual se lia a mensagem *Welcome to Brazil*. Bailarinos e voluntários caracterizados como árvores e flores fizeram evoluções seguidos por índios em canoas, que percorreram o cenário.



Tendo em vista os indícios de um atentado planejado por Hassan e seus asseclas no jogo de abertura da Copa, foram feitas coordenações com o CCTI de São Paulo para que alguns integrantes do GPI do Paraná e Sparta atuassem no estádio e nas áreas críticas da cidade, em busca dos alvos. Foi assim que Kaminsky e Sparta se integraram em outra base de operações, disfarçados, no estádio, como torcedores comuns.

Sparta já saíra da área destinada à segurança, e circulava entre os torcedores com o uniforme da seleção brasileira, de óculos escuros e mochila, subindo cada vez mais para conseguir uma visão panorâmica do estádio.

Viu lá de cima entrarem as baianas, capoeiristas, gaúchos e dançarinos de frevo e de forró no gramado, como em um desfile de escola de samba. Finalmente, o globo se transformou numa bola de futebol que passou a exibir as bandeiras dos trinta e dois países que iam participar da Copa. Por sua vez, os dançarinos viraram jogadores, uma imensa bandeira do Brasil foi desfraldada, o globo transformou-se em um palco e a cantora Claudia Leitte entrou cantando estridentemente um trecho da *Aquarela do Brasil*. Em seguida, veio o rapper Pitbull, vestindo a camisa da Seleção Brasileira, e as cantoras Jennifer Lopes e Claudia Leitte entoaram a música-tema da Copa, *We Are One*, para encerrar a Abertura.

Em meio à euforia da abertura da Copa, havia outras preocupações para a segurança pública. No país inteiro, e, com mais razão, em São Paulo, nas imediações do estádio, aconteciam manifestações contra os gastos da Copa do mundo. Faziam barricadas e jogavam pedras nos policiais militares, que reagiram prendendo gente e usando bombas de gás. Inclusive no metrô, na estação de Tatuapé, alguns



vândalos estavam em confronto com os policiais, até ela ser fechada, para consternação de quem ia embora, no primeiro dia dos jogos. Em um caos como esse, poderiam passar despercebidos os preparativos de um ato terrorista, embora Sparta achasse que os árabes não infiltrariam as manifestações, pois iria parecer um atentado perpetrado por brasileiros e o que eles queriam era provocar uma comoção pública envolvendo os emigrantes da Tríplice Fronteira, algo que reverberasse no Oriente Médio. As questiúnculas locais não tinham nenhum interesse.

No estádio, Sparta já tinha feito uma inspeção detalhada dos lugares VIP, no edifício oeste, onde estavam diversos chefes de Estado e de governo: a presidenta do Chile, Michelle Bachelet, o primeiro-ministro da Croácia, Zorán Milanovic, o presidente do Uruguai, José Mujica, além dos chefes de governo do Suriname, Angola, Bolívia, dentre outras autoridades estrangeiras, e do prefeito e do governador de São Paulo.

Sparta circulou no hall do edifício oeste, luxuosíssimo, com ar-condicionado, piso revestido em mármore, granito e cerâmica de primeira linha. Infelizmente, o estádio, apesar de toda essa beleza, tendo em vista as suas proporções gigantescas, era um pesadelo para a segurança, em uma operação de contraterrorismo. Por mais que eles se esforçassem e mobilizassem as agências competentes, não poderiam estar seguros de impedir que o pior acontecesse.

Resolveu procurar um banheiro, e, no caminho, esbarrou em um grupo barulhento de croatas que bloqueava o corredor. Uma massa de marmanjos vestidos de quadrados vermelhos e brancos, a ridícula camisa da seleção. Pareciam bêbados antes mesmo do jogo começar. Tentando passar, uma moça se lançou inadvertidamente nos seus



braços, tropeçando nos seus pés: *I'm sorry*. Uma gringa bonita, de boné e rabo-de-cavalo, de grandes olhos cor-de-esmeralda, que se distanciou em seguida, constrangida.

Logo mais, às dezessete horas, teria início a partida que abriria a Copa do Mundo no país. A seleção brasileira iria enfrentar a Croácia pelo Grupo A.

Sparta pensou em ligar para Daniela: está bem? Não acha necessário discutir a relação? Mas não conseguiu, o telefone caiu na caixa postal, o que o deixou contrariado. Primeiramente, culpabilizou a moça pela negligência com o ponto que tinha sido acertado entre eles: ambos deveriam estar sempre acessíveis para o outro. Era uma questão de segurança para Daniela. Depois, começou a se preocupar, pois ela nunca havia ficado incomunicável.

Ligou outra vez. Em vão. Teve um pressentimento ruim. Contactou um dos agentes do aparelho do Chuí, perguntando por ela. Há dois dias, não aparecia nem dava notícias. Ligou para o celular da mãe de Daniela. Fora de área.

E o pior era que Sparta não podia sair do estádio enquanto não acabasse o jogo.

Rumou para a área de segurança restrita. Já tinha acabado a Abertura. Os agentes estavam espalhados à paisana em todo o estádio e não haviam plotado nada estranho, por enquanto. A situação parecia sob controle, mas eles só poderiam comemorar no final do dia. A Abertura e o primeiro jogo eram os momentos mais sensíveis para que algo desse errado, assim como o encerramento da Copa.

Sparta checkou o andamento do trabalho dos rastreadores. As equipes monitoravam sem cessar os localizadores



das caixas de explosivos (ou que pareciam ser explosivos). Elas haviam sumido e reaparecido em diversos pontos da cidade de Curitiba ao longo de vários dias. Das três, uma delas tinha desaparecido de vez no dia anterior. As outras duas ainda circulavam pelos estados do sul. Não era tão raro os sinais se tornarem intermitentes, e até sumirem, por problemas no equipamento ou pela interferência eletrônica ou magnética, vai saber. A situação dos explosivos era motivo de angústia das equipes responsáveis, que se intensificara nos últimos dias devido à aproximação do início da Copa.

Foi quando Sparta recebeu a ligação de Kaminsky, exaltado. Uma das caixas se encontrava precisamente no hotel, em São Paulo, no qual estavam alguns times e a imprensa. E o pior era que, nas horas que ainda faltavam para o início do jogo, vários jogadores haviam retornado ao hotel.

Sparta fez os contatos com o pessoal responsável por São Paulo, para que um grupo anti-bomba e anti-terrorismo fosse para lá de imediato. Ele se preparava para sair do estádio quando recebeu um telefonema com número desconhecido.

— É o major Matheus Sparta? Disse a voz masculina do outro lado, em português, com um sotaque carregadíssimo. Sparta arregalou os olhos, sentindo que havia algo errado. - Estamos com a sua amiga, Daniela Schneider.

• • • • •

Daniela estava sentada, os pés e as mãos amarrados, e um saco lhe cobria a cabeça. Ela sentia a respiração entrecortada de Aisha por perto, arfando e gemendo. Daniela tentava se manter calma, usando as técnicas de respiração da yoga que praticara durante anos, mas não estavam servindo muito.



Estava apavorada e suava frio.

Depois de não sei quanto tempo, dois homens entraram, um com a voz rouca e baixa, e o outro, de voz aguda.

Puxaram o saco da sua cabeça e ela viu de perto o da voz rouca, alto e corpulento, portando uma máscara preta de pano. O outro, também mascarado, que estava perto da porta, era pequeno e magro.

— A merda é que essa vadia fala a nossa língua, disse o grandalhão, em árabe. E, ato contínuo, arrancou a fita adesiva da boca de Daniela, o que doeu muito e a fez recuar na cadeira, antecipando outro golpe. - Pelo menos serve para entender o meu recado. Está se metendo no que não deve, moça. Devia cuidar da sua própria vida.

— Você está no meu país ameaçando mulheres e querendo explodir tudo, e ainda acha que não é um problema meu?

A resposta do sujeito foi lhe dar uma bofetada tão forte que a cadeira virou e Daniela foi ao chão, estrepitosamente.

O magro colocou a cadeira de pé, dizendo para o outro se acalmar.

— Quem de vocês é o Hassan? Perguntou Daniela, pela enésima vez. Ela já tinha ouvido tanto falar dele, que era como se já o conhecesse pessoalmente. Precisava se agarrar a esse fio de esperança, de que o ex-noivo de Aisha ainda sentia algo por ela e possuía algo do rapaz bondoso que queria ser Imã, ajudando a comunidade palestina no Líbano a seguir um modo de vida islâmico. Antes que tomasse o caminho do terrorismo.



Daniela pediu água. O magro foi buscar a água, que trouxe num copo de plástico.

Daniela o observou disfarçadamente enquanto bebia. Os seus olhos eram amarelos como os de Aisha e não tinham uma expressão dura.

— É você o Hassan?

Nesse interim, Daniela já tinha notado Aisha em outra cadeira, amarrada como ela, com um saco na cabeça. Ela tinha reagido à entrada dos homens e à bofetada aumentando progressivamente a intensidade e frequência dos gemidos.

O corpulento disse um palavrão e fez um gesto irritado na sua direção, mas o outro o atalhou.

— Olha só, você pode ficar quieta e sair dessa ou pode acontecer o contrário, só depende de você, falou Hassan. - É só não falar e fazer o que a gente mandar.

— É assim que você trata uma mulher da sua família? perguntou Daniela, indicando Aisha com o queixo.

— Você não é da família dela e está prejudicando, respondeu Hassan, visivelmente desconfortável.

Nessa altura o outro explodiu, gritando que ia dar uma porrada na vadia se ela não calasse a boca.

— Não sei o que estão tramando fazer, vão foder a vida da comunidade árabe aqui no Brasil, voltem para a guerra maluca de vocês com os judeus, não temos nada a ver com isso!! esbravejou Daniela, fula da vida. Ela tinha consciência da própria temeridade, mas não conseguia se conter.



— É como você disse, não têm nada a ver com isso, nem têm como entender. E é melhor não falar mais nada agora, replicou Hassan, em tom conciliatório. Fez um gesto para o outro segui-lo e saíram.

Algum tempo depois, Hassan voltou sozinho, desamarrou os pés de Aisha e a levou, ainda encapuzada, ajudando-a a não tropeçar.

Daniela ficou sozinha, lidando com a própria angústia. Só lembrava de terem sido acordadas no meio da noite pelos dois homens, com uma pistola na cabeça. Eles as haviam amarrado e obrigado a entrar em uma van. Haviam viajado durante horas.

Desde o início, ela vinha tentando falar com Hassan.

Aisha finalmente havia contado a sua história com o primo, criados juntos, e que fora o seu primeiro amor. Aos dezenove anos, ela queria se casar com ele, mas seus pais não tinham aceitado, pois o lado palestino da família era muito pobre e o irmão mais velho de Hassan era do Hamas, um tipo violento, que só havia trazido desgraça para a família. Já tinha morrido, não sem antes levar Hassan para a organização.

O pai de Aisha não era a favor do Hamas, mas não falava nada contra. Poderia sofrer as consequências. Ele não aprovava a presença dos palestinos no Líbano, que, na sua visão, tinha destruído o país. E dizia isso apesar de ter casado com uma palestina, a mãe de Aisha. Finalmente, a família havia conseguido ir para a França com ajuda de um de um tio de Aisha, que morava em Paris há trinta anos. E, assim, ela foi afastada de Hassan, que, a essa altura, estava cada vez mais envolvido com o Hamas.



Há anos, Aisha e Hassan não se falavam, até ele fazer contato, há alguns meses, pedindo ajuda para vir para o Brasil. A princípio, ela pensava que ele queria mudar de vida, mas isso era uma completa ilusão, pois não existia uma pessoa sair do Hamas, do Hezbollah ou do Fatah. Mesmo assim, abriu uma conta bancária no seu próprio nome e depositou algum dinheiro, para que ele pudesse vir com outra identidade, para não ser procurado pelos israelenses. Poucas semanas depois, verificou que havia sido depositada uma enorme soma de dinheiro e se apavorou.

Elas tinham sido trazidas para aquele lugar, de onde se ouvia incessantemente o barulho de aviões. Deveria ser próximo de algum aeroporto. No início, eles haviam deixado as duas em um colchão jogado no chão e sem saco na cabeça, apenas com as mãos amarradas. Eles ficavam em um quarto próximo, conversando e rezando ao longo do dia, recitando o *takbir*: الله أكبر الله أكبر الله أكبر *Allahu akbar!!* (“Deus é grande”).

Entretanto, depois de algumas tentativas de Daniela e de Aisha de se comunicarem, pedindo para serem libertadas, o sujeito corpulento se havia irritado, levando as duas para outro cômodo, amarrando-as na cadeira.

Deveriam ter se passado umas doze horas atroz.

Pelo menos Daniela não estava mais com o capuz fedorento. Examinou o lugar, em busca de uma saída. De pé direito alto, fedia a mofo e a lixo. O teto estava cheio de infiltrações. Infelizmente, não tinha janelas e a porta tinha sido trancada.

Qual o objetivo do sequestro? Daniela não entendia. Elas não tinham informações valiosas para dar, pois não



sabiam nada sobre os planos táticos das Forças Nacionais de Segurança. Eles queriam simplesmente retaliar a vigilância dos alvos?

Daniela escutava um barulho difuso de vozes, que, depois de algum tempo, ela reconheceu como sendo a cobertura radiofônica do jogo da Abertura, Brasil X Croácia. Os filhos da puta estavam acompanhando o campeonato numa situação de sequestro. Estavam se divertindo enquanto ela sofria, com os pulsos doloridos, enxaqueca e vertigem. Sentiu uma ânsia de vômito e botou tudo para fora, o mais longe que podia, que não era muito. Espalhou-se o cheiro azedo do prato feito que eles haviam dado na última refeição.

.....

*O jogo iniciou com a Croácia saindo na frente, após um gol contra de Marcelo. Foi quando um dos três remanescentes da Seleção Brasileira, Neymar, principiou a decidir o confronto. Fez seus primeiros gols naquela tarde: um chute de fora da área e outro batendo pênalti. Na sequência, a penalidade sofrida pelo centroavante Fred se tornou um dos aspectos polêmicos no jogo. Niko Kovac, o técnico croata, esbravejava, em seu idioma impronunciável, o quão era “ridícula” a marcação, que começou após o atacante se jogar no chão, reclamando de um toque.*

Sparta nem olhava o jogo que se desenrolava no gramado enquanto ele se comunicava com o pessoal de São Paulo sobre o sequestro e os explosivos. Ele não poderia ir até Daniela, que ele imaginava estar no Chuí, mas descobriu logo que ela tinha ido para Curitiba com a Aisha, para a casa



da mãe de Daniela, onde haviam almoçado. Uma verdadeira loucura. Sparta sentia remorso por ter envolvido uma civil em uma operação de contraterrorismo, tão despreparada ao ponto de fazer amizade com a fonte. Agora estavam ambas à mercê de Hassan e seus asseclas.

A essa altura, Sparta voltou para um dos lugares VIP, onde estavam as autoridades políticas, o ponto mais sensível do estádio, na sua maneira de ver, e entrou para conversar de novo com o pessoal da segurança. Um deles, que tinha acabado de render o colega e ainda não conhecia Sparta, veio com o sensor em riste. Sparta tentou dispensar o procedimento, mas o rapaz insistiu, e ainda bem que o fez, pois o aparelho emitiu um som agudo que atraiu os outros da equipe que estavam por ali. Agarraram a mochila de Sparta, que esvaziaram sem cerimônia, com grande espalhafato, até darem com um minúsculo dispositivo de escuta.

Sparta soltou um palavrão. Lembrou do esbarrão da gringa de olhos verdes, que, com certeza, não tinha nada de libanesa nem de palestina. Foi dado um alerta para que fosse detida.

As equipes táticas já estavam no hotel, fazendo as varreduras com o esquadrão antibombas. E, de fato, acharam logo a porra da bomba perto de uma pilastra estratégica do prédio, disfarçada em uma lata de lixo, prontinha para explodir. Foi por uma questão de segundos. Ia ser um estrago feio no prédio de sete andares, com a capacidade esgotada, o que incluía uma parte dos times, pessoal de apoio, imprensa e torcedores.



Sparta não conseguia parar de pensar em Daniela. Os sequestradores ainda não haviam feito contato.

Os agentes tinham achado por bem relatar os fatos à mãe da Daniela, por telefone, para tentar descobrir mais detalhes da visita das duas moças. Era uma senhora ainda jovem, com quem a filha se parecia muito, fisicamente, mas era visível que não tinha a sua coragem. Foi preciso enviar à sua casa um psicólogo da Polícia civil para acalmá-la. O que se soube é que, depois de almoçarem com a mãe, dois dias antes, as duas iriam para o apartamento de veraneio em Cananéia, do irmão de Daniela, o veterinário, a fim de passar uns dias. Era uma oportunidade para Daniela praticar o árabe, justificou a mãe, aflita. Esse era o problema. Essa situação era relativamente comum. Daniela era acostumada a fazer amizade com algumas mulheres imigrantes, árabes e venezuelanas.

Pessoas lutadoras, de bom caráter. Por isso a mãe não tinha estranhado. Apenas essa moça, Aisha, lhe parecia particularmente intranquila. Visivelmente não estava bem, as mãos tremendo o tempo todo.

Por que Daniela não o havia prevenido sobre esses planos com a libanesa? Sparta estava tão irritado que não conseguia mais distinguir a raiva da profunda apreensão. Ele se movia como que dentro de um pesadelo, esperando o pior a qualquer momento. Não acreditava que Hassan iria “maneirar” só porque não estava no Oriente Médio.

Enquanto isso, no estádio, os torcedores se desesperavam com a dificuldade imprevista da partida, com os croatas jogando duro em uma partida que o dono da casa se sentia na obrigação de vencer.



*O Brasil começou mal, os jogadores estão nervosos. O domínio do jogo não está tranquilo, a Croácia está apresentando bom futebol, é um perigo ao gol brasileiro, já está fechando suas linhas para segurar a vitória parcial do Brasil. Está ameaçando a festa preparada para a Seleção Brasileira na estreia.*

Nesse interim, todos respiravam mais aliviados no que concerne ao evento em si, independente das buscas que já faziam no Paraná, Santa Catarina e em São Paulo, atrás de Daniela. Embora ninguém falasse, a tragédia seria muito maior se afetasse a Copa, e não a morte de uma obscura pesquisadora de Relações Internacionais e de uma franco-libanesa qualquer, residentes no Chuí.

Foi quando Kaminsky ligou.

— Acho que a gente descobriu onde está a Daniela. A mãe tinha o rastreador do celular da Daniela, que, não sei como, ela conseguiu esconder. É possível que a tenham subestimado e não fizeram uma revista completa. É um erro impressionante. Ela está em São Paulo, em Guarulhos, em um depósito abandonado. O pessoal está indo para lá, acompanhando o jogo no caminho, mas acho que você não devia ir.

— Por quê? A situação está equacionada por aqui. Desarmaram a bomba no hotel.

— Não acha que isso tudo está muito fácil, tranquilo demais? Tudo resolvido a tempo. Sei lá, esses caras não são amadores...

— Você acha que foi “distração”, até o sequestro da Daniela e da libanesa?



— Para mim, o pior está por vir.

Sparta pediu para o Meira do GPI se juntar a uma equipe de agentes que iam patrulhar as áreas mais críticas - os lugares VIP e dos torcedores de organizações e os acessos ao gramado. Colocaram gente à paisana nas entradas com espelhos d'água, nos portões E, F e O, por onde entravam e saíam torcedores no início e no final do jogo, para terem acesso às alas leste, oeste, norte e sul. Nos seis vestiários também, o que incomodou as duas seleções que estavam jogando no dia, particularmente os croatas, sendo que alguns chegaram a reagir com impaciência e grosseria.

A gringa de olhos verdes havia se eclipsado. Ninguém tinha achado uma pessoa com a sua descrição, nem nas câmaras de vigilância. Os programas de reconhecimento facial ainda não davam conta de urgências como aquela, em 2014.

Mas foi ele mesmo, Sparta, que vislumbrou, a uns seis metros de distância, em uma das dez escadas rolantes destinadas ao público, uma moça sem boné, com cabeleira ruiva, anelada, de grandes olhos verdes. Estava com uma roupa de cor clara, azul ou verde, sem nada que chamasse a atenção.

Ela estava chegando ao andar de cima, e ele, ao de baixo.

Sparta subiu na marra, empurrando todo mundo, ouvindo insultos e reclamações em vários idiomas. Depois se comunicou com a equipe, enfatizando os olhos verdes como o melhor ponto de identificação, e o uso provável de óculos escuros. Eles deveriam colocar mais agentes mulheres nos banheiros femininos.



E, de fato, encontraram várias roupas femininas no lixo dos *toilettes* femininos.

Mas foi só isso. O alvo havia se evaporado de novo.

.....

Um dos encarregados das câmaras de segurança já tinha repassado inúmeras vezes as gravações das últimas horas, sem sucesso. Os outros haviam recuado umas dez horas de antecedência da Abertura, sem encontrar nenhuma pista.

O rapaz coçou a cabeça e suspirou. Estavam procurando uma agulha no palheiro. Sentou-se, estalou os dedos, um hábito ruim que tinha, quando estava ansioso, e, sem querer, esbarrou no teclado. Na tela apareceram as gravações de três dias antes, que ele passou a examinar, se perguntando por que ninguém tinha tido essa ideia antes. Voltou mais ainda. Cinco dias. Oito dias.

Quando vieram procurá-lo para resolver outro problema, ele fez um gesto impaciente que queria dizer o seguinte: não me atrapalhem, estou fazendo algo importante. O colega falou que só estava transmitindo o recado do supervisor e caiu fora. Desse modo, o rapaz pôde examinar com tranquilidade, nas quatro horas que se seguiram, todos os locais públicos do estádio. Infelizmente, os vestiários e banheiros estavam fora do escopo de vigilância, e, para isso, contava-se com a vistoria cuidadosa de uma incansável equipe de agentes, que checava tudo várias horas do dia, até a cesta de papel higiênico e o suporte de papel toalha.



Lá pelas tantas, ele encontrou o que precisava. Pegou o telefone e avisou alguém:

— Achei aqui uma coisa.

.....

*Com emoção, sofrimento e polêmica, a seleção brasileira derrotou a Croácia por 3 a 1 com dois gols de Neymar, nesta quinta-feira no Itaquerao, em São Paulo, na partida de abertura da Copa do Mundo.*

Os dois palestinos estavam sentados no chão, com as costas apoiadas na parede, escutando o locutor em árabe, no celular, já que não entenderiam nada se fosse em português. Torciam pelo Brasil, e não, pela Croácia, “uma raça de infelizes racistas e xenófobos”.

As duas mulheres tinham sido separadas. Aisha estava deitada no colchão, no quarto onde haviam ficado inicialmente, enquanto Daniela continuava de castigo, amarrada na cadeira, em outro cômodo.

*O 3 a 1 não retratou a dureza do jogo para o Brasil. O destaque da seleção croata foi o miolo da linha de quatro, com Modric e Rakitic. Tocavam bem a bola e controlavam o jogo. Oscar foi o melhor jogador da partida, Neymar foi decisivo, Modric é um meia acima da média, Daniel Alves não se firma na Seleção Brasileira (Maicon deve assumir a vaga ao longo da competição), Paulinho e Fred jogaram mal e Willian é o novo Ricardinho de Felipão.*

No momento em que foi declarado o final da partida, ficaram os dois em silêncio, com um meio sorriso nos lábios, vendo a torcida brasileira comemorar ruidosamente



e os croatas saírem xingando ou de cabeça baixa, visto na TV. Não haviam notado a chegada da equipe tática que tinha entrado de fininho, se esgueirando pelas salas vazias, subindo e descendo escadas, abrindo as portas que conseguiam abrir, fazendo sinais, até que finalmente apontaram um fuzil para a cabeça do alto e corpulento.

Só que Hassan havia pressentido, a uma certa altura, que algo estava errado. Tinha um sexto sentido comum aos gatos e aos fugitivos. Segundos antes, havia se levantado, de um salto, e fugido pela janela entreaberta, enquanto parte da equipe tática colocava o corpulento no chão, com as mãos na cabeça. Houve trocas de tiros. Nenhum dos policiais foi ferido.

Eles não contavam que Hassan havia feito um reconhecimento tão detalhado do velho depósito e de seus arredores ao ponto de conseguir desaparecer debaixo do nariz da equipe tática. Horas depois, encontraram uma camisa ensanguentada em uma câmara subterrânea do transformador, dentro de um bueiro, a uns dois quilômetros dali.

Levaram as duas moças para um hospital, sem nenhum problema físico grave, salvo o stress pós-traumático, particularmente de Aisha, enquanto Daniela queria confrontar o árabe já encarcerado em uma solitária, gritando que precisava “dar porrada até quebrar a cara toda dele”. Os agentes pediram a Sparta para acalmá-la enquanto o psicólogo da polícia, especializado em reféns, considerava as suas reações incomuns, sobretudo em mulheres. Sparta só conseguiu tranquilizá-la quando revelou o risco atual de um atentado na saída do jogo. Ela consentiu em tomar um calmante.



A essa altura, as duas seleções já se preparavam para deixar o estádio, debaixo de uma vigilância rigorosa que estava irritando particularmente os vitoriosos, os jogadores que queriam comemorar, com os torcedores ensandecidos, a vitória árdua que haviam conseguido. Entraram no ônibus e saíram pelas ruas, seguidos e precedidos pelos batedores, acompanhados por uma multidão eufórica.

- Vai Brasil!!!
- Brasil!!!
- Está passando, gente!!!
- HUUUUUU!!!!

O helicóptero da PM sobrevoava de perto. Todo cuidado era pouco. As sirenes estrondeavam os ares, não menos que os apitos e buzinas comprados no comércio local, uma marca registrada dos torcedores brasileiros, assim como as bandeiras do Brasil penduradas nas varandas e janelas dos edifícios, de todos os tamanhos, ou agitadas freneticamente pelos torcedores. Muitos corriam com o celular em riste para fazer um registro.

O ônibus se movia devagar, cautelosamente, pois os manifestantes se aproximavam demais, havia risco até de atropelar as pessoas. Era preocupante, pois mulheres, crianças e velhos chegavam até a tocar o veículo. O ônibus se dirigia para o hotel, não aquele no qual tinha sido desarmada a bomba, felizmente, mas outro, na frente do qual já deveria estar uma grande aglomeração.

Kaminsky e Sparta já estavam no local há alguns minutos, circulando entre os torcedores, disfarçados,



no intuito de plotar suspeitos. Já existia um perímetro de segurança para conter franco-atiradores, mas ambos achavam que os árabes não iriam fazer algo assim, pois não tinham um alvo determinado. Os agentes da ABIN tinham a mesma opinião. Todos concordavam que o perigo não havia passado, mas que as condições de produção de um atentado terrorista iam desaparecendo na medida em que diminuía as aglomerações, pois o impacto psicológico seria menor, uma característica da guerra da informação que eles tinham que levar em conta.

Foi quando Kaminsky notou um sujeito alto, branco, do cabelo bem preto. Não parecia brasileiro. Do Oriente Médio, mas não exatamente árabe. Não estava no clima de festa. Poderia também ser croata. Sparta foi se aproximando por trás. Ele estava perto de uma árvore, tendo conseguido se distanciar da muvuca maior dos torcedores. O sujeito encarou Sparta, visivelmente desconfortável, que perguntou as horas, para ver o que ele dizia. Primeiro em português, o que não teve resposta, tendo seu interlocutor permanecido impassível como uma estátua. Depois em inglês, e a resposta que obteve tinha um sotaque incomum.

Depois, o sujeito foi se afastando para não encorajar qualquer conversa.

Sparta avisou o Meira e o Kaminsky para colarem nele.

Nesse interim, o ônibus foi se aproximando, fazendo as manobras necessárias para estacionar na frente do hotel e os seguranças estabeleceram um cordão de isolamento. Uma multidão se acotovelava, filmando, tirando selfies, gritando o nome do Neymar e de outros jogadores.



Nesse interim, a porta do ônibus se abriu. Neymar apareceu, sendo saudado por gritos entusiasmados, assobios e cornetas. Os outros jogadores começaram a sair, aos poucos, protegidos pelo escudo humano dos seguranças. Acenavam e sorriam para a multidão eufórica e, pouco a pouco, foram adentrando o hall do hotel.

A essa altura, Kaminsky e Meira já estavam nas proximidades do suspeito, que sacou o celular e começou a falar... farsi. Eles reconheciam o idioma, embora não entendessem nada, e que o suspeito estava furo da vida, por razões possivelmente comprometedoras.

Kaminsky foi para cima e colocou a manopla no ombro do desconhecido, que se esquivou de banda, como se estivesse levando um golpe, e se lançou no meio da multidão. Kaminsky e Meira foram no encalço, mas a situação se tornou caótica, várias pessoas tinham sido jogadas no chão pelo iraniano em fuga e se havia armado uma confusão, com gente tentando ajudá-las a se levantarem enquanto os agentes corriam atrás do sujeito.

• • • • •

Sparta fazia a Análise Pós-Ação na sua equipe, levantando os pontos fortes e fracos da operação que apresentava aspectos sigilosos que não poderiam ser divulgados, inclusive para a sua própria segurança.

A bomba tinha sido colocada no ônibus vários dias antes da Abertura da Copa do Mundo. Trabalho de profissional, com peças de fabricação estrangeira de várias procedências, para não se ter certeza de quem era realmente o autor do atentado. Do Oriente Médio, a maioria, inclusive



israelense. Bombas de alto poder destrutivo, que iriam mandar para os ares a seleção brasileira e todos que estivessem no raio de uns dez metros.

Tinha havido uma grande falha de controle na vistoria das viaturas. Na hora “H”, tinham substituído o ônibus que havia passado pelo teste do espelho e pelos cães farejadores, sem alterações, por outro. Os responsáveis haviam sido subornados com muito dinheiro. Alguns já tinham sido capturados.

Sparta fez uma pausa e lançou um questionamento que o inquietava há tempos: uma operação dessa natureza, da qual ninguém iria querer reivindicar a autoria, em que se buscava encobrir o protagonismo dos verdadeiros artífices, a quem interessava?

Com certeza, a alguém que queria provocar a maior comoção coletiva da história do País, pior do que a morte do Getúlio. Matar toda a seleção brasileira, vitoriosa no primeiro jogo da Copa do Mundo, sendo o Brasil o país anfitrião, atingiria o ponto fraco do brasileiro, a verdadeira paixão nacional. Depois de cem anos de desgaste com a República, o brasileiro só assumiria atitudes drásticas em um caso como esse, em que teriam assassinado barbaramente os heróis do futebol em um evento internacional, diante dos olhos do mundo inteiro.

Havia também um aspecto mais importante do que a fúria do governo e do povo brasileiro: a leniência do País com criminosos procurados pela Interpol e pelas maiores agências de inteligência. Os culpados teriam que ser apontados e incinerados e medidas tomadas, sob intensa pressão internacional.



Nesse ponto, Sparta se calou, e outros acrescentaram informações relevantes. Hassan e o iraniano ainda estavam desaparecidos, talvez já longe do País, tendo se safado na porosa Tríplice Fronteira, voltando para o inferno de onde tinham saído.

Alguém perguntou pela libanesa e por Daniela.

Elas estavam bem. Aisha continuava no Chuí e se prontificara a colaborar. Tinha franqueado a conta bancária de Hassan, cujo valor diminuía sensivelmente com as retiradas feitas antes do dia fatídico da Abertura da Copa.

Quando o pessoal já tinha saído da sala, Kaminsky perguntou sobre o que ele, Sparta, iria fazer daí para a frente.

— Como assim? Fez o outro, sem entender, até que Kaminsky mencionou Daniela, o namoro e o seu trabalho de intérprete.

— Ela quer fazer um concurso para a Polícia Federal, você acredita?

— Tomou gosto pela coisa, hein?

— Está sem perspectivas a curto prazo, também. A empresa onde trabalhava contratou um cara como tradutor, dizendo que era mais fácil ele fazer o trabalho. Daniela ficou furiosa. Saiu-se muito bem na operação, a gente sabe, mas ela está se vendo como uma agente de inteligência que foi injustificada depois de ter ajudado a impedir o pior.

— Para a sua própria segurança, é melhor não divulgar os feitos heroicos da Daniela...



— Claro! Não sei o que ela está pensando. E a ex-firma dela não tem ideia do que houve, como o resto do país.

— E a tese?

— Isso aí vai levar ainda uns seis meses. Depois, ela ficar à toa, esperando o dia de São Nunca para algum concurso de magistério superior federal na região sul ou sudeste. De repente, ela passa mais rápido no concurso para a PF.

— Mas tem que ser a PF?!...

Bem longe dali, no seu apartamento, Daniela se preparava para ir embora do Chuí. Ficaria uns tempos em Foz de Iguaçu a fim de completar a coleta de dados, entrevistando mais gente na comunidade islâmica ligada à Mesquita de Omar Ibn Al-Khattab, um edifício alvíssimo, imponente, com um gracioso minarete ao lado, localizado em uma rua agradável e super comercial de Foz.

Se a equipe precisasse dela, faria o trabalho onde estivesse, mas o seu foco não estaria mais aí. Precisava se recuperar. Tinha pesadelos noturnos que não contava nem a Sparta, que a acordavam de madrugada, suando frio, nos quais ela se via ainda com a cabeça enfiada naquele saco nojento.

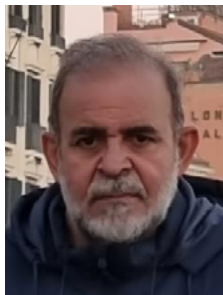
Sentada no chão, ela embrulhava e guardava os pertences em caixas, com cuidado, escutando Bach, que costumava relaxá-la, até que ouviu a notificação da mensagem no celular e foi ver o que era: um convite de Aisha para ir a um lugar qualquer da cidade, desconhecido para ela, pois estava precisando conversar sobre alguns problemas. Daniela interrompeu imediatamente o que fazia e se



levantou para se arrumar para sair. Sempre se sentia em falta em relação a Aisha, por tê-la usado como informante em uma situação de extremo risco. Eis porque ela iria até os confins do mundo por remorso, sem se perguntar sobre as circunstâncias envolvidas, com o coração apertado, e nunca agira assim em relação a ninguém. Desse modo, ela não se lembrou de que Aisha estaria, àquela hora, bem longe, indo para a França de navio, para visitar a família, por dois meses, a fim de se recuperar do que tinha passado. Além disso, não se deu conta também de que Aisha a convidaria para ir a sua casa e que jamais tinham se encontrado em outro lugar. E, lamentavelmente, saiu tão rápido que esqueceu o celular em cima da mesa, apesar de ter um encontro marcado com Sparta algumas horas mais tarde, naquele mesmo dia...



# SOBRE O AUTOR E A AUTORA



## **Hamilton Magalhães**

Coronel do Exército Brasileiro, da turma da Academia Militar das Agulhas Negras, de 1990. É Precursor e Forças Especiais, tendo servido em várias unidades operacionais da Brigada de Infantaria Paraquedista e do Comando de Operações Especiais, como o Batalhão das Forças Especiais e o Batalhão de Ações de Comando, além do BRABATT 1/13 (Haiti).



## **Suzana Magalhães**

Major do Exército Brasileiro, da especialidade de Pedagogia, e tem atuado há vinte anos no âmbito do Departamento de Educação e Cultura do Exército (DECEX) e no Instituto Militar de Engenharia (IME). Tem Doutorado em Letras pela Université de Paris III (Sorbonne Nouvelle). Publicou o romance *Retorno a 64* e *A Forja: Educação do Guerreiro: o modelo de ensino das Forças Armadas brasileiras*.



www.**PIMENTACULTURAL**.com

Este livro exprime as experiências pessoais e profissionais de um militar do Exército brasileiro, das Forças Especiais, livremente adaptadas mediante tratamento literário.

Os contos e novelas aqui reunidos abordam fatos verídicos ou inventados e inserem personagens fictícios em situações que aconteceram. Os contos e novelas foram distribuídos em três partes - *Diante da morte*, *Salvando vidas* e *Em face do estranho* - a partir de uma determinada interpretação da profissão militar, a mesma que inspira o *pathos* das histórias, os valores, emoções e sentimentos dos personagens.

 peripécia